

REVISTA EDIÇÃO Nº 112 | OUTUBRO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

**ENTREVISTA EXCLUSIVA COM
HENRIQUE MEDEIROS SÉRGIO**

AUTOR DO LIVRO PAPAÍ NOEL VIROU VEADO (FAKE NEWS)

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Henrique Medeiros Sérgio – Foto: Cláudio Fonseca



6

Henrique Medeiros Sérgio é um autor, ilustrador, pesquisador e palestrante brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 27 de dezembro de 1963. Confira entrevista exclusiva que o nosso editor fez na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: [@conexaoliteratura](#)
Facebook 2: [@conexaogramatica](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



EDIÇÃO 112



ÍNDICE

CONTEÚDO



- Expediente, pág. 02**
- Editorial, pág. 04**
- Entrevista com Henrique Medeiros Sérgio, pág. 06**
- Poema: Simbologia colorida, por Sellma Luanny, pág. 14**
- Literatura e arquétipos literários nas canções de Taylor Swift, por Clarissa Xavier Machado, pág. 15**
- A bela da noite, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 22**
- Humanidade, por Monique Nibra, pág. 26**
- Ramos de estudo de direito e literatura, por Renan Apolônio, pág. 30**
- Dicas para leitura, pág. 35**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 36**
- Poema: Alinhavos do coração, por Mirian Mezes de Oliveira, pág. 41**
- A obra Maria Dusá e o feminino na literatura brasileira, por Maria Alice Faustino Durães, pág. 44**
- Poema: Entre relógios e estrelas, por Janete Santos Silva, pág. 47**
- Denúncias de aspectos autoritários do sistema político vigente no contexto de produção do livro *O Quinze* de Raquel de Queiroz, por Maria Alice Faustino Durães, pág. 48**
- Com amor e amizade, por Flavio Joppert, pág. 53**
- Entrevista exclusiva com Arthur Vinícius Feitosa Furtado, pág. 59**
- Entrevista exclusiva com Luciana Simon de Paula Leite, pág. 63**
- Entrevista exclusiva com Luciene Guisoni, pág. 67**
- Entrevista exclusiva com Otávio Bastos Couto, pág. 72**
- Entrevista exclusiva com Daniela S. Terehoff Merino e Cláudia Terehoff Merino, pág. 81**
- Citações de grandes autores, pág. 94**
- Conto: Antes que seja tarde, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 99**
- Conto: Um forte amor, por Idicampos, pág. 104**
- Conto: Transferência, por Iraci J. Marin, pág. 108**
- Conto: Manteiga de bruxa, por Ney Alencar, pág. 111**
- Conto: O mal invisível, por Roberto Schima, pág. 117**
- Conto: O relógio, por Mí Santiago, pág. 121**
- Conto: A história de Amina - Cap 2 - A Viagem, por Sellma Luanny, pág. 125**
- Baixe as edições anteriores, pág. 129**
- Feedback - Escritores e Leitores, pág. 130**
- Passatempo, pág. 133**
- Mídia Kit, pág. 135**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 136**

EDITORIAL REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Querido(a) leitor(a)!

Nossa nova edição destaca Henrique Medeiros Sérgio, escritor promissor que vem se destacando fortemente na área literária. Além de escritor e autor de vários livros, Henrique é também ilustrador e já ganhou vários prêmios. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que ele cedeu para nós :)

E como sempre, você também poderá conferir excelentes dicas para leitura, entrevistas com escritores, poemas, contos, crônicas e muito mais.

Para saber como participar da nossa edição de novembro/2024: clique [aqui](#).

Tenha uma ótima leitura!



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR





Mergulhar em uma
história é como
**explorar um novo
planeta.**

Entrevista exclusiva com Henrique Medeiros Sérgio

POR ADEMIR PASCALE

Henrique Medeiros Sérgio é um autor, ilustrador, pesquisador e palestrante brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 27 de dezembro de 1963. Sua trajetória literária é rica e diversificada, revelando um profundo compromisso com o desenvolvimento artístico e social, sempre abordando temas complexos de forma crítica e acessível. Sua obra mais recente, **“Papai Noel Virou Veado (Fake News)”** (outubro de 2024), mantém essa linha de provocação, explorando temas contemporâneos com uma abordagem criativa e inovadora.

Henrique demonstra grande paixão pela combinação de texto e imagem, como visto em suas ilustrações e capas de livros, sempre buscando criar narrativas envolventes e provocadoras. O impacto de suas obras não se restringe apenas ao Brasil, ele participa de eventos literários internacionais e recebeu prêmios por suas contribuições artísticas.



Henrique M. Sérgio - Foto: Cláudio Fonseca

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Henrique Medeiros Sérgio: Desde jovem, o interesse pela escrita e pelo desenho sempre esteve presente em minha vida. Comecei a produzir textos e crônicas ainda na escola, e o contato inicial com publicações como a Revista Veja e o Jornal O Globo ajudou a expandir minha visão sobre o mundo, cultura, artes, literatura e moda. Minha primeira crônica, “A Árvore e Eu”, publicada em 1978, marcou o início da minha jornada literária. Eu considero o ano de 1995 como o momento em que oficialmente comecei a levar meus textos ao grande público, quando lancei meu primeiro livro, “O Mistério do Jardim”, que foi bem recebido e adaptado para o teatro.



Henrique Medeiros Sérgio - Foto: Cláudio Fonseca

Conexão Literatura: Você é autor de vários livros, incluindo o recente “Papai Noel Virou Veado (Fake News)”. Poderia comentar?

Henrique Medeiros Sérgio: Minhas obras se destacam por abordar temas complexos com uma perspectiva crítica e inovadora. Nelas, frequentemente exploro questões sociais e culturais com profundidade e acessibilidade.

Meu compromisso com o desenvolvimento artístico e social foi amplamente reconhecido com vários projetos aprovados pela Lei Federal de Apoio à Cultura e com a conquista de diversos prêmios. Em 2001, recebi o “Prêmio Comunidade Solidária/Capacitação Solidária” pela nona vez consecutiva, em reconhecimento ao meu projeto de formação de atores, artistas e roteiristas. Este prêmio sublinha meu comprometimento com a capacitação e o desenvolvimento de novas gerações no campo das artes. Durante esse período, escrevi o roteiro “Passando-se por Deus”, uma obra que aborda questões relacionadas à saúde mental.

O espetáculo “Passando-se por Deus”, em sua primeira versão entre 2000 e 2001, na qual participei como protagonista, é uma peça que explora a crise de identidade e a luta interna do protagonista, conhecido apenas como “ELE”. O diálogo intenso e

carregado de emoções reflete o caos interno de “ELE” e sua luta para manter a sanidade. A interação entre “ELE” e os pecados é marcada por uma mistura de ironia, sarcasmo e conflito direto.

Essa obra foi amplamente montada e, em 2023, foi reeditada sob o título “Ensaio de uma Loucura”. A transformação e a recepção contínua deste trabalho demonstram a relevância e a profundidade dele no campo das artes e da reflexão crítica. “Papai Noel Virou Veado (Fake News)” é um livro ilustrado que explora questões sociais e culturais contemporâneas de maneira crítica e provocativa.





Henrique Medeiros Sérgio – Foto: Cláudio Fonseca

A obra aborda temas como consumismo, fake news e homofobia, buscando provocar reflexão e discussão. Esse texto foi encenado em 1997 e adaptado para a realidade atual. O livro destaca como a sociedade transforma fatos em fake news e enfatiza o papel da imprensa na busca pela verdade no combate à desinformação. A combinação de texto e imagem visa tornar a narrativa mais envolvente e impactante.

Conexão Literatura: Além de escritor, você também é ilustrador e capista. Como é o processo de criação para os seus próprios livros?

Henrique Medeiros Sérgio: Em 2008, como professor universitário na área de estética e beleza em uma universidade no Rio de Janeiro, fui convidado por uma empresa a

escrever quatro livros (caracterização, maquiagem, estética capilar e tratamentos capilares). Foram mais de 900 páginas produzidas para essas quatro obras, e todas elas tinham imagens e texto como parte da narrativa educacional.

A combinação de texto e imagem é essencial para mim. Meu processo de criação começa com a escolha do título da obra, seguido pela criação da capa. A última etapa é a elaboração da parte interna, que deve atender bem à narrativa e representar o assunto de cada capítulo. Trabalhar em todas essas etapas me permite garantir que a obra tenha uma coesão visual e textual.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente

para os nossos leitores?

Henrique Medeiros Sérgio: Claro! Um momento marcante do livro é quando se constata que Papai Noel desapareceu. A reação é imediata: “Ele nunca sairia sem antes me avisar. Aconteceu algo de muito grave! Precisamos avisar todo o mundo.” (Mamãe Noel). Esse trecho revela a gravidade da situação e a necessidade de ação diante do mistério.

Conexão Literatura: Você esteve (na realidade, no momento desta entrevista está na Bienal do Livro de São Paulo). Conte para nós como foi a receptividade dos leitores com o seu livro.

Henrique Medeiros Sérgio: Conceder esta entrevista em um local com essa energia superpositiva, que é a do conhecimento, é maravilhoso. Conversar com você, Ademir, que é um grande incentivador da literatura, produz obras lindas, está à frente da **Revista Conexão Literatura** e é colunista da **Revista Projeto Autoestima**, dando voz a diversas pessoas, é algo magnífico e muito simbólico.

A receptividade foi excelente! Estou participando ativamente de todos os dias do evento, divulgando meus livros, participando de encontros e prestigiando outros autores e editoras. Recebi muitos feedbacks

positivos sobre meus livros anteriores, como **“Dinâmica Evolutiva Criminosa da Violência Doméstica”** e **“Nem Tudo É Igual o Tempo Todo”**. Agradeço a todos os leitores e editores pelo carinho, reconhecimento e apoio, com agradecimentos especiais às editoras **Conejo, Lura e Mágico de Oz**, bem como aos seus autores e ilustradores pela troca de experiências.

Achei legal sentir o reconhecimento e os agradecimentos dos leitores por aquilo que entrego para eles consumirem e por disponibilizar muitas de minhas obras gratuitamente. Isso me dá a certeza de que estou no caminho certo ao sempre reforçar meu compromisso com a disseminação do conhecimento e a reflexão social, em vez de buscar retorno financeiro. Esse retorno já é obtido na realização de palestras e workshops que abrangem as temáticas de minhas obras, além de outras ações comerciais e publicitárias.

Conexão Literatura: Você pretende participar de mais eventos literários semelhantes ao da Bienal do Livro?

Henrique Medeiros Sérgio: Sim, estarei na FLIP em Paraty, Rio de Janeiro em outubro, onde participarei de lançamentos de antologias e receberei dois prêmios literários: o **“Prêmio 100 Melhores Poetas da**



“

DESDE JOVEM, O INTERESSE PELA ESCRITA E PELO DESENHO SEMPRE ESTEVE PRESENTE EM MINHA VIDA. COMECEI A PRODUZIR TEXTOS E CRÔNICAS AINDA NA ESCOLA, E O CONTATO INICIAL COM PUBLICAÇÕES COMO A REVISTA VEJA E O JORNAL O GLOBO AJUDOU A EXPANDIR MINHA VISÃO SOBRE O MUNDO, CULTURA, ARTES, LITERATURA E MODA. MINHA PRIMEIRA CRÔNICA, “A ÁRVORE E EU”, PUBLICADA EM 1978, MARCOU O INÍCIO DA MINHA JORNADA LITERÁRIA.

HENRIQUE MEDEIROS SÉRGIO

Língua Portuguesa” e o “Prêmio Carioca de Excelência Artística 2024”. Em dezembro, estarei em Portugal para receber o **“Prêmio Personalidade do Ano 2024”.**

Em 2025, planejo os lançamentos de dois livros na Bienal do Rio de Janeiro: **“Sexo, Chuva e Chocolate e Outras Coisinhas”** (2025), que oferece uma exploração profunda e bem-humorada das diversas dinâmicas das relações amorosas e sexuais; e **“Silenciosos, Porém Barulhentos: Os Heróis dos Super-Heróis”** (2025), um relato fascinante e inspirador sobre a luta contra a censura e a promoção da liberdade de expressão no Brasil. A história gira em torno do protesto iniciado por mim e André Luiz dos Santos Silva contra a censura do livro **“Vingadores: A Cruzada das Crianças”**. Também estarei envolvido em lançamentos de antologias das quais estou participando.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Henrique Medeiros Sérgio: Os leitores podem acessar mais informações e adquirir meus livros no www.instagram.com/henriquemedeiros e na minha página oficial <http://www.henriquemedeiros.com.br>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Henrique Medeiros Sérgio: Sim, além do meu trabalho literário, as palestras e workshops sobre relações interpessoais, intrapessoais e pessoais, estou produzindo um podcast e um novo livro.

Criado em 2017, o **“Programa Exame Minucioso”** será apresentado em formato de podcast a partir de 2025. Em outubro, começaremos a gravar alguns programas. O podcast **“Programa Exame Minucioso”** tem como principal objetivo, ir além das estatísticas frias e oferecer uma visão mais humanizada e detalhada sobre os temas abordados. A proposta é explorar as questões de forma clara, direta e verdadeira, mostrando múltiplos ângulos do assunto discutido. O programa segue um estilo investigativo.

Além disso, estou roteirizando e ilustrando um livro intitulado **“Cafeteria “Xiiii! Cara!” – Umas Xícaras de Café Porque Estou Puto!”**, que apresenta uma cafeteria enigmática e mágica. A ausência de sinais no mapa e a forma como o local parece desaparecer refletem a natureza efêmera e mutável das emoções humanas.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Reino dos Sonhos (Antologia), 2024, Editora Lura.

Um autor ou autora: Duas grandes mulheres da literatura, pela sua importância cultural e social e pelo incentivo que elas proporcionam a outras autoras e autores: Kátia Pires Chagas (Mulheres Reais - @movimento.mulheresreais) e Valéria Barbosa (Sarau das Favelas - @valeriabarbosapoeta)

Um projeto inédito que gostaria de fazer: Ver um roteiro meu virar um filme ou uma série. Seria o máximo!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Henrique Medeiros Sérgio: Sim, muitos agradecimentos aos meus amigos, cujos nomes estão nos créditos desta entrevista, pela importância de suas ajudas, conselhos e, principalmente, pela torcida para que tudo sempre dê certo!

Algumas das perguntas que mais recebo são: **Como posso me divulgar?** Produza conteúdo com responsabilidade e poste nas redes sociais. **Como posso fazer meu texto chegar ao público?** Participe de antologias que estejam alinhadas com aquilo que você escreve; é um bom caminho para divulgar seus textos e fazer com que seu trabalho chegue a autores, organizadores e editoras. Para finalizarmos, deixo essas reflexões publicadas em meu livro **“Pleníssimas. Deixamos a Tristeza para Lá”** (2020): “Não pare no tempo,



Henrique Medeiros Sérgio - Foto: André Luiz

acrescente sempre algo a mais em seus planos!” e “Leia sempre! A leitura amplia seu repertório de conversas e as chances de se destacar, ser autêntico e ter sucesso.”

Muito Obrigado!

SIGA: @henriquemedeirossergio

Créditos:

Autor/Revisor/Fotografia: André Luiz @andreluizdeveloper

Caracterização/Fotografia: Cláudio Fonseca @claudio.fonseca.makeup

Assistente de Produção/Fotografia: Carlos Eduardo @kadu.contato

Entrevista: Ademir Pascale

PROGRAMA
**EXAME
MINUCIOSO**



ANOTE NA AGENDA

"Consumismo, inveja, fake news e homofobia! Desvende este mistério você mesmo!"



Datas de Lançamentos:

Primeira parte
25/10/2024

Segunda parte
08/12/2024

Texto/Ilustração
@HenriqueMedeirosSergio

www.instagram.com/henriquemedeirossergio

SIMBOLOGIA COLORIDA

POR SELMA LUANNY

Estive pensando na "simbologia" das cores... para mim.
Com preferências e humor a escolha bem não se explica...
A começar, o azul vem primeiro... até no cabelo.
É mágico é celeste... é espaço e o profundo mar que o reflete
onde na corda bamba eu danço... e às origens regresso.
O vermelho é quente é sangue... é alegria... é paixão...
para ocasiões e dias especiais, não há rival...
Na alma, felicidade sem igual.
O branco é clareza é pureza... é ofício e abnegação...
é perda... e é a paz de se ligar à eternidade.
O amarelo que outrora era só ouro e sol e energia juvenil...
agora também é saudade.
E o verde que sempre espelhou vida... é esperança...
é um épico voo no compromisso de todos
para com este azul vermelho branco amarelo
verde - e demais cores da paleta - belíssimo planeta...
que é casa... abrigo... e o lugar para florescer o amor.

SOBRE A AUTORA: Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

A portrait of Taylor Swift with long, wavy, light-colored hair and bangs, looking slightly to the right. She is wearing a white top. The background is dark with some bokeh light effects.

Literatura
**E ARQUÉTIPOS
LITERÁRIOS**

**NAS CANÇÕES DE
TAYLOR SWIFT**

POR CLARISSA XAVIER MACHADO

MINIBIO AUTOR: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

*“So come feel this magic
I’ve been feeling since I met you”
(Taylor Swift - Hey, Stephen)*

Taylor Swift é uma artista que dispensa apresentações. No futuro, seu nome ainda será (re)conhecido, pois a cantora estadunidense, que é também compositora e Doutora Honorária em Belas Artes pela Universidade de Nova Iorque, eleita “person of the year” (2023) pela *Time Magazine*, imprime cada vez mais uma marca indelével na história das indústrias audiovisual e literária. Seu êxito é incalculável a ponto de, para a alegria dos *Swifties*, terem sido instituídos cursos inéditos sobre ela, com enfoque em áreas como Empreendedorismo, Economia Criativa, Artes Literárias e Projeto de Vida, disponíveis atualmente nas universidades de Harvard, Stanford, Flórida, Nova Iorque, Arizona, Rice, Buenos Aires (UBA) e até na Universidade das Filipinas (Manila), com destaque para o curso de Literatura, com ênfase em Escrita Criativa, da Universidade de Ghent, na Bélgica, o “Literature: Taylor’s Version”. E não se pode olvidar dos muitos cursos livres já em andamento no Brasil.

Inúmeros são os estudos contemporâneos que associam a cantora à Literatura (e talvez a evidência mais proeminente seja o blog *Swiftierature*) e não por acaso. Apesar da mídia declarar que as canções compostas por Taylor seriam uma espécie de agenda pessoal ou diário de memórias, os textos vão muito além disso, por contemplar intertextualidades tanto com a Literatura Clássica quanto com a Pós-Moderna, de modo que não é difícil identificar as “vozes” de autores como William Shakespeare, Charles Dickens, Sylvia Plath e Margaret Atwood; o que, na verdade, é algo muito normal para aqueles que são leitores; isto é, se você, jovem, é leitor de Shakespeare, por exemplo, ao escrever suas memórias pode, com bastante naturalidade, redigir “o monstro dos olhos verdes” (*Green-Eyed Monster*) ao invés de “ciúme” porque para você, leitor de Othello, isso é óbvio e lhe vem à mente como qualquer outra frase, uma vez que o que foi lido foi incorporado a sua vida.

Neste sucinto ensaio, não comentaremos acerca dos “segredos” do sucesso financeiro tampouco das referências a obras literárias; e sim sobre o inteligente uso que Taylor Swift faz dos Arquétipos Literários em suas composições.

Arquétipos Literários, de maneira abreviada, é uma linha de estudos antiga, iniciada por Platão, reforçada por Plotino e atualizada por Jung; e que no campo literário, ganhou novos contornos sob as perspectivas de Amy Maud Bodkin (*Modelos Arquetípicos na Poesia*, 1934), Northrop Frye (*Anatomia da Crítica*, 1957), Eleazar Moiseevich Meletínski (*Os Arquétipos Literários*, 1998) e Sir James George Frazer (*Ramo de Ouro*, 1890). Taylor sabe explorar muito bem a temática, conjugando com brilhantismo os arquétipos com suas visões particulares, pois provavelmente conhece a força de um símbolo arquetípico no inconsciente individual e coletivo.

Ao analisarmos o mote, percebemos que, boa parte de seu sucesso deve-se a eles, os arquétipos literários, cuja incidência em sua discografia é tão ampla que impõe-se dividir em três grupos: **arquétipos míticos** (mitologia, folclore e contos de fadas), **arquétipos místicos** (espiritualidade, metafísica e física quântica, esta última sob o prisma do eternismo) e **arquétipos das artes literárias** (gêneros, leitura e escrita).

No primeiro grupo, encaixam-se as canções “message in a bottle”, “the labyrinth”, “white horse”, “the archer”, “enchanted”, “anti-hero”, “lover”, “superman”, “mastermind”, “never grow up”, “wonderland”, “king of my heart”, “haunted”, “the joker and the queen”, “drama queen”, “Miss Americana and Heartbreak Prince”, “bejeweled”, “castle crumbling”, “paper rings”, “Cassandra” (mito de Cassandra, profetisa de Apolo, considerada louca), Ivy (planta associada a deusa Hera, símbolo da fidelidade), “invisible string” (lenda do fio vermelho do destino, o fio invisível que une duas pessoas) e “black dog” (lenda do século XVII sobre um fantasma de olhos brilhantes, o anjo da morte). Podemos, ainda, considerar interessante as escolhas dos nomes-títulos de canções *Peter* (2024) e *Robin* (2024), que rapidamente nos remetem aos personagens *Peter Pan* e *Robin Hood*, bem como a escolha das cidades que tanto compõem o nome quanto aparecem em algumas de suas canções como *Paris* (2022), *New York* (2014) e *London Boy* (2019).

Já no segundo grupo, temos “holy ground”, “karma”, “the alchemy”, “the prophecy”, “epiphany”, “deja vu”, “guilty as sin?”, “the manuscript”, “false god”, “state of grace”, “sweet tea and God’s graces”, “beautiful ghosts”, “daylight”, “starlight”, “afterglow”, “drops of jupiter”, “willow”, “birch”, “out of the woods”, “the lakes”, “the albatross”, “mirrorball”, “big star”, “bigger than the whole sky”, “sparks fly”, “electric touch”, “I’m only me when I’m with you”, “red”, “seven”, “forever and always”, “evermore”, “timeless”, “you belong with me”, “LOML” (amor da minha vida), “two is better than one”, “you will always find your way back home”, “peace”, “happiness”, “lucky you” e “the lucky one”.

Finalmente, no terceiro grupo, estão “the diary of me”, “the tortured poets department”, “dear reader”, “dear John”, “sweeter than fiction”, “today was a fairytale”, “legends”, “question...?”, “if this was a movie”, “the story of us”, “thug story” (história de bandidos), “our song”, “monologue song”, “love story” e “long story short” (expressão equivalente ao nosso “resumo da ópera”).

Saltam aos olhos alguns arquétipos que, digamos, são de domínio público, como o das cidades, e alguns mais comuns, que apesar de intrínsecos ao meio literário, são relativamente conhecidos pelas pessoas por sua recorrência em contos de fadas e fantasia, como é o caso do joker (ou trickster), do poet (ou criador), do lover (amante), do hero (herói) e do anti-hero (que para muitos, poderia ser também o próprio herói ou até mesmo o trickster), bem como, de forma incidental, do “arquétipo do amor”.

*“I could give you 50 reasons
Why I should be the one you choose
All those other girls, well, they’re beautiful
But would they write a song for you? (Ha-ha)”
(Taylor Swift - Hey, Stephen)*

No que concerne aos arquétipos literários das cidades, cumpre mencionar que estes funcionam exatamente como os de personagens, isto porque na Literatura (e na música) a cidade pode figurar até como protagonista. A construção e preservação do simbólico no imaginário coletivo é o que sustenta o *status* dessas cidades claramente envoltas por uma atmosfera hipnotizante de mistério, enigma e magia, e, por isso mesmo, elevadas à categoria de “cidade arquetípicas” como *cidade luz* (Paris), *grande maçã* (Nova Iorque) e *grande névoa* (Londres).

Dentre os vários arquétipos literários catalogados desde as oraturas, aqui nos ateremos ao do herói. Para Eleazar Meletínski, o arquétipo do herói está desde o início intimamente ligado ao anti-herói, o qual muitas vezes une-se ao do herói, numa única pessoa (donde surge a figura do Duplo ou do Gêmeo, incansavelmente trabalhada por Dostoiévski e por Borges).

Esse arquétipo do herói encapsula ainda a figura do amor, em especial, a do amor cortês, próprio do romance cavaleiresco, uma vez que, segundo Meletínski o princípio da personalidade do herói cortês manifesta-se em seus sentimentos e sua paixão amorosa, como acontece em Tristão e Isolda (Joseph Bédier), pois a doutrina do amor cortês é o que inspira os feitos do cavaleiro. Nesta esteira, prosseguimos, com a questão do “Arquétipo do Amor”, colocado propositalmente entre aspas, uma vez que o amor é um assunto *sui generis*, por sua amplitude. Nada parece realmente representar o amor com exatidão e ninguém parece realmente ter logrado alcançá-lo, a não ser por ideias ou símbolos secundários. Ainda que se acredite que “Arquétipo de Cupido”, “Arquétipo de Afrodite” e “Arquétipo do Príncipe Encantado” possam se aplicar, e em muitas ocasiões são mencionados para fins didáticos; na realidade, essas terminologias curiosamente não têm respaldo literário, uma vez que os pesquisadores apontam que os arquétipos em questão já existem; ou seja, Cupido é o trickster que vai (como aliás Shakespeare demonstra em *Sonho de Uma Noite de Verão*) tentar “armar” uma conexão entre duas pessoas; Afrodite é como o mago que utiliza magia ou poder (neste caso, de sedução) para atrair para si o que ou quem deseja, e o Príncipe Encantado é o amante, o protótipo do amor idealizado ou do amor dos contos de fadas. Neste passo, faz-se oportuno aludir à obra “Os Seis Arquétipos do Amor” (2011), do Prof. Dr. Allan G. Hunter em que fica claro que tais “arquétipos do amor” são imagens clássicas concernentes à própria ideia difundida, ao longo dos séculos, sobre o amor, a saber: guerreiro-amante, inocente, órfão, monarca, mago e peregrino; o que coincide perfeitamente com a manjada classificação dos seis tipos de amor: eros (amor romântico), philia (amor amistoso), storge (amor fraternal), ágape (amor cósmico), ludus (amor divertido) e pragma (amor racional); teoria, em parte, proposta por C.S. Lewis (sim, ele mesmo, o autor das *Crônicas de Nárnia*!) na obra “Os Quatro Amores” (1960).

*“Hell was the journey
but it brought me Heaven.”*
(Taylor Swift - Invisible String)

Cai a lanço notar que Taylor Swift traz em seu repertório o que os acadêmicos denominam de “motivos arquetípicos” que são elementos folclóricos, mitológicos ou sobrenaturais como fantasmas e outras figuras ameaçadoras em cujas mãos o herói ou a heroína acaba caindo, cedo ou tarde. Ou como a floresta, cuja representação literária tradicional é de uma situação de perigo, como observamos claramente no caso de “out of the woods” literalmente “longe das florestas” e metaforicamente “fora de perigo”. O herói, como já sabemos, se sai bem ao final de sua jornada, conseguindo salvar a si e, eventualmente, a outros; não apenas graças a sua astúcia e poder mágico, mas porque o herói acastela valores que são o seu grande diferencial: força, intrepidez e criatividade, e é isso o que garante que ele execute as tarefas difíceis com êxito.

Joseph Campbell em sua obra “O Herói de Mil Faces” (1949) trabalha justamente o tema da jornada do herói, que modernamente foi estendido para a *jornada da heroína*. Segundo ele:

A aventura habitual do herói tem início com uma pessoa de quem algo lhe foi tirado, ou que sente que lhe falta algo em sua experiência.

Em uma análise superficial da obra de Taylor, coincidimos com a definição de Campbell, e notamos a narrativa bem construída da jornada da heroína com todas ou praticamente todas as fases explícitas, quais sejam aventura, encontro, recusa, provações e recompensa, este último, geralmente, o retorno ao amor, que pode ser o amor-próprio, como acompanhamos em “my turn to be me”.

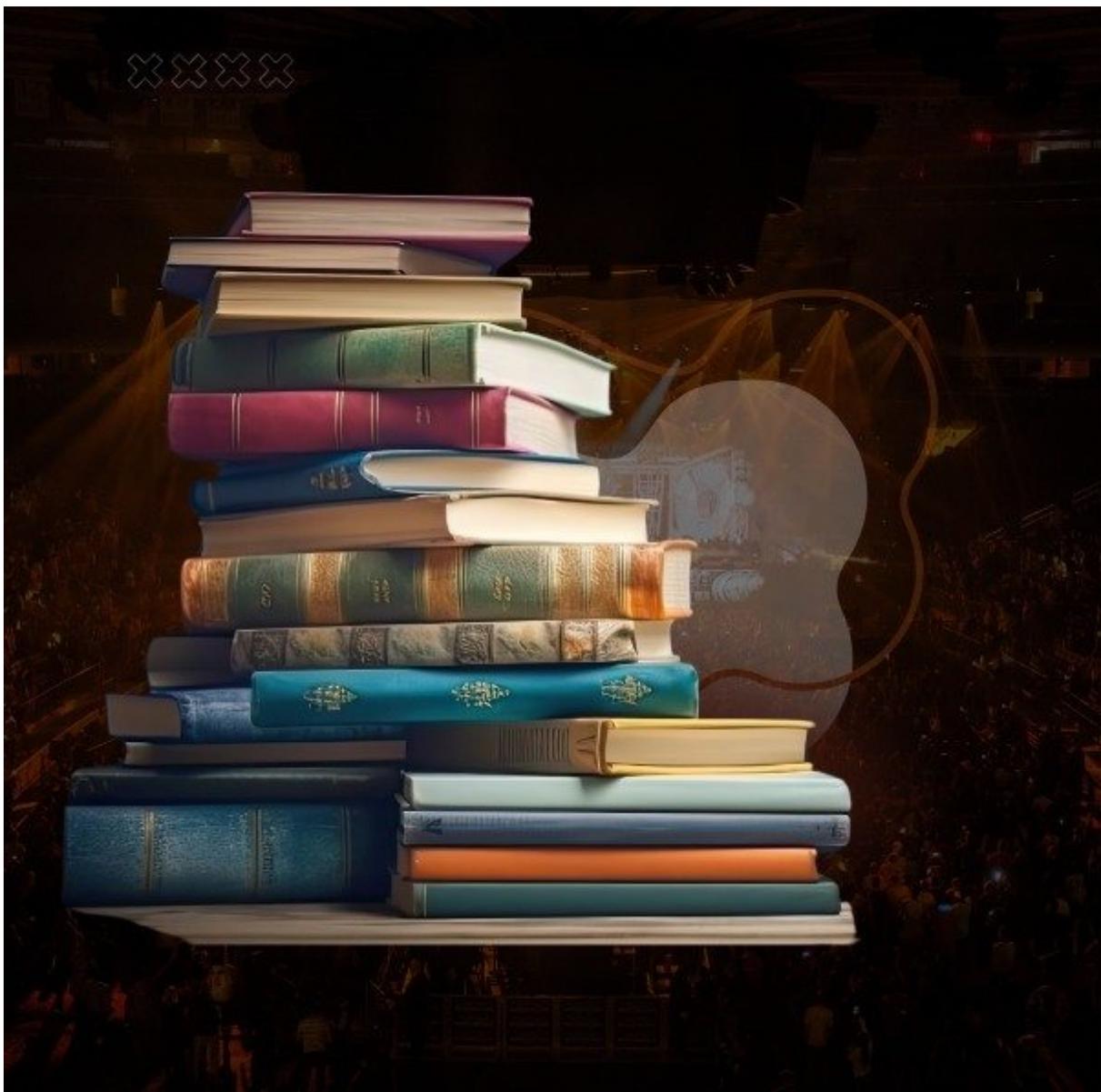
O acervo de Taylor Swift tão disponível e acessível permite que estudantes de todas as idades, fã ou não, possam se inspirar a iniciar processos criativos para fins comerciais ou pessoais, uma vez que permite desenvolvimento de técnicas nos campos das Escritas Criativas e Leituras Criativas. No âmbito das terapias, seu uso como parte das Terapias Literárias como Contos de Fadas-Terapia, Mitoterapia, Epistolaterapia (escrita de cartas), Memoir Therapy (escrita de memórias ou diários) e Songwriting Therapy (escrita de canções) se faz particularmente útil e promissor. Nessa vereda, convém registrar o frutífero incentivo à escrita manual, sobretudo, por meio dos *hits* “The manuscript”, “Hey, Stephen”, “Dear reader” e “Dear John”; o que, indubitavelmente, vai ao encontro de estudos contemporâneos das áreas de Neurociência e Biologia Molecular, os quais preconizam que a escrita à mão beneficia a saúde mental como corroborado por pesquisas da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia (NTNU) cujos resultados foram publicados na Revista *Frontiers in Psychology*.

Taylor Swift, para além de uma entusiasta da escrita e da leitura literária, é definitivamente, uma profunda conhecedora do poder dos arquétipos. Demonstra saber que eles comunicam-se diretamente com o inconsciente, razão pela qual, a propósito, as marcas famosas não abrem mão deles.

Em suma, Arquétipo é garantia de sucesso e Taylor sabe muito bem disso, e tanto sabe que recentemente divulgou uma mensagem em que assina “de punho e letra” como *Chairman* do *Departamento dos Poetas Torturados*, uma “organização” que já conta com

milhares de adeptos para a alegria da Literatura Universal, e quem sabe, em breve, também do Cinema...

*“All's fair in love and poetry...
Sincerely,
The Chairman
of The Tortured Poets Department.”
(Taylor Swift)*



20
24

YOUTUBE

LITERATURA,
CURIOSIDADES E
MISTÉRIOS



● NOVOS VÍDEOS NO CANAL

CONEXÃO

NERD

www.youtube.com/conexaonerd

APRESENTADO
POR ADEMIR PASCALE

A BELA DA NOITE



POR GILMAR DUARTE ROCHA

Início da década de oitenta.

Era noite de um prosaico dia de meio semana e eu, estudante de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Salvador, jovem, vigoroso e sonhador, descia a escada rolante do primeiro shopping center da Bahia, trazendo os livros encaixados entre a mão e o braço direitos – era fim de noite e eu voltava da aula noturna no colégio – e na outra mão segurava por extrema curiosidade um recorte do jornal A Tarde que trazia uma pequena matéria na página de variedades: *“Hoje, inauguração da loja H.S., famosa rede de joalherias do mundo inteiro. Os proprietários prometem champanhe e a presença de uma celebridade francesa”*.

Champanhe não constava do meu cardápio de bebidas, até porque fazia pouco uso de bebida alcoólica na casa dos vinte e poucos anos; joias eram coisas extraterrestres para mim e o que me interessava mesmo era vislumbrar, nem que saiba de longe, a célebre personalidade da Gália, que o jornal não havia nominado.

Estava arfante, ansioso e atrasado. Aproximava-se a hora de fechar o shopping e eu ali descendo escadas e rampas e por fim alcançava a última escada rolante que me permitia ver as letras douradas e reluzentes da nova loja de joias da Bahia.

Mas eis que, de súbito, percebia um grupo de pessoas subindo as escadas através do outro lance paralelo. Deduzi que havia perdido definitivamente o horário do evento e aquelas pessoas que subiam a escada faziam parte certamente do staff da celebridade de França.

Cruzaram por mim dois homens altos vestidos com terno negro; um senhor careca e baixo; uma mulher idosa trajada espalhafatosamente e, cerca de quatro lances de escada abaixo, subia uma pessoa que parecia emanar luz do seu corpo tal qual o astro-rei. Fiquei cego momentaneamente. Quando ela estava quase em posição simétrica à minha, fiquei embasbacado e boquiaberto com a beleza da diva, que reconheci imediatamente ser a atriz Catherine Deneuve, pois, por coincidência, eu havia assistido havia pouco tempo ao clássico “La Belle de Jour”, ou “A Bela da Tarde”, clássico do cineasta espanhol Luis Buñuel (1900-1983), exibido no Cine Guarani, atual Glauber Rocha.

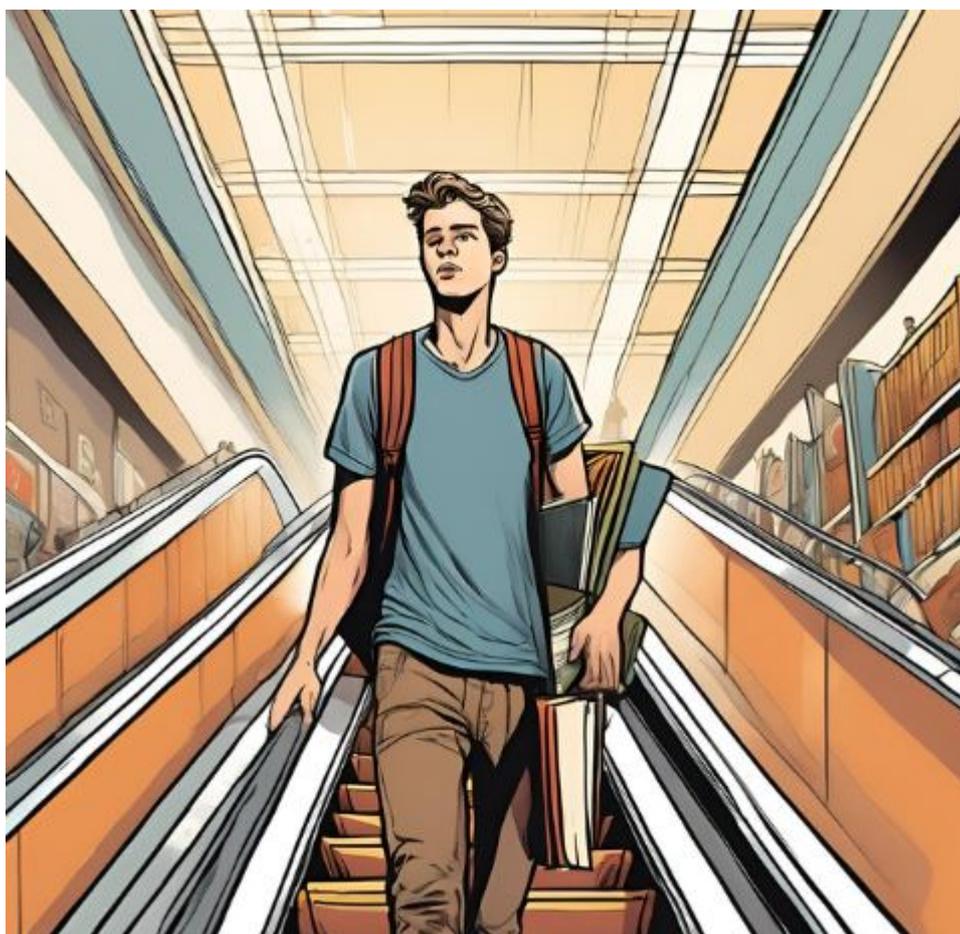
Além da beleza da atriz, que estava em pleno auge da carreira e da formosura, aos quarenta e poucos anos, chamava-me à atenção a pele alva como porcelana de rara procedência; os longos cabelos loiros e doirados (que vim saber mais tarde tratar-se de cabelos castanhos tingidos de claro, através da leitura de um livro de memórias do cineasta francês Roger Vadim, ex-marido da atriz, fato que não retira nenhuma áurea daquele esplendor de cabelo); a face longilínea de traços belos, curtos e bem contornados, fazendo transparecer que algum ser divino a esculpiu como se fosse uma boneca e depois deu-lhe vida a partir de corpos estrelados emanados de uma varinha de condão; o corpo alto, elegante, de curvas perfeitas, encoberto por um vestido de tecido que alternava entre as cores brancas e verde claro, salpicado por centenas de pequenas pedras brilhantes.

Para o menino grapiúna, aquele cabra que veio direto do baixo sertão da Bahia, aquele encontro só podia ter sido encomendado por Deus.

Exageros à parte, ao longo de minha vida já me deparei com inúmeras personalidades, nacionais e internacionais, artistas, escritores, políticos, jogadores, artistas, atrizes inclusive, mas nenhum encontro casual ficou tão desenhado na minha mente e tatuado no meu coração como aquele. Seria amor platônico? Não sei.

Durante algum tempo eu me gabava com os amigos e sempre que reportava esse encontro, algum gaiato devolvia: “ora, outro dia, encontrei com Michelle Pfeiffer no carnaval, dei inclusive um beijo nela”; “Julia Roberts passou outro dia lá no flat e a gente tomou um belo banho de piscina”; “Kim Basinger, sempre que vai Rio, não deixa de passar lá em casa”, e por aí vai.

Assisti mais recentemente a um filme de Catherine e vi que o tempo mexe com a gente, sim, como dizia o saudoso compositor Belchior. Ela está um pouco gordinha; com as rugas inevitáveis da idade que já avança; com os cabelos menos frondosos, mas, no fundo, ainda leva consigo aquela áurea que só os seres extraterrestres decerto devem possuir.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Assessoria Acadêmica

Está com dúvidas de como cursar seu mestrado ou doutorado no conforto da sua casa?
Precisa publicar artigos científicos?
Quer publicar seu livro?
Mande uma mensagem pelo Whatsapp, quem sabe eu não te ajudo?



CURRÍCULO



ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP

 (61) 98203-9474

c/ José Carlos Guimarães Junior

 @profjc65



HUMANIDADE

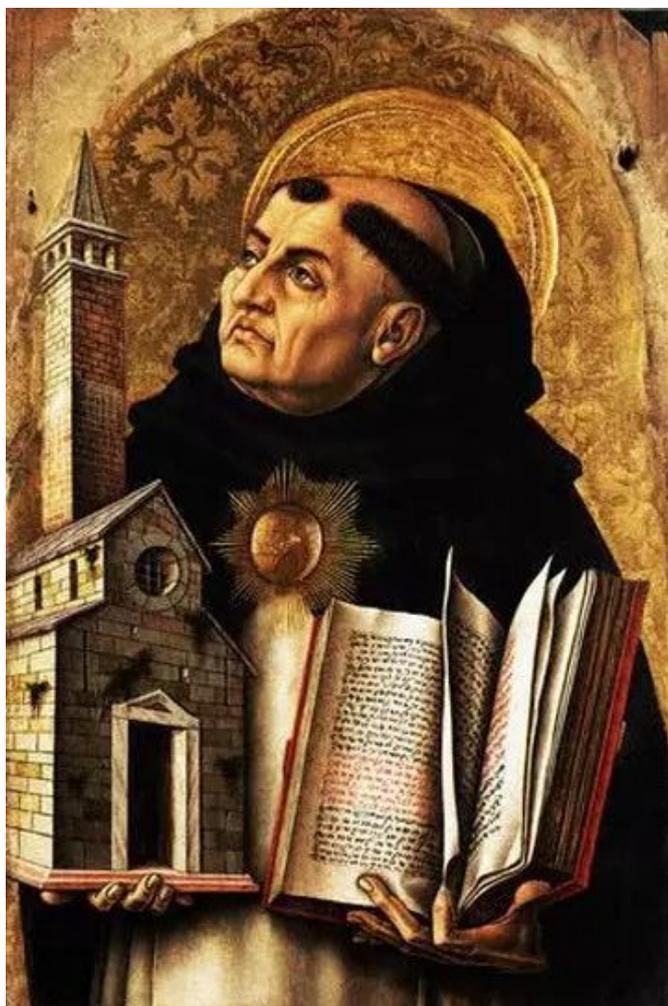
POR MONIQUE NIBRA

[...] O QUE É, DE FATO, *HUMANIDADE*? VOCÊ SABE O VERDADEIRO SIGNIFICADO DESSA PALAVRA?

Esta semana, ao assistir ao jornal da tarde, me deparei com uma notícia que mexeu comigo: um motoboy salvou uma criança durante o acidente de um ônibus que capotou na Zona Norte do Rio de Janeiro. Nesse momento, uma pergunta invadiu minha mente: o que é, de fato, *humanidade*? Você sabe o verdadeiro significado dessa palavra?

Curiosa, fui buscar no bom e velho dicionário – ou “pai dos burros”, como minha avó costumava dizer. De acordo com ele, humanidade é aquilo que é próprio da natureza humana, que se relaciona com todos nós. Ela envolve sentimentos de bondade, compaixão e empatia. No entanto, ao ver tantas notícias ruins, às vezes me pergunto: será que a humanidade está se perdendo? Será que estamos, aos poucos, deixando de ser humanos?

Por outro lado, acredito que a humanidade não mudou. Se esses sentimentos fazem parte de nossa essência, então ainda estão aí, dentro de cada um de nós. O problema não é a ausência da humanidade, mas os *desvios* que ocorrem ao longo do caminho – é isso que nos torna mais ou menos humanos.



Fui buscar uma resposta na filosofia. Para o pensador Tomás de Aquino, o mal nada mais é do que a ausência do bem. Concordo com ele. O mal, muitas vezes, é a ausência desses sentimentos humanos fundamentais. Quando nos afastamos do que nos define, entramos por caminhos que, infelizmente, podem não ter volta. Ninguém nasce mal. Somos moldados pelo ambiente, pelas escolhas, pelos traumas. Claro, existem casos extremos, mas quantos dos criminosos que vemos nos noticiários são psicopatas? A maioria não é. São pessoas que, em algum momento, se perderam. E, uma vez perdidos, causam destruição – em suas vidas e na de outros.

Mas há esperança. Esse ciclo de desvios pode ser quebrado. Não é fácil, claro. Regenerar é trabalhoso. Exige paciência, empatia, dedicação. Exige, em suma, humanidade.

Quero, no entanto, falar de outro lado dessa história. O ser humano que ajuda, que acolhe, que ama. Ele ainda existe, e o motoboy que salvou aquela criança é prova disso. Ele representa uma legião de pessoas que, dia após dia, dedicam seu tempo, sua atenção e seu carinho a quem precisa. Esses são os *focados*. Focados em serem humanos. E, justamente por estarem tão centrados no que importa, dificilmente se perdem.

Ser humano não é ser perfeito. Às vezes erramos, agimos com a cabeça quente. Mas, logo, nos reconectamos com aquilo que realmente somos e seguimos adiante, porque somos humanos. E ser humano, com todas as falhas e imperfeições, já é suficiente.

A mensagem que quero deixar é essa: não se deixe desviar. Faça o que puder para ser o mais humano possível, em todas as situações. A perfeição não é o objetivo. O que importa é sermos humanos. E isso, meu amigo, já é mais do que suficiente.



SOBRE A AUTORA: Monique Nibra é mãe atípica. Formada em Letras e Arquitetura e Urbanismo, trabalha com Escrita Criativa e Reformulação de Textos. Dedicase a transformar ideias em palavras que ressoam. Escreve Livros, Contos, Poesias, Colunas e Artigos, sempre com a paixão de explorar novas narrativas e dar vida a histórias únicas. A leitura e a escrita são suas grandes paixões, e acredita que cada página, seja ela lida ou escrita, é um passeio por mundos imaginários, uma busca incessante por expressão e conexão. **Instagram:** @nibrarquitectura

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO, NÓS FAZEMOS ISSO PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE 900 MIL
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI ←

www.revistaconexaoliteratura.com.br



RAMOS DE

ESTUDOS

DE DIREITO E LITERATURA

Por Renan Apolônio



Nos últimos anos tem crescido no Brasil pesquisas, publicações e grupos de pesquisa sobre “Direito e Literatura”, como é chamado o fenômeno interdisciplinar que relaciona as ciências jurídicas e as ciências literárias e seus respectivos objetos de estudo. Torna-se, portanto, cada vez mais importante o estudo teórico sobre essa proposta interdisciplinar (ver TRINDADE e BERNSTIS, 2017, p. 238-245).

Neste breve ensaio, pretendo apresentar as cinco principais formas de interação entre o Direito e a Literatura, fazendo referência ao que se estuda nessas cinco áreas e também dando exemplos dos respectivos objetos de estudo (ou seja, como direito e literatura interagem na prática).

Essas linhas principais de investigação na área de Direito e Literatura são: a Teoria do Direito e Literatura, o Direito como Literatura, o Direito com Literatura, o Direito na Literatura, e o Direito da Literatura.

A teoria do Direito e Literatura estuda as questões filosóficas, metodológicas e históricas desse ramo do conhecimento. Este artigo, por exemplo, é um texto que versa sobre a teoria do Direito e Literatura.

Exemplo de trabalho científico de grande qualidade produzido no âmbito da Teoria do Direito e Literatura é o artigo *Direito e Literatura: um grande mal entendido? As críticas de Richard Posner e Robert Weisberg ao Direito na Literatura*, publicado pela professora Amanda Muniz OLIVEIRA (2019), onde ela revisita as bases do assim chamado “*law and literature movement*” e dois de seus principais críticos nos primórdios do movimento nos Estados Unidos da América e as principais respostas a tais críticas.

O Direito na Literatura (ou Direito através da Literatura) é a perspectiva pela qual uma ou mais obras literárias são utilizadas como fonte de pesquisa, como retrato da sociedade, para desenvolver-se a investigação de determinado fenômeno jurídico, no passado e/ou no presente da sociedade retratada (TRINDADE e ALCÂNTARA, 2020, p. 19).

Exemplos não faltam de obras literárias ricas em elementos jurídicos. A novela “Um advogado em Brasília”, do advogado Ives Gandra da Silva Martins, é um marco histórico na publicação, no Brasil do século XXI, de várias obras de ficção envolvendo o mundo jurídico.

O Direito com Literatura (ou Literatura no Direito) procura identificar formas em que a literatura contribui para a prática forense, para a compreensão dos problemas sociais ou mesmo às questões filosóficas com as quais se constroi o Direito (GONZÁLES, in: TRINDADE e KARAM, 2018, p. 24).

Não é surpreendente, portanto, que magistrados citem poemas e letras de música em suas decisões, ou que doutrinadores façam referências a filmes e romances em suas obras jurídicas.

Há até mesmo peças jurídicas escritas com formas literárias, como a sentença da ação de usucapião nº 5000169-84.2021.8.12.0467, onde o magistrado inicia o relatório da seguinte forma: “*Pede o Estado de Minas Gerais / Que se declare, por usucapião, / Observados os termos legais, / Em originária aquisição, / A propriedade de um sobrado / Onde se encontra instalado / Todo o serviço judicial / O Fórum Wilson Alvim Amaral.*”.

Por fim, o Direito da Literatura, que busca, no direito positivo, tudo aquilo que seja pertinente à produção literária, como a liberdade de expressão, os direitos do autor, a imunidade tributária sobre o livro, etc. (KARAM, 2017, p. 832-833).

Quando há atividades humanas relevantes para a sociedade, é comum que a sociedade, organizada politicamente, trate de regular essas atividades, seja impondo limites, ou prescrevendo formas de responsabilização pela atividade, etc. Por essa razão, a escrita, publicação, comercialização, e outros atos práticos relativos à atividade literária muitas vezes são regulamentados pelo direito.

Por exemplo, a Constituição Federal, em seu artigo 150, proíbe que sejam instituídos impostos sobre “livros, jornais, periódicos e o papel destinado a sua impressão”. Interpretando essa norma constitucional, o Supremo Tribunal Federal já entendeu que a regra se aplica também a “filmes e papéis fotográficos necessários à publicação de jornais e periódicos (Súmula 657), “livro eletrônico (e-book), inclusive aos suportes exclusivamente utilizados para fixá-lo” (RE 330.817), e a álbuns de figurinhas (RE 221.239). Nada explica porque é tão caro comprar livros no Brasil.

Fala-se, inclusive, no Direito à Literatura, inclusive como direito humano, como defendia o sociólogo Antônio Cândido, que acabou tornando-se um dos precursores dos estudos de Direito e Literatura no Brasil.

Para Antônio Cândido, deve-se considerar literatura “*todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.*” (CÂNDIDO, 1995, p. 176).

A isso, ele acrescenta o porque de a literatura ser essencial à vida humana: “*Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.*” (idem)

O Direito como Literatura trata o texto jurídico-forense como um texto literário, e passa a analisá-lo como tal (KARAM, 2017, p. 833). Tais estudos, por exemplo, podem estudar os textos de um processo judicial em seus elementos narrativos, retóricos, suas figuras de linguagem, analisando como a construção da verdade é realizada a partir da dialética processual.

Nessas análises, os personagens são as partes do processo (partes propriamente ditas, mais os magistrados, servidores, auxiliares, terceiros intervenientes, etc.). O conflito

da narrativa em realidade é um conflito de narrativas, onde protagonista e antagonista (autor e réu) confrontam versões de fato e de direitos, com a participação de coadjuvantes (testemunhas, peritos, oficiais de justiça, etc.), e que, ao final, o magistrado decidirá qual a narrativa correta, que não necessariamente corresponderá à narrativa do autor ou do réu, podendo ser uma combinação de ambas, ou uma nova interpretação dos fatos e do direito.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. IN: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 171-193.

KARAM, Henriete. Questões teóricas e metodológicas do Direito e Literatura: um percurso analítico-interpretativo a partir do conto *Suje-se gordo!* de Machado de Assis. **Revista de Direito GV**. São Paulo, vol. 13, n. 3, set.-dez., 2017, pp. 827-865. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/revdireitogv/article/view/73327>

OLIVEIRA, Amanda Muniz. *Direito e literatura: um grande mal-entendido? As críticas de Richard Posner e Robert Weisberg ao direito na literatura*. **ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 395–416, 2019. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/565>

TRINDADE, André Karam. ALCÂNTARA, Guilherme Gonçalves. **Constitucionalismo de ficções: uma incursão na história do direito brasileiro por meio da literatura**. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020.

TRINDADE, André Karam. BERNST'S, Luísa Giuliani. O estudo do direito e literatura no Brasil: surgimento, evolução e expansão. IN: **ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura**. 2017, v. 3, n. 1, jan.-jun. 2017, p. 225-257. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/326>

TRINDADE, André Karam. KARAM, Henriete. **Por dentro da lei: direito, narrativa e ficção**. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2018.



Renan Apolônio, de Olinda, Pernambuco.

Advogado, escritor e tradutor. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Escritores Santos dos Últimos Dias. Escreve poesia, contos, ensaios, alguns deles publicados nas revistas *Liabona*, *El Pregonero de Deseret*, *Irreantum*, *Revista Conexão Literária*, *Revista Caderno de Literatura*, além de publicações em obras coletivas e revistas científicas. Autor do livro "Últimos Dias: poesia e restauração". Editor do blog *crepusculismo*, e editor de traduções da revista eletrônica *Irreantum*, da Association for Mormon Letters. Blog pessoal do escritor: <https://renanapolonio.blogspot.com/>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

MISTÉRIOS CONTOS E POEMAS

VOL. II

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ANTOLOGIA - VOL. II

MISTÉRIOS

E-BOOK



CONTOS
E POEMAS

CONEXÃO
LITERATURA

saiba mais: clique aqui

DICAS PARA LEITURA

TEMPO DE AMAR - VOL. XII, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS



SELO CONEXÃO LITERATURA

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

No Amanhecer da Noite!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Tão lindo o Luar que está de "pé"
Em leve o "despreguiçar" por acordar agora
O Céu em alegria suavemente se encantou
Observando estrelas, então, cintilando
Ah! Verdadeiro "Véu" amortizado em
luminosidade

Ao deslumbrar, senti "amanhecer" também em
mim a "fé"

Repousando, novamente, pois estava indo
embora

Pelo entorno o amor logo chegou
Exaltando o poder por, ainda, estarmos
amando

Como não! Em radiante felicidade

Da intuição, cabelos penteados ajustados no
lugar

Face maquiada aguardando você chegar
Imponente... radiante...

Como um belo soldado infante
No meu coração quanta alegria ao "abrigar"

Da emoção, no passo a passo, o suave
caminhar

Abraços... beijos deliciosos sem parar
Alguns não, mas "outros" apressados
Tão bem-amados

Quão belo sentimento sentir você assim chegar
para, com amor, o "abrigar"



E, por aí se vai...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

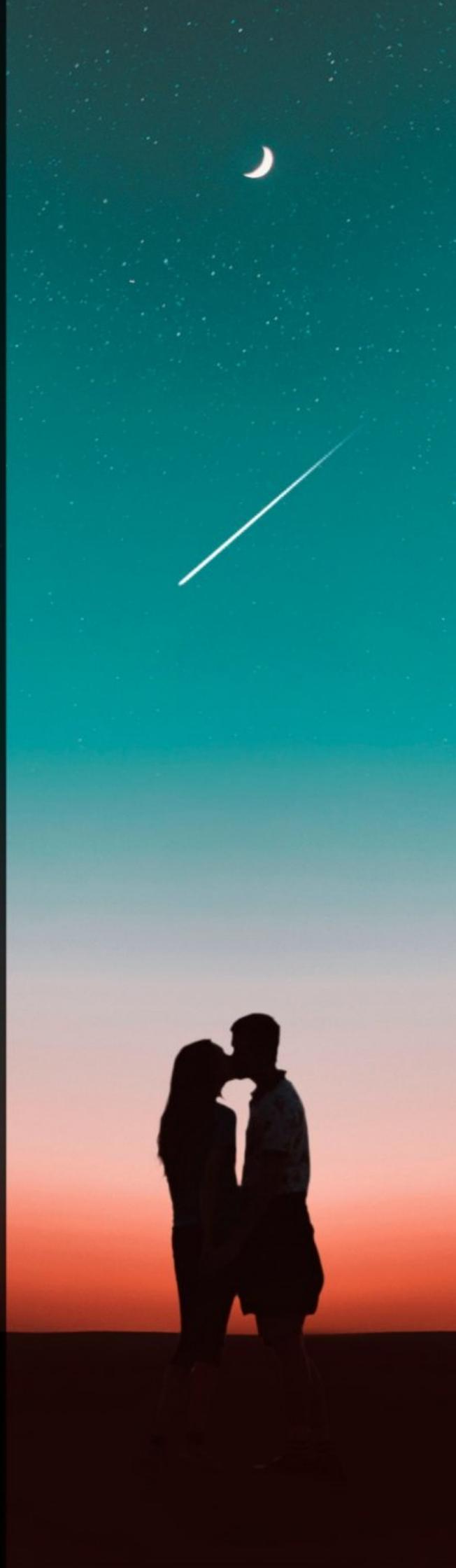
Do delicioso "acontecer"
Abertura dos braços
Como que comemorando "pedaços"
Do tão belo viver

Na despedida
Aquele fingir de cansaço
Pelas "delícias" vividas
Então, pensando na solução, o apertado
abraço

Nele, no colar dos corpos, faces se deslizando
Pouco a pouco, lábios se aproximando
E do incontrolável desejo
Que se vá embora o "despejo"

Volta-se ao sonhar
Sonhos maravilhosos de se amar
Da força do abraço nada se desgruda
E, com nova imaginação, o surgir da grande
ajuda

E, por se vai...
O corpo a corpo que não se sabe como,
somente atrai
Borbulhando no ar, juras para permanecer
Enfim, o grande e belo, delicioso "anoitecer"



Assim estarão...

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ah! Minha querida "flor"
Para a final conquista do teu amor
Se preciso, muito chorarei
Nos momentos e por quantas vezes for
Sobre as "lágrimas" todas guardarei
Até dos "rastros" o caminhar
Para que ninguém possa as "descartar"

Com especial Juras "entesouradas" em um
cantinho

Bem escondidinho em um "repousar"
Colocadas, cada uma, devagarinho
Sem barulho para não te acordar
E somente meu "coração"

Em rara emoção
Saberá no "Tesouro" o lugar como as
encontrar



SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na - REVISTA CONEXÃO LITERATURA - em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024 e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa - Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação com oito Poemas nos Livros ESCREVER CAMÕES e ESCREVER ANTERO DE QUENTAL.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa - Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa - Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

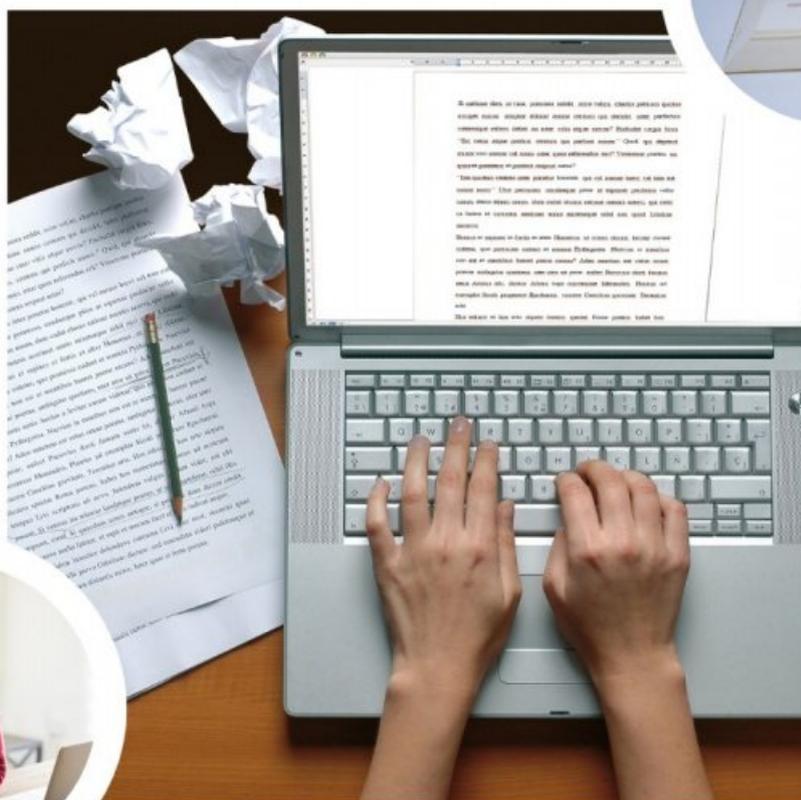
Instagram: joaquimgouvea_

Email: mjgouvea@hotmail.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org
www.revistaconexaoliteratura.com.br

por
Mirian MENEZES
de OLIVEIRA

alinhavos do **CORAÇÃO**

Coisa linda este tal de sentimento
que traz ao coração, certa quentura!
Tão bom sentir nascer o pensamento,
conectado a este órgão de candura!

Corações unidos são "o alimento"
que fortalece a humana estrutura!
O sentimento de pertencimento
enlaça cada tribo à sua cultura!

Assim funciona cada "nano mundo".
Pequenas tribos formam o universo...
Há, no coletivo, algo bem profundo...

Por conta do ser humano diverso...
E o coração é órgão tão fecundo,
que dita, num poema, cada verso!

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

Conheça as realizações da
CASA BRASILEIRA DE LIVROS

Maiores concursos literários do Brasil:

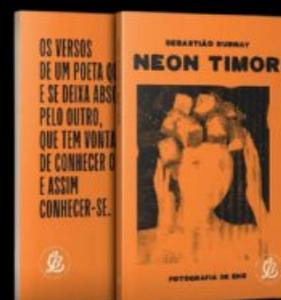


MicroConto de Ouro



PENA DE OURO

Edições de novos livros para o mercado brasileiro:



Patrocinadora de iniciativas literárias:

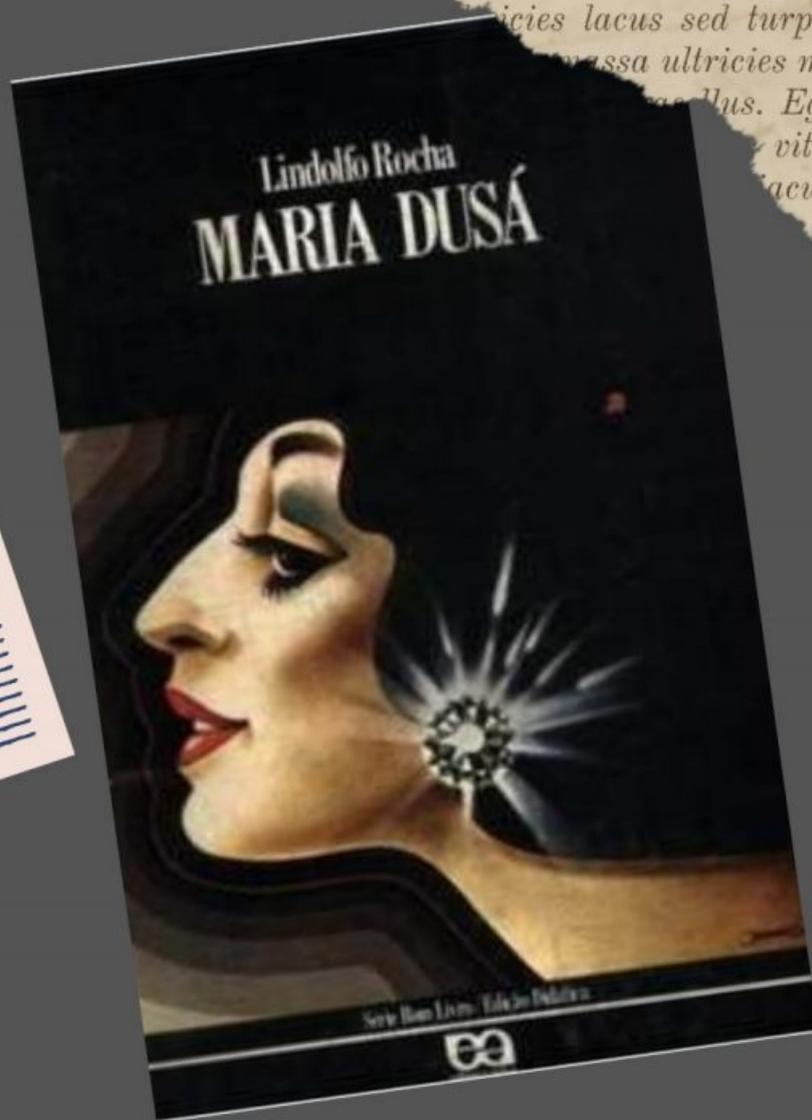
— revista —
conexão
LITERATURA

Concursos Literários



Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com



A OBRA MARIA DUSÁ E O FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA

Por Maria Alice Faustino Durães

ROCHA, Lindolfo. Maria Dusá. São Paulo: Ática, 1980.



*vitae semper quis
lorem sed risus ultr
unt nunc pulvinar sapien
lorem dolor. Vel fringilla est ullamcorpe*



Um dos precursores do romance regionalista moderno no Brasil, Lindolfo Rocha foi jornalista, escritor, professor, juiz de direito, astrônomo, poeta, músico e historiador. Ele nasceu em 3 de abril de 1862, em Grão Mogol, Minas Gerais e faleceu em 30 de dezembro de 1911 na cidade de Salvador. Sua obra mais famosa foi *Maria Dusá*, um dos mais importantes livros da literatura brasileira, e que inclusive virou telenovela da Rede Globo de Televisão em 1978 com o título de *Maria, Maria*, adaptada por Manoel Carlos, uma homenagem à esse livro que foi escrito no período de transição da literatura brasileira, no início do século XX

Maria Dusá conta a história da personagem central que dá nome ao livro, que tem como pano de fundo o interior baiano. O destino da protagonista é de infortúnios, vivendo na pobreza e violência. Maria Emerentina Alves que se tornou prostituta, recebe o Dusá como apelido dos seus admiradores, graças a sua risada que gerou o conhecido “dos as” que ao simplificar os “ah! ah! ah!”, se uniu em uma só palavra. Na história aparece outra Maria Alves na cidade de Xique-Xique, que se assemelha muito com Maria Dusá na aparência física, essa que foi vendida pelo pai em troca um pouco de sal. Com a chegada do tropeiro e mineiro Ricardo Valeriano Brandão surge um triângulo amoroso entre esse personagem com essas duas mulheres.

As definições físicas e morais desses personagens são desenvolvidas pelo autor. Maria Dusá personagem de personalidade forte que vive sozinha em meio a seca do sertão, tenta fugir dos estereótipo literário de mulher submissa/passiva dos romances literários e de mulher-objeto quando se tratava de uma personagem prostituta que tenta fugir da miséria da qual estava fadada. Além disso, deixa a reflexão para o leitor de uma mulher prostituta que deseja vivenciar o amor, um ato de resistência para uma mulher a margem da sociedade. Quando deixa seu posto de cortesã e parte para o trabalho nas lavras diamantíferas, vemos uma crítica do autor à sociedade patriarcal da época, em que a mulher precisava desenvolver estratégias para sobreviver nesse meio excludente. Em “Dusá tinha se recolhido à alcova luxuosa, trescalando a patchouli e m (ROCHA, 2001, p. 65) e nas descrições feitas pelo autor, da liberdade que a personagem tinha em transitar pelas ruas, pode ser perceptível que Lindolfo Rocha impôs nessa personagem os poderes e independência que apenas o elemento masculino possuía naquela época. Além dessas características descritas a personagem tinha ideias próprias e consciência crítica, marcas revolucionárias observa no seguinte diálogo:

- Que é qui Sinhá qué?

- Eu queria virar homem, Rita! Respondeu fingindo-se grave, e voltando vagarosamente a colherinha na xícara.

- A negra entupiu a boca com a ponta do xale para não estrondear a gargalhada.

Riu a bom rir. Dusá parecia estar de pachorra nessa noite.

Depois de esvaziar a xícara, colocou-a na bandeja e acendeu um cigarrinho, cada vez mais séria.

A escrava comentou, limpando os olhos com o xale:

- Sinhá tem astúcia! Pra que queria virá home?

- Pra trabalhar, Rita; pra ser considerado, respeitado na sociedade. Mulher, e mulher do mundo, sofre muito, Rita.
- É mesmo, minha Sinhá! apoiou a escrava, tornando-se pensativa também (ROCHA, 2001, p.73)

Maria Dusá transgrede o discurso romântico e demonstra o empoderamento feminina através da compra que faz por vingança, que lhe dar o poder de ser a credora do mineiro que a ofendeu. Apesar de a narrativa em alguns momentos não ser muito instigante quando o autor resolve deixar de lado alguns personagens da história para focar em outros, essas características revolucionárias da obra a torna uma grande obra brasileira que merece um reconhecimento maior, principalmente por parte da desvalorização desse autor pouco conhecido.



Maria Alice Faustino Durães tem 24 anos e nasceu na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Se expressa por meio da escrita e da arte desde criança. Formada em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Montes Claros, ela é professora por vocação e escritora de poesias, contos e romances por anseio da alma. Como pesquisadora, tem a literatura como foco de estudo.

ENTRE RELÓGIOS E ESTRELAS

POR JANETE SANTOS SILVA

Entre relógios e estrelas,
O tempo se movimenta sem parar,
Marcando horas, traçando sonhos,
Fazendo o coração flutuar.

Os ponteiros seguem firmes,
No compasso da razão,
Enquanto estrelas brilham livres,
No céu da nossa imaginação.

Cada segundo é um mistério,
Cada minuto, uma canção,
Entre relógios e estrelas,
Vivemos a nossa missão.

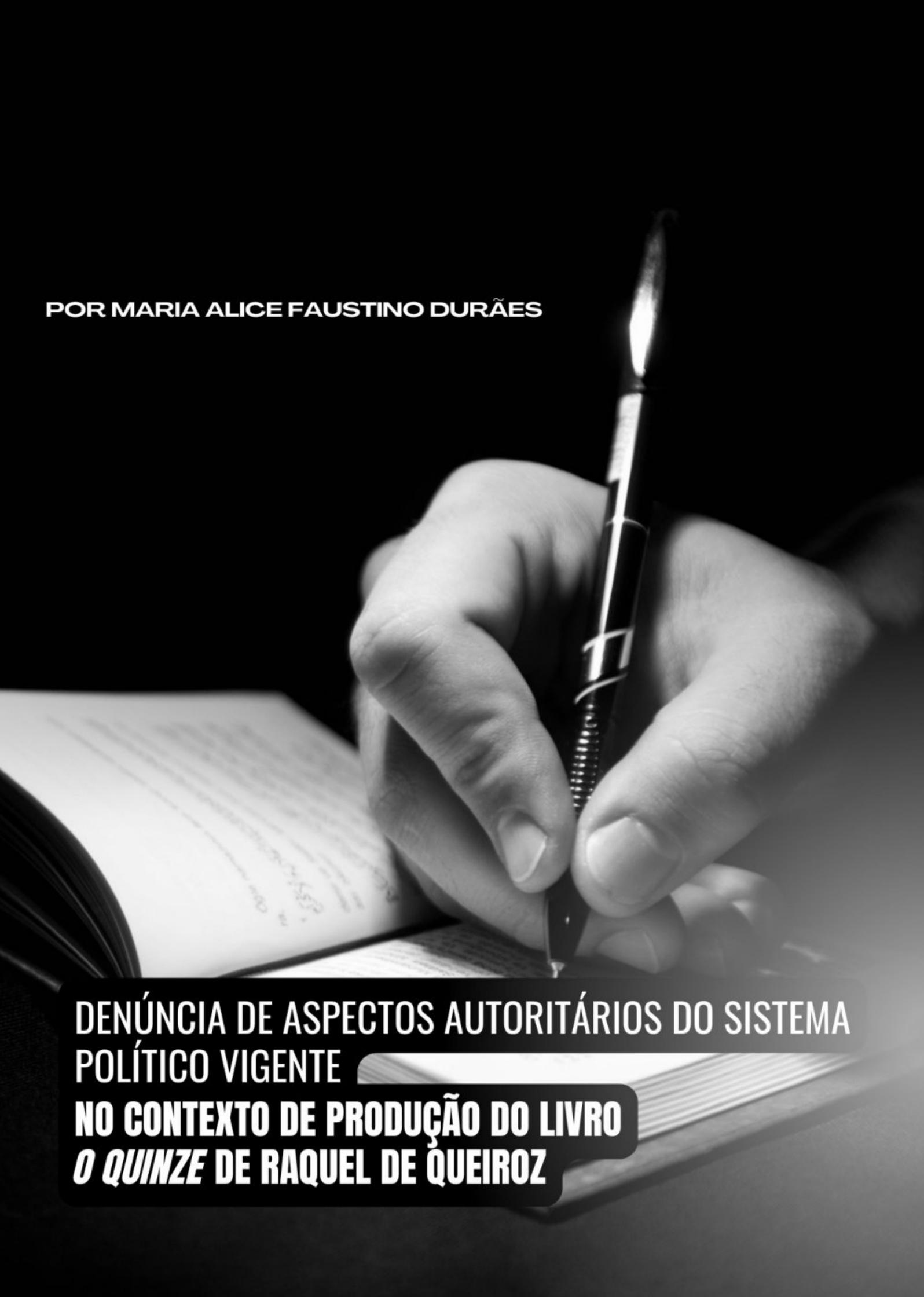
O tempo nos guia os passos,
Mas as estrelas nos fazem sonhar,
Entre o real e o etéreo,
Nosso destino a traçar.

E, assim, seguimos a vida,
Entre o prático e o ideal,
Entre relógios e estrelas,
No universo genial.

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências Educacionais- FACE / Valença- Bahia e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, Itapetinga- Bahia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica EDUCON/ FAVENI e Psicanálise/ FAMART. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. É membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas - GELFORPE/UESB/CNPq. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997152054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.



Janete Santos Silva



POR MARIA ALICE FAUSTINO DURÃES

**DENÚNCIA DE ASPECTOS AUTORITÁRIOS DO SISTEMA
POLÍTICO VIGENTE
NO CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO LIVRO
O QUINZE DE RAQUEL DE QUEIROZ**

Introdução

Esse trabalho busca apresentar o contexto de produção do livro *O quinze* e a forma pela qual a escritora Raquel de Queiroz aproveitou a narrativa para denunciar os elementos autoritários do regime político de 1930 e como o Estado via a sociedade ao criar os campos de concentração. Estes campos tinham por objetivo amparar os migrantes em busca de abrigo devido à seca de 1915. A análise da pesquisa concentra-se no espírito crítico fomentado pela escritora por meio do seu romance regionalista por meio do embasamento teórico em Lizandro Carlo Calegaris, Vanderléia de Andrade Haisk (2012) e Gouvea Vilarinho (2021). A obra retrata a realidade dos migrantes e as condições precárias em que viviam nos campos de concentração. Raquel de Queiroz expõe uma visão crítica em relação ao papel do Estado, questionando a efetividade e validade das medidas tomadas para auxiliar os desabrigados. Ademais, a pesquisa ressalta como a escritora estabelece um paralelo entre a situação dos migrantes e a formação de um regime estatal autoritário no período. Ela utiliza a jornada de personagens afetados pela pobreza e pelo sofrimento para ilustrar como o sistema político da época negligencia e subjuga os mais fragilizados. Através do romance regionalista moderno, Raquel de Queiroz estimula uma reflexão sobre a política e a sociedade brasileira, destacando o desequilíbrio social e oferecendo uma crítica incisiva ao autoritarismo estatal. O trabalho sublinha a relevância dessa obra literária como um instrumento de conscientização e mobilização social, além de enfatizar a importância da análise histórica para compreender o contexto em que a mesma foi escrita.

Material e Métodos

No presente trabalho foi realizada a pesquisa bibliográfica de caráter exploratório com revisão de literatura sobre a obra literária *O Quinze* da escritora Raquel de Queiroz. Para chegar ao objetivo da pesquisa foi realizada uma análise sobre *O quinze* e seu contexto social. O trabalho teve como meio de fundamentação teórica Lizandro

Carlo Calegaris e Vanderléia de Andrade Haisk (2012), Além de Gouvea Vilarinho (2021). Esses autores fornecem insights importantes sobre a importância da obra literária como instrumento de conscientização e mobilização social, além de destacarem a relevância da análise histórica para compreender o contexto no qual o romance foi produzido e levantar um pensamento crítico através do estudo do romance regionalista moderno.

Resultados e Discussão

Publicado em 1930, o livro *O quinze*, de Raquel de Queiroz, contribui para a literatura brasileira, com as características advindas no movimento neo-realista, formado durante a segunda fase do modernismo no Brasil (1930-1945). Também conhecido como Romance de 30, essa obra, mostra aspectos sociais que devem ser estudados para entender o contexto social e as produções da era Vargas. Esse trabalho tem como objetivo, contribuir para a compreensão de como esse romance tem abordado os problemas sociais de 1915, para reforçar o papel do Estado nas questões de classe, como a fome e a desigualdade social.

O romance de estreia da escritora Raquel de Queiroz, intitulado *O quinze*, foi um marco com sua publicação em 1930, o título faz referência à grande seca de 1915, vivenciada pela escritora em sua infância, esse acontecimento marca um contexto de problemas sociais.

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração. [...] Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos (Rachel de Queiróz, *O Quinze*, p. 64-65)

Esse ambiente que se passa o enredo da história, tem como inspiração a grande seca que aconteceu no estado do Pará, em 1915, e que transformou milhares de famílias de trabalhadores rurais, sertanejos, em uma grande massa de

- Resumo Expandido desenvolvido na disciplina do 7º período do curso de Letras Português, Literatura Brasileira IV, ministrada pela professora Fabiana.
- Acadêmica do 7º período do curso de Letras Português – UNIMONTES. E-mail: mariaaliceduraes8@gmail.com retirantes, ou seja, famílias que andavam sempre a pé, em busca de trabalho, comida, e sobrevivência. Muitos foram para Fortaleza, que era capital do Ceará, e ficaram acampados em alojamentos improvisados pelo governo, que tinha o nome oficial de “campos de concentração”. Esses acampamentos em condições precárias foram mandados construir “pelo poder público estadual para impedir que indivíduos e famílias inteiras, oriundas das localidades do sertão assoladas pela fome, se aproximassem da capital, Fortaleza.” (GOV, 2021).

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente que jazia (QUEIROZ, 1999, p. 127).

Raquel de Queiroz, de maneira objetiva, faz sua denúncia narrando os fatos, permitindo que nós leitores cheguemos a nossas próprias conclusões. Essa é uma característica dos escritores no segundo momento do modernismo brasileiro, que segundo Lizandro Carlos Calegari e Vanderléia de Andrade Haisk (2012 apud BOSI, Alfredo, 1994 .) presenciaram “acontecimentos históricos vigentes nesta época, ou seja, devido a fatos sociais peculiares ocorridos entre 1930 a 1945 tais como o tenentismo liberal, a política getuliana e as oligarquias regionais.”

É recorrente, como a causa da pobreza no nordeste brasileiro está ligado somente a seca, porém, também os problemas humanos são decorrentes de fatores que privilegia a “estrutura social vigente, em que somente alguns – os latifundiários – possuem recursos técnicos e financeiros para se prevenirem contra a seca.” (CALEGARI, Lizandro Carlos; HAISK, Vanderléia de Andrade, 2012)

Em *O quinze*, Raquel de Queiroz usa o passado para mostrar os problemas do presente, para que a sociedade reflita as mudanças que necessitam ocorrer, de maneira

que o autoritarismo sofre grande crítica, quando a autora aponta a estrutura social projetada pelo Estado.

Os retirantes eram mantidos com algum pouco alimento, controlados por inspetores do campo e sob a vigilância de soldados (TRAVASSOS, 2011, p. 719). A insalubridade ganhava proporção em virtude da grande quantidade de pessoas encurraladas em um pequeno espaço, da falta de condições de higiene das instalações, da deterioração dos alimentos e contaminação da água fornecidos, da precariedade das acomodações, da ausência de tratamento adequado dos dejetos e, obviamente, da compulsoriedade do confinamento. (GOV. 2012)

Essa falta de cuidado com pessoas, que se diziam estar sendo assistidas pelo Estado, revela o motivo do nome “curral do governo”, que essas acomodações foram apelidadas, disfarçada de assistência, esse local era impregnado de repressão, motivo do paralelo com o período Vargas.

Na década de 30 houve um forte impacto na economia mundial, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, chamado de Grande Depressão. Durante esse colapso no sistema financeiro mundial, paralisações de fábricas, falências bancárias, desemprego em massa, fome e miséria eram constantes.

Cada país tentou minimizar os efeitos da crise, ao passo que houve fortalecimento dos partidos socialistas e comunistas em choque com as ideologias burguesas. A partir disso, para evitar qualquer tipo de anarquismo e contrários ao comunismo, os estados defenderam o autoritarismo como forma de governo. (VILARINHO, 2015).

Raquel, com vários autores criaram uma literatura em prosa, antifascista e anticapitalista, chamada de:

"Romance de 30" (porque é o início cronológico da nova literatura); romance neo-realista (porque essas obras conseguiram renovar e modernizar o realismo/naturalismo do século 19, enriquecendo-o com preocupações psicológicas e sociais) ou romance regionalista moderno (porque escapa das metrópoles e vai ao Brasil regional, preso ainda a antinomias dos séculos anteriores). (Uol, 2023)

Desse modo, *O quinze* abarca questões sociais como a desigualdade social e o coronelismo, apoiado na posse das terras, como na cena em que Chico Bento, com o intuito de saciar a fome de sua família, sacrifica uma cabra e o proprietário aparece repreendendo sua atitude, deixando no chão apenas as tripas do animal e os colocando para fora da casa. Outro ponto, é a vida cruel dos retirantes, como foi retratado em cenas como na que Conceição não consegue suportar o cheiro do Campo de Concentração, na dos retirantes cogitando matar a fome comendo carniça, na morte de Josias depois de

comer raiz de mandioca cru, e até no empréstimo de bebês para conseguir um punhado maior de alimento.

Portanto, conforme Lizandro Carlos Calegari e Vanderléia de Andrade Haisk (2012 apud BOSI, Alfredo, 1994 .), essa literatura engajada em problemáticas nacionais, que autores como Raquel de Queiroz aderiram, tem como alvo, “resgatar os horrores formulados no passado para que se compreendam as razões que induziram a sociedade a estar submersa nas formas de dominação pouco democráticas.”

Considerações finais

A partir do estudo, pôde se chegar a conclusão de que Raquel de Queiroz contribuiu muito com sua obra *O quinze*, quanto ao papel crítico social, que a literatura do modernismo brasileiro de 30 abarcou.

Essa pesquisa cumpriu o seu papel, ao analisar e confirmar que, a autora agregou na criação de produções mais nacionalistas, que buscavam abrir o pensamento da sociedade diante de um período autoritarista, decorrente da era Vargas, através de um problema socioeconômico que foi a grande seca de 1919.

Agradecimentos

A professora e orientadora Fabiana, que deu as instruções fundamentais para que esta pesquisa fosse realizada.

Referências

- CALEGARI, Lizandro Carlos; HAISKI, Vanderléia de Andrade. **A perspectiva crítica em Rachel de Queiroz e em Graciliano Ramos**. Revista de LETRAS Dom Alberto, v. 1, n. 2, 2012.
- Gouvea, V. (2021). *Campos de concentração no Brasil: os campos da fome*. An.gov.br. <http://querepublicaessa.an.gov.br/temas/347-campos-de-concentracao-no-brasil-os-campos-da-fome.html>
- Modernismo no Brasil - a 2a geração: O Romance de 30*. (2023). Uol.com.br. <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/modernismo-no-brasil---a-2-geracao-o-romance-de-30.htm?cmpid=copiaecola>
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 66. ed. São Paulo: Siciliano, 1999. Vilarinho, S. (2015). *Modernismo - Momento histórico da segunda fase*. Mundo Educação; Mundo Educação. <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/modernismomomento-historico-segunda-fase.htm>

Maria Alice Faustino Durães tem 24 anos e nasceu na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Se expressa por meio da escrita e da arte desde criança. Formada em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Montes Claros, ela é professora por vocação e escritora de poesias, contos e romances por anseio da alma. Como pesquisadora, tem a literatura como foco de estudo.



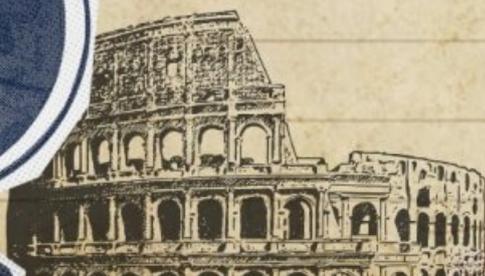
*Albergo was
can guessful*

Com Amor e Amizade

Por Flavio Joppert



...s on
vanish
this line.
principles.
to a point
The under
the same line to the
stant bathing figures i
t of the child in fro
horizon.
nce of all lines of
f vision or eye). N
f the shadows
1906



Após o Ano 13.000 do Calendário Maia, 524 anos após o Descobrimento do Brasil, 202 anos da Independência Brasileira, 135 anos após a Proclamação da República, 106 Anos após o fim da 1ª. Guerra Mundial, 102 Anos após a Semana de Arte Moderna de São Paulo, e 79 Anos de Aniversário do fim da 2ª. Guerra Mundial, o presente trabalho fruto da observação e análise da resposta de 3 perguntas feita a um grupo multi racial, cultural, econômico, etário em que 10 pessoas, 5 homens, 5 mulheres, participaram da pesquisa que tinha por objetivo não só encontrar a origem do Bullying, mas entender como no passado as minorias foram perseguidas, martirizadas, mal compreendidas, tratadas com preconceito, violência, escárnio, motivados por um comportamento intolerante do grupo.

As 3 perguntas, agora apresentadas, para que o leitor possa tomar conhecimento da pesquisa, o que se deu pela forma mais simples possível, para que não se complicasse a futura análise estatística e numérica.

P - Você sabe quem foi o Marechal Pétain? Sim, ou Não?

N - Se uma pessoa nasce diferente, fora da curva normal, com uma orelha enorme, um nariz gigantesco, uma mão com 3 ou 6 dedos, um queixo gigantesco, prognatismo, um defeito cromossomial, vesgo, ou qualquer outro sintoma que o grupo considere diferente. Você considera: uma doença, ou um padrão da natureza como a diversidade?

G - Independente da pergunta anterior, entendendo que aquela pessoa nasceu assim porque um ancestral dela gostou de alguém que de uma forma ou de outra possuía aquelas características em maior, ou menor grau, aceita, ou rejeita essa afirmativa?

A respostas das 3 perguntas dadas pelos 10 participantes será apresentada na tabela a seguir – 2 pessoas recusaram responder. Foram abordadas 12 pessoas no total. Apenas será identificado o fenótipo sexual de cada participante.

Participante	P	N	G	Fenótipo	Padronização
1	Não	-	+	XX	C
2	Sim	+	+	XY	A
3	Não	+	+	XX	B
4	Não	+	+	XX	B
5	Não	-	+	XY	C
6	Não	-	+	XY	C
7	Não	-	+	XY	C
8	Não	-	+	XX	C
9	Sim	+	+	XY	A
10	Não	+	+	XX	B

Analisando os dados 100% da amostra é uniforme em considerar a possibilidade de que uma pessoa não encaixada no que a sociedade considera normal casuisticamente pode encontrar alguém que goste dela independente do seu fenótipo ou características. 50% considera apenas o normal saudável, e não sabe quem foi o Marechal Pétain, 30% da amostra considera o diferente apenas diversidade da natureza, 20% tem ideia de quem foi o Marechal Pétain, e considera o diferente: diversidade da natureza.

O sistema utilizado na coleta de dados, segundo o cálculo de probabilidade apresenta 8 combinações possíveis de respostas para cada entrevistado; os resultados encontrados foram obtidos de um universo amostral que possuiu 8^8 combinações diferentes, e são 80 resultados concretos possíveis de se obter com a disposição dos dados.

Curiosamente a amostragem se revelou um aglutinado de apenas 3 grupos, a saber A, B, e C. O grupo mais forte é o C, mas A e B juntos diferem apenas no conhecimento da figura do Marechal Pétain.

A justificativa de utilizar o Marechal Pétain nessa pesquisa se dá pelo fato de ser uma figura histórica que atuou em 2 conflitos mundiais. Possivelmente um aristocrata, descendente de Hugo Capeto, não foi encontrado brasão para a família Pétain, seus ancestrais possuíam a patente constante de tenentes, o que indica serem católicos pragmáticos, foi herói da 1ª. Guerra Mundial, onde combateu o Império Alemão. Posteriormente atuou como Presidente da França na Republica de Vichy, quando, como todos os chefes políticos dos países ocupados pela Alemanha Nazista, teve que fazer concessões, que muitas vezes salvariam algumas vidas, sem, contudo, poder salvar outras. Não havia o que fazer frente aquela monstruosidade que assolava a Europa, motivação deste trabalho.

Entende-se que no sistema iniciado com o movimento naturalista e realista, de um mal do século, surgimento dos movimentos sociais, a miséria lida por Vitor Hugo, a política malthusiana, toda a ideologia da desigualdade conduzia a um sistema que esterilizou mais de 270.000 pessoas.

Nos dados observamos que 100% aceitam que, a diferença que conduziu minorias à esterilização, ou ao extermínio, não impedem que humanamente alguém venha a gostar daquela pessoa que um grupo considerou de qualidade descartável para o mundo. 50% por cento da amostra não considera doença a diferença que parte da comunidade possuiu.

Conhecer ou não o Marechal Pétain é base do conhecimento do mal, da capacidade destrutiva, que um grupo também portador de uma diferença qualificável, plausível de repetir-se quando uma vez esquecida. Se o Marechal fez concessões para parte do grupo sobreviver, ou se realmente era simpatizante da personificação de Leviatã, o monstro estatal, é um segredo que ele levou para o túmulo. Conhecer ele, é ter em mente a possibilidade relativista da materialização de uma nova estrutura destrutiva, e necessitar fazer concessões novamente. Para não enfrentar, e não comprometer o grupo inteiro.

O passado e suas vítimas foram esquecidos nas sucessivas conquistas que impulsionaram a humanidade na segunda metade do Séc. XX, até as portas do Séc. XXI quando começa o Antropoceno, o limite do que os Esotéricos esperam como Era de Aquários.

O fim do Nazismo, da necessidade administrativa da sociedade de todos serem iguais, muitas vezes é um fantasma do passado. Onde deveria reinar a paz e a tolerância por ser um ambiente de crescimento, e aprendizado: “a escola”; muitas vezes será o local que aquela minoria diferente, parte do grupo vai escolher para martirizar com o que hoje se chama “*Bullying*”.

A violência da comunidade contra aquele indivíduo de carácter divergente, de aspecto que não agrada ao “líder” no momento, vai desencadear tamanha violência psicológica contra aquela pessoa, que as autoridades, que muitas vezes seriam responsáveis pela proteção daquela vida, além de não impedirem esse ato de violência e preconceito contra a minoria diferente, identifica na “vítima” a potencialidade de ações criminosas, e relacionamentos patológicos em sociedade por terem sofrido as perseguições dos algozes.

Como o grupo pedagógico compreende esse processo, e aceita que uma vez diferente não há o que impedir o “*Bullying*” predestinando o crime, baseado talvez no “*mens sana in corpore sano*”, de que aquela diferença que leva a atenção nefasta dos colegas que estariam fazendo justiça contra aquele indivíduo patologicamente sem apelação, se pode lembrar que em unanimidade da amostragem dessa pesquisa, o dados revelam que 100% aceitam que aquela pessoa que se “martiriza” nas escolas, pode um dia encontrar uma pessoa que o aceite afetivamente a fim de conviver com ele, independente do tipo de diferença que ele possuir, tendo aquele martírio deixado traumas ou não.

É uma questão de tolerância e de ter misericórdia dos outros seres humanos, vivos, e tudo o que tem existência neste Planeta.



SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Foto: Flavio na Niteroiense de Letras

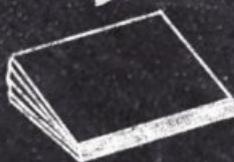
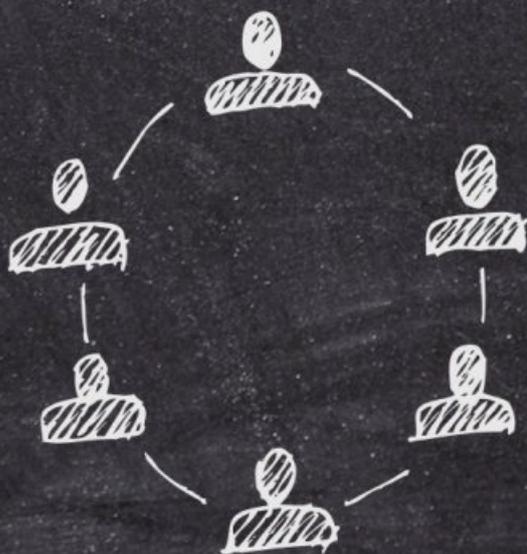


MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
INFANTOJUVENIS VOL.VIII

CONTOS, MINICONTOS E POEMAS
INFANTOJUVENIS

VOL. VIII

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK

SELO CONEXÃO LITERATURA

saiba mais: [clique aqui](#)

Entrevista exclusiva com Arthur Vinícius Feitosa Furtado

POR ADEMIR PASCALE



Arthur Vinícius Feitosa Furtado - Foto divulgação

Conexão Literatura: Como foi a experiência de lançar o primeiro livro de maneira independente?

Arthur Vinícius Feitosa Furtado: Foi uma experiência de muito aprendizado e humildade. Por um lado, eu não sabia nada sobre o mercado editorial e tive que aprender sobre os meios de divulgação e distribuição, além de perder a vergonha de vender o meu trabalho. Ainda estou aprendendo, mas me sinto menos despreparado nesta nova etapa. Também é preciso dosar as expectativas, para não se

frustrar logo no início da jornada. Sem a cobertura de uma editora ou de profissionais do mercado, dificilmente as vendas serão elevadas, mas, ainda assim, é possível conquistar um núcleo pequeno de leitores e expandi-lo progressivamente.

Conexão Literatura: Qual foi o maior desafio que encontrou?

Arthur Vinícius Feitosa Furtado: Para os escritores independentes, acho que o maior desafio é chegar ao público. Você precisa pensar: por que alguém leria o livro de um desconhecido? Por que alguém acreditaria no meu trabalho? É um labor de formiguinha que envolve divulgação nas redes, palestras, eventos e muita disposição

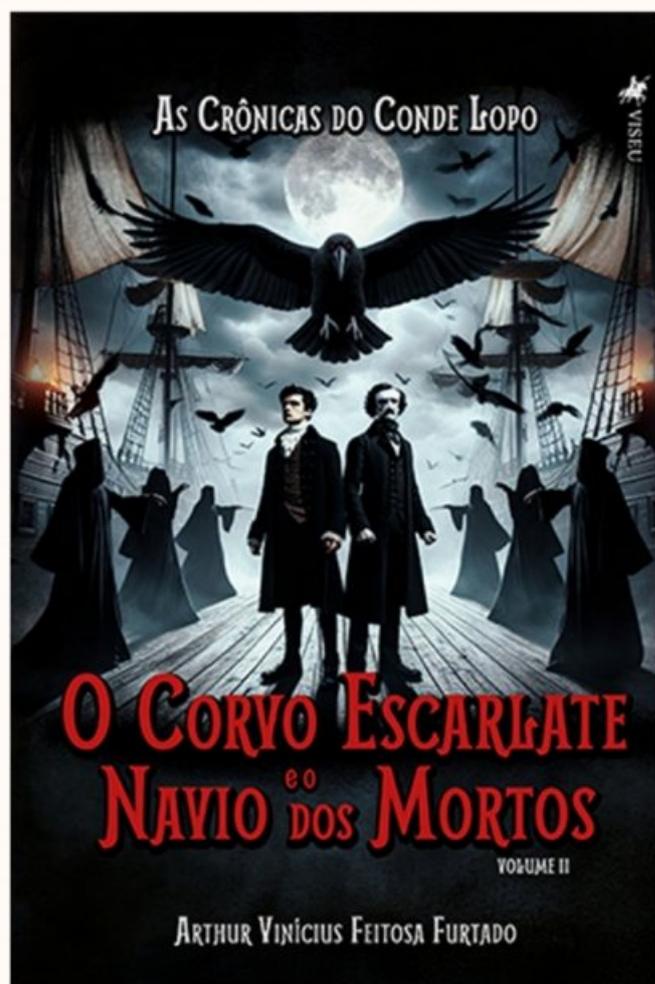
para conquistar novos leitores. No meu caso, ainda tenho muito o que evoluir, mas acho que encontrei alguns caminhos possíveis e pretendo testá-los nos próximos meses.

Conexão Literatura: E como foi a recepção do público ao romance “O Poeta Maldito e a Rainha da Noite”?

Arthur Vinícius Feitosa Furtado: Considerando que se trata de um livro independente, entendo que a recepção foi boa, com 300 exemplares vendidos até o momento e críticas majoritariamente positivas. Acho que a maior parte dos leitores compreendeu a proposta da série “As Crônicas do Conde Lopo” de misturar realidade — a vida de autores como Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães —, ficção — personagens oriundos de romances clássicos do século XIX — e elementos góticos, como ambientações em cemitérios e, é claro, a presença de vampiros.

Conexão Literatura: E o processo de escrita da continuação, o romance “O Corvo Escarlate e o Navio dos Mortos”?

Arthur Vinícius Feitosa Furtado: Quanto à parte técnica, foi muito mais fácil, pois a prática ajuda muito e percebi que a escrita fluiu com bastante naturalidade. Não tive nenhum bloqueio ou algo do tipo. Porém a rotina intensa de trabalho



— sou professor de escola pública — e de estudos — sou doutorando em Educação Escolar — acabou limitando o tempo disponível e atrasando um pouco a finalização da obra.

Conexão Literatura: Qual é o enredo de “O Corvo Escarlate e o Navio dos Mortos”?

Arthur Vinícius Feitosa Furtado: Após os acontecimentos trágicos do primeiro livro, o protagonista Maneco se encontra a bordo do navio Grampus, rumo à Europa, onde pretende encontrar respostas para salvar a Rainha da Noite. Nos Estados

Unidos, Edgar Allan Poe sofre com a morte recente de sua esposa, mas um visitante misterioso lhe propõe um pacto de sangue, o qual lançará o poeta americano em uma espiral ascendente de violência e destruição. Poe e Maneco encontram-se no Grampus, mas um inimigo do passado reaparece em busca de vingança, iniciando uma guerra entre os vivos e os imortais.

Ao longo da trama, há muitas referências aos contos de Poe, além de personagens oriundos dos romances brasileiros “A Escrava Isaura” e “Bom-Crioulo”, respectivamente de autoria de Bernardo Guimarães e Adolfo Caminha.

Conexão Literatura: E quais são os próximos passos?

Arthur Vinícius Feitosa Furtado: Agora estou concentrado na divulgação do novo livro e na finalização do meu doutorado. Para o próximo ano, pretendo lançar um novo conto e iniciar a escrita do terceiro volume da série “As Crônicas do Conde Lopo”, centrado na figura do poeta Byron.



PARA ADQUIRIR O LIVRO: CLIQUE AQUI

PARA SABER MAIS SOBRE O AUTOR, ACESSE:
<https://www.professorarthurfurtado.com.br>



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



Entrevista exclusiva com Luciana Simon de Paula Leite

POR ADEMIR PASCALE



Luciana Simon de Paula Leite - Foto divulgação

Luciana Simon de Paula Leite trabalha como juíza de direito estadual em São Paulo, Capital, há 32 anos. Tem três romances publicados – Para Nossas Meninas, editora Autografia, 2021; Posso te Pedir uma Coisa?, editora Lumen Juris, 2024; Jenipapo, editora Appris, 2024; tem artigos jurídicos publicados em livros (Mulheres, um grito de Socorro, Editora Leader, 2022; Direito & Arte, editora Navida, 2022; Magis de Direito, Associação Guimarães de Estudos Jurídicos, 2023) e é colunista na revista digital Magis, escrevendo sobre direito das mulheres. Atualmente, cursa mestrado em direito civil na Puc/SP.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luciana Simon de Paula Leite: o início foi com o romance Para Nossas Meninas, em 2021, uma ficção sobre violência doméstica e familiar que traz informações de natureza jurídica para orientação e conscientização de mulheres sob linguagem de

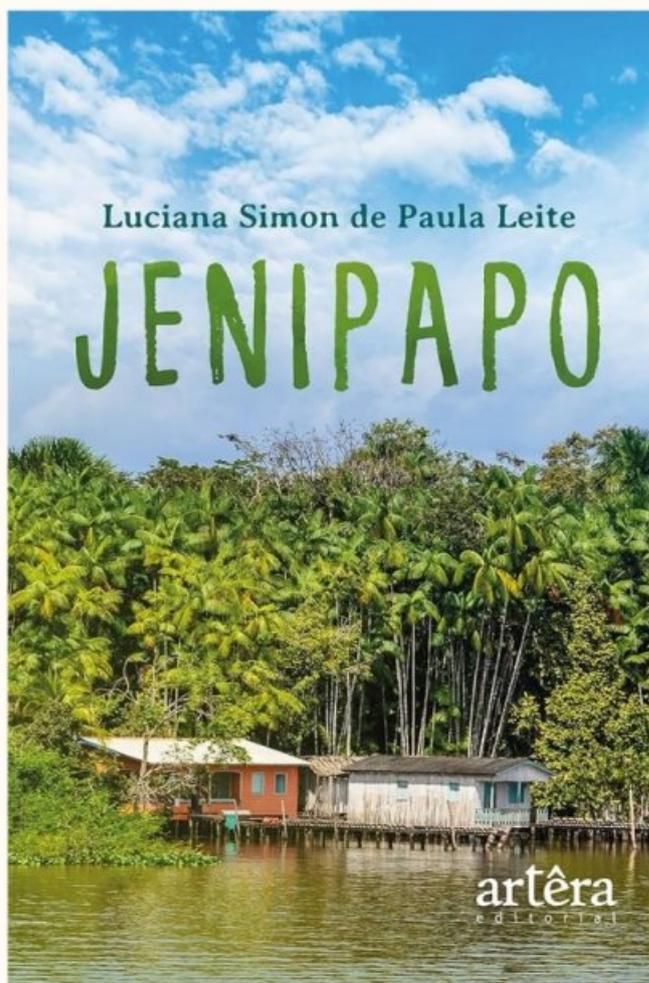
fácil compreensão e com base em informes de natureza idônea.

Conexão Literatura: Você é autora do novo livro "Jenipapo". Poderia comentar?

Luciana Simon de Paula Leite: Sim. Jenipapo é um trabalho bastante diferente por consistir no primeiro romance que publico sem orientações jurídicas em notas de rodapé. É baseado em fatos reais e na obra de Giovanni Gallo, padre jesuíta já falecido que na década de 1970 foi para o interior do Marajó, em Santa Cruz do Arari e fundou o Museu do Marajó.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas para produzir esta belíssima obra baseada em fatos sobre o Marajó, com episódios que envolveram diretamente o padre jesuíta Giovanni Gallo?

Luciana Simon de Paula Leite: Em primeiro plano, conheci a história do padre Giovanni através de documentários inseridos na internet e plataformas digitais. Recomendo a respeito o documentário Giovanni Gallo: o italiano marajoara (Globoplay). Li os livros de autoria do padre Giovanni e diversos trabalhos universitários (teses de mestrado e doutorado). Depois, fui ao Marajó e conversei com vários moradores do local.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luciana Simon de Paula Leite: “O som de cantos desiguais dessas aves crescido do ruído das águas marulhando levemente com a passagem das embarcações, quando estas já estavam afastadas, conduziam-me ao estado íntimo de paz por se encontrar na segurança de seu lar - que era não singelamente o chalé sem nobreza em Jenipapo mas a imensidão de céu, água, ar, vegetação, raios de sol, seres vivos, em uma concentração impressionante de forças que vibravam e exalavam

beleza. Talvez Genésio não fosse realmente um homem pobre” (pg 38).

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Luciana Simon de Paula Leite: Complexa pois as pessoas pautam suas escolhas literárias em função da propaganda de massa.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luciana Simon de Paula Leite: site da editora Appris (editoraappris.com.br), site da amazon, publico regularmente contos na revista Conexão e Literatura. Minha rede social é @l.sleite.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Luciana Simon de Paula Leite: preciso me concentrar no mestrado, que resultará em livro jurídico mas não deixarei de publicar contos regularmente. Como minha dedicação à literatura se dá aos fins de semana em virtude do trabalho, o ritmo é mais lento e precisa ser organizado.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Averso da Pele, Jefferson

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Tenório.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro.

Um filme: Amor além da vida.

Um hobby: Escrever, escrever, escrever....

Um dia especial: Hoje.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luciana Simon de Paula Leite: Jenipapo contém a história de muitos. E pretende divulgar o museu do marajó e o desenvolvimento sustentável da região. Não é pouca coisa!





ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO

Entrevista exclusiva com Luciene Guisoni

POR ADEMIR PASCALE



Luciene Guisoni – Foto divulgação

Magistério na Dança nas décadas de 1970-80 pela Escola de Ballet Beth Dorça Vitale em Uberaba-MG. Atuação na área durante 25 anos como Professora, Bailarina e Coreógrafa nas cidades de Uberaba-MG, Ituverava-SP, Ribeirão Preto-SP, Silvânia-GO, Anápolis-GO e Goiânia-GO. Atuação em Teatro na década de 1982-83 na UEU (União Estudantil Uberabense) em Uberaba-MG.

Atuação em canto-coral na cidade de Ituverava-SP na década de 1996-99 e, em 2018 pela Escola de Música de Anápolis-GO.

Formação Acadêmica:
Licenciatura em História pela Universidade Estadual

de Goiás - Unidade Anápolis em 2017. Sou escritora de livros de história, romances, poemas e artigos científicos. Sou membro da UBE (União Brasileira de Escritores - Seção Goiás) com sede em Goiânia. GO. Sou Coordenadora de um núcleo filantrópico na cidade de Silvânia. GO.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luciene Guisoni: Comecei escrevendo textos para uma revista espírita (RIE- Revista Internacional do Espiritismo) na época estava fazendo o curso de Licenciatura em História (2014). Escrevi para esta revista durante três anos, terminando a faculdade

(2017) escrevi meu primeiro romance que foi publicado pela Atena editora (www.atenaeditora.com.br) cujo o nome é A Médium e o Cavaleiro no formato e-book.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Jesus Cristo - Segundo os Evangelhos". Poderia comentar?

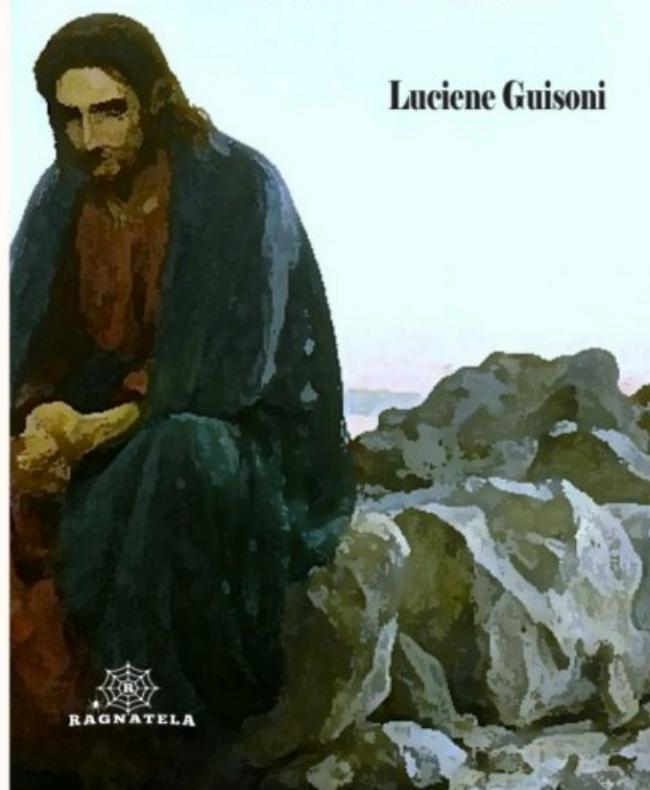
Luciene Guisoni: Sim. Este trabalho historiográfico é o resultado da minha monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em História feito por mim na Universidade Estadual de Goiás- Campos Anápolis. Escrever sobre o camponês judeu Jesus de Nazaré resultou em conhecimento histórico de um período e de um espaço geográfico específico. Este homem teve sua trajetória social revolucionária e que, infelizmente, foi descartado pelos interesses políticos e econômicos de seu período histórico, mas o mais incrível é que ainda hoje as igrejas sustentam, no imaginário popular, o mito construído na cruz com os mesmos interesses dos séculos II, III e IV a.C.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Luciene Guisoni: Para escrever História eu estudo a própria historiografia com historiadores consagrados (exemplo; John Dominic Crossan). Das aulas que já ministrei na rede estadual de ensino, percebia

JESUS CRISTO SEGUNDO OS EVANGELHOS

Luciene Guisoni



certas curiosidades dos alunos em torno da minha disciplina e filmes temáticos, isto também enseja temas para escrever. Com os romances me inspiro na vida humana colocando, sempre, uma parcela ficcional. Quanto aos poemas a inspiração surge da minha própria vivência com os outros, comigo mesma, nas relações de trabalho, enfim da minha vida. Para escrever artigos científicos preciso ler, interpretar, entender autores consagrados do Brasil e do exterior (Ocidentais) que escreveram suas teses sobre temas os mais variados, aja visto que a disciplina de História é o estudo das ações humanas no mundo, ontem, hoje e sempre.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Luciene Guisoni: O livro todo é bom, mas vou destacar aqui o parágrafo primeiro da página 133 onde escrevi que: “A existência de Jesus é um fato histórico, conforme atestam os biblistas, historiadores, filósofos e mitólogos que se dedicam ao estudo aprofundado do cristianismo primitivo. Sustento que a procura pelas reais pegadas deste personagem histórico que viveu na Palestina do século I a.D, será sempre útil para a compreensão da própria fé cristã. Não podemos permanecer com uma postura acrítica e a-histórica como nos tempos medievais”.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Luciene Guisoni: Infelizmente o brasileiro em sua maior totalidade não aprendeu a ter a cultura da leitura. O ensino literário no Brasil é muito fraco. Me lembro dos meus doze anos de idade aprendendo a ler Machado de Assis, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Manoel Bandeira entre outros gigantes da literatura brasileira. Disciplinas essenciais, como história e filosofia, que fazem o aluno entender qual é o seu papel no mundo foram deixadas em terceiro plano, ou último, em certas escolas. A liberdade sem

limites que muitas escolas estaduais e particulares dão aos seus alunos prejudica, em muito, a condução das disciplinas, pelo professor (a) em sala de aula. A não exigência de uma postura responsável dos alunos frente às matérias e aos professores resulta, muitas das vezes, em violência na sala de aula, e nas escolas. Outro ponto a destacar é a ausência do acompanhamento de muitos pais com relação aos seus filhos e filhas na escola. Tudo se torna impedimentos para o saber, para o estudo, para se efetuar um trabalho escolar adequado aos alunos, que estarão socialmente, economicamente e politicamente inseridos, querendo eles, ou não, na roda da vida num amanhã bem próximo. A pergunta que fica é: O que se pode esperar desta geração e das outras que virão se a educação escolar falha em seu papel?

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luciene Guisoni: Meu livro está sendo vendido pela editora Ragnatela. O site é www.editoraragnatela.com. Para saber mais sobre mim e meus livros basta acessar o meu instagram: @lucieneguisoni

Conexão Literatura: Existem novos

projetos em pauta?

Luciene Guisoni: Luciene Guisoni: Estou escrevendo um romance com um pouco de história (como não poderia deixar de ser) sobre a questão indígena no Brasil. O romance se passa no período das descobertas de minérios. Está interessante e vou inserir ilustrações que deixarão meu trabalho com uma riqueza visual que considero importante, também. Escrevi um poema que foi publicado em setembro / 2024 na Coletânea de Contos e Poemas. Me sinto bem escrevendo e sendo reconhecida no meu trabalho literário. Alcançar o patamar elevado de Manoel Bandeira, de Eric Hobsbawm, ou de Umberto Eco não é o meu propósito, mas sim de participar do mundo da literatura de forma simples, mas com conteúdo qualificado.

Perguntas rápidas:

Livro: “Ferreiros e Alquimistas” de Mircea Eliade.

Ator: Morgan Freeman. Filme: Caminhando nas Nuvens (1995) Diretor Alfonso Arau.

Hobby: Ler.

Um dia especial: Nascimento dos meus dois filhos Matheus e Samuel.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luciene Guisoni: Gostaria de agradecer à você, Ademir Pascale,

editor da revista Conexão Literatura pela oportunidade de propagar meu trabalho e um pouco sobre mim mesma neste espaço reservado à literatura, leitura e difusão de novos escritores. Agradecer à equipe de professores doutores da editora Ragnatela pela aposta em meu livro, agradecer meu esposo e meus filhos pelo apoio que sempre me deram. Desejo que meu livro possa ser vendido e lido por muitas pessoas, porque saber é necessário, entender nos faz pessoas melhores, estudar nos proporciona melhores caminhos e ler livros com qualidade é preciso, sempre!



**DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA**



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

Entrevista exclusiva com Otávio Bastos Couto

POR ADEMIR PASCALE



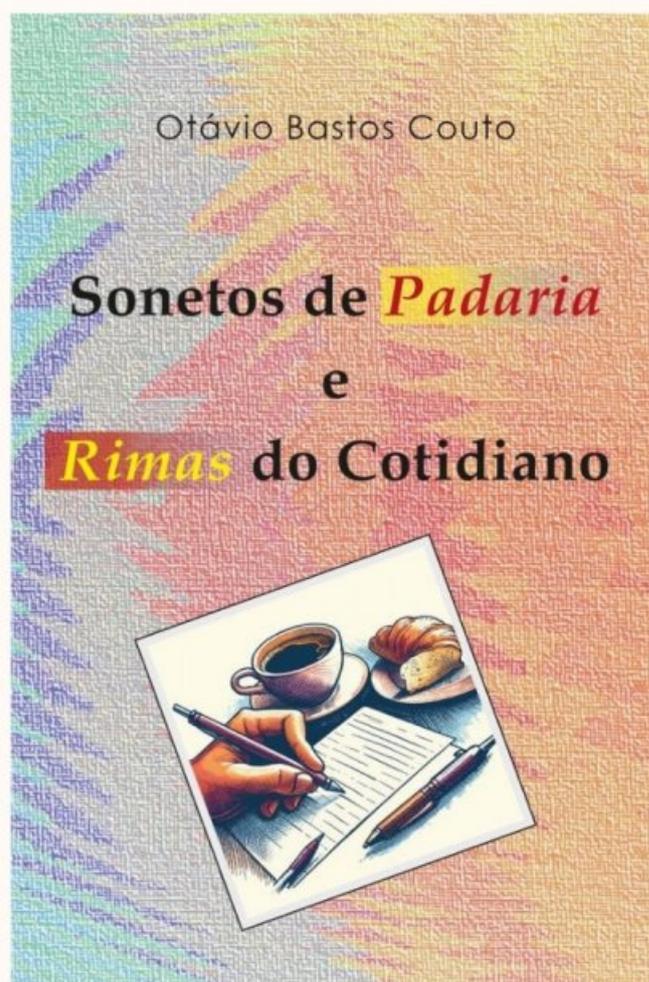
Otávio Bastos Couto - Foto divulgação

Natural de São José dos Campos (SP), Otávio Bastos Couto é músico, poeta e escritor. Sempre em contato com a literatura, começou a escrever contos e poesias como uma forma de explorar caminhos para manifestar e expressar reflexões, ideias e pensamentos acerca da vida, explorando temas diversos. Através de seus textos, busca trazer aos leitores caminhos para percepções e transformações. Iniciou sua carreira na literatura em 2023 com seu primeiro livro de poemas, *Arquétipos Inconscientes de Versos Anônimos*. Participou da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (2023), de concursos literários e participou de inúmeras antologias, vindo a ter menções honrosas.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Otávio Bastos Couto: Com toda certeza! Minha história com a literatura começou quando eu ainda era criança, através da minha família. Em casa, tanto meus pais

quanto meus avós sempre gostaram de música e literatura. Minha mãe trabalhou como professora de literatura e meu avô era um entusiasta da poesia. Cresci ouvindo o meu avô declamar poemas de Vinícius de Moraes e Augusto dos Anjos, e minha mãe falar sobre as mais diversas obras literárias. Durante o ensino médio, depois de ler Memórias Póstumas de Brás Cubas, meu amor pela literatura foi consagrado! O livro e seu autor, Machado de Assis, vieram a ser minha obra e autor favoritos. Em algum momento do ensino fundamental – na sétima série, acredito – escrevi alguns poemas, os primeiros, mas, infelizmente, esses escritos foram perdidos. Posteriormente, quando estava no período pré-vestibular, retomei a escrita. Eu tinha entre 17 e 18 anos, e havia começado a escrever poemas como uma forma de lidar com os conflitos mais diversos possíveis da vida, principalmente os emocionais. Diante da tensão de estar me preparando para o vestibular e sentir todos os medos possíveis desse processo, foi a poesia que me acolheu, revelando-se um caminho para conseguir externalizar aquilo que me consumia e aliviando o peso que estava no peito. Os anos foram passando e a escrita poética prevaleceu. Durante pouco mais de dez anos, entre 2012 e 2023, escrevi poemas de forma esporádica. Sempre levei mais como um hobby, um



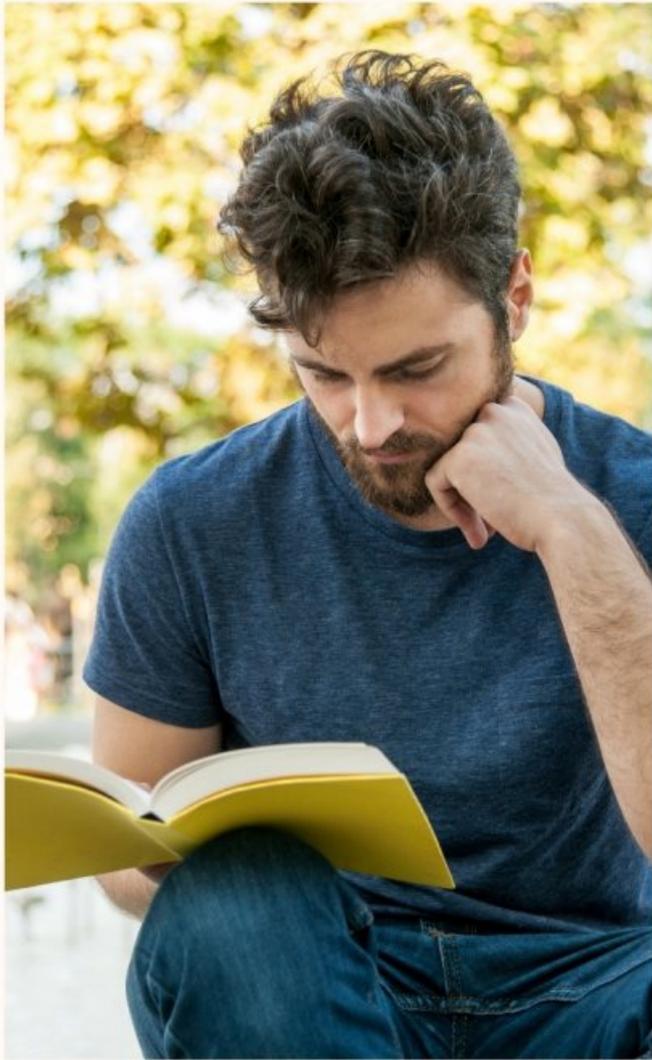
divertimento, um passatempo, porém todos os meus amigos que liam alguns de meus versos diziam que eu deveria publicar um livro. Eu não levava muito a sério, achava que não tinha esse potencial (risos). Até que, no ano passado (2023), uma grande amiga minha, após ler um poema meu, disse exatamente isso: “Otávio, você devia muito publicar um livro. Pensa com carinho!”. Exatamente no dia seguinte, essa mesma amiga me mandou uma publicação no Instagram de uma editora que estava recebendo originais de gêneros literários diversos, inclusive poesia. Parei por um momento e refleti. Então, falei comigo mesmo: “O que eu tenho a

perder?”. Peguei todos os poemas que havia escrito nesse intervalo de 10 anos e montei o que veio a ser meu primeiro livro, *Arquétipos Inconscientes de Versos Anônimo* (2023). Mandei para a editora e, depois de uma semana, eles me responderam avisando que haviam gostado do livro e que queriam publicá-lo. Assim se iniciou a minha jornada literária. Depois da publicação do primeiro livro, participei também de antologias literárias, comecei a explorar minhas habilidades de escrita através de contos e crônicas, participei da Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2023, algumas feiras aqui na minha cidade e, também, uma exposição de poemas em uma galeria de arte, também na minha cidade. Atualmente, estou atuando como autor independente e dando vida à novas obras literárias.

Conexão Literatura: Você é autor do livro *"Sonetos de Padaria e Rimas do Cotidiano"*. Poderia comentar?

Otávio Bastos Couto: A obra, que é a minha segunda, começou a ser escrita pouco depois da publicação do primeiro livro, movido por um boom criativo muito espontâneo. Sempre gostei muito da forma poética do soneto e queria compreender melhor como ela funciona. Decidi estudar a sua estrutura e comecei a escrever poemas com os temas mais diversos e cotidianos possíveis como uma forma de praticar e brincar com essa forma

poética. Eu atuo como professor de música dando aulas particulares e, entre um aluno e outro, eu tinha um grande intervalo de tempo. Então, sempre parava em uma padaria para tomar um café antes de seguir para a próxima aula. Foi nesse intervalo que comecei a escrever os sonetos. Eu usava qualquer elemento como tema para elaborar e desenvolver cada poema. O café, a xícara, o pão-de-queijo, o pão na chapa, as pessoas na padaria, o balcão, a paisagem pela janela, a movimentação na rua ou mesmo as reflexões mais curiosas – e quase aleatórias (risos) – que temos durante uma pausa para o café. Quem nunca teve um dilema existencial enquanto tomava um cappuccino? (risos). Foi dessa forma que escrevi o segundo livro: observando os elementos mais diversos e simples do cotidiano, do dia a dia. Ao mesmo tempo, a perspectiva sobre os sonetos é algo contemporâneo, inclusive trazendo, também, muita desconstrução e brincadeiras sobre essa estrutura. Dessa forma, a obra traz consigo uma aproximação da poesia ao cotidiano, buscando justamente aproximar os leitores desse gênero literário ao mesmo tempo em que traz um acolhimento. Basicamente, *Sonetos de Padaria e Rimas do Cotidiano* é um convite para os leitores pegarem uma xícara de café e se juntarem a mim para um bate-papo poético, despertando contemplação e reflexão sobre a vida



e a simplicidade do cotidiano.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Otávio Bastos Couto: O meu processo de criação é literalmente uma coisa muito doida! Costumo definir que é um processo tão natural quanto respirar. (risos) O estímulo pode vir dos elementos mais simples e singelos do cotidiano, ou das ideias mais complexas e profundas. Às vezes vem como um trocadilho em cima de alguma palavra ou texto, ou sobre

uma reflexão acerca da sociedade e do momento de mundo em que vivemos. Às vezes vem como uma brincadeira, algo para descontrair, como um desejo de me conectar com minha essência, com o Universo, com algo maior. Na maioria das vezes, como descreveria Rainer Maria Rilke, a criação vem como um ímpeto, algo que emerge do fundo da alma como uma necessidade de simplesmente escrever. As inspirações, da mesma forma, vêm dos campos mais diversos da vida e das artes. Uma música, uma escultura, um livro, um poema... Um filme! Amo cinema, amo filmes, e, por vezes, muitas ideias vêm dos filmes que assisto. Além desse processo mais etéreo, muitas ideias também surgem do estudo e da prática, da técnica, por assim dizer. Praticar a escrita de sonetos, por exemplo, me trouxe outras ideias que me levaram à outras ideias e que foram desde reflexões e contemplações até brincadeiras através das palavras. Então, basicamente é isso: uma doideira! (risos)

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Otávio Bastos Couto: Com o maior prazer! Trago um dos poemas do livro que mais gostei de escrever.

Da Xícara | Otávio Bastos Couto

Por que açúcar ou adoçante
Numa xícara envolta por sorrisos
Se o elixir da sincera essência
É o doce dos triunfos vividos?

Por que mascarar o amargor
Das estações que se manifestam
Se por cada contraste disperso
Os doces paladares contestam?

O amargo e azedo numa xícara
É o doce e ameno numa caneca,
Anunciando os ventos em festa.

Do elixir se faz sincera a essência
Que desmascara todo amargor,
Num doce desfazer-se de toda dor.

O que eu mais gostei nesse poema foi trabalhar a ideia de xícara como os acontecimentos da vida. O contraste entre doce e amargo representando justamente os momentos de felicidade e realização diante dos momentos de tristeza e frustração, posto que fazem parte da vida. As nuances entre cada momento é que nos dá movimento ao longo da existência.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Otávio Bastos Couto: O livro está disponível em formato físico na Uiclap

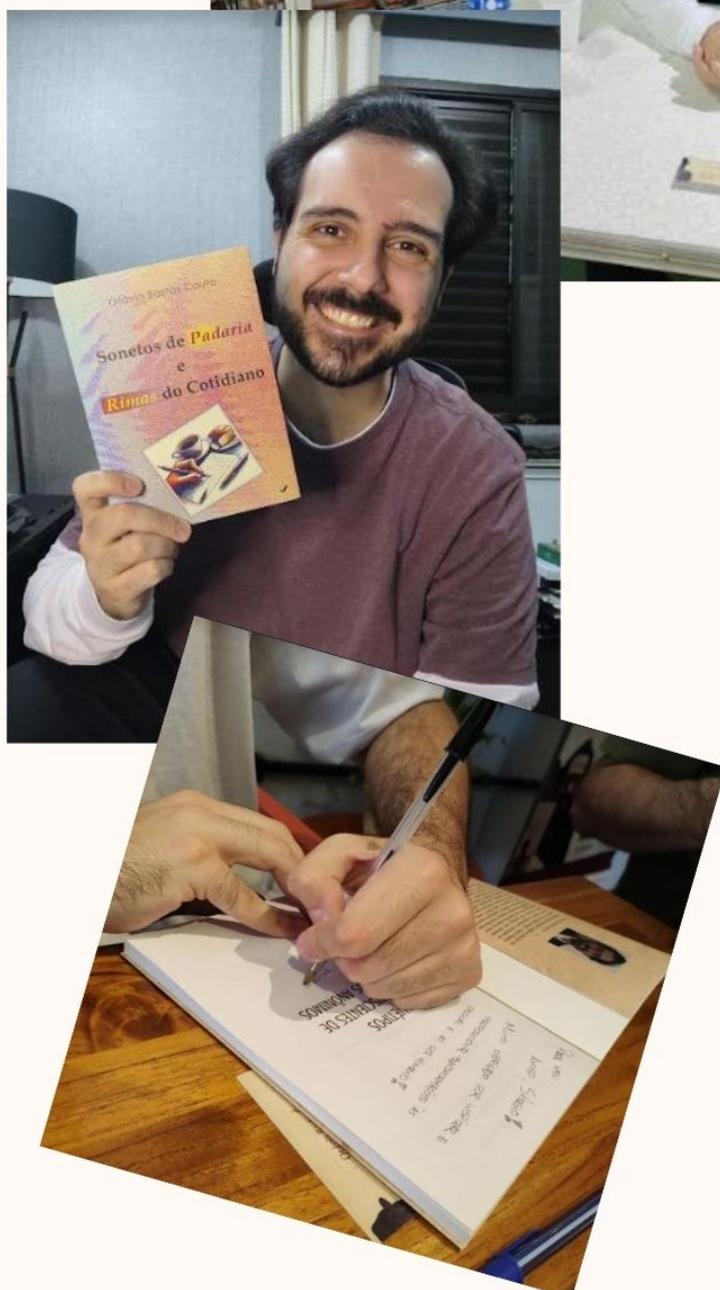
www.revistaconexaoliteratura.com.br

e em formato digital na Amazon. Se digitarem o meu nome, “Otávio Bastos Couto”, tanto na Uiclap (<https://loja.uiclap.com/>) quanto na Amazon (<https://www.amazon.com.br/>), irão encontrar os meus livros, inclusive o Sonetos de Padaria e Rimas do Cotidiano. Para os leitores que tiverem o Kindle Unlimited, conseguem ler gratuitamente todas as minhas obras. Acessando o meu site, www.otaviobcescritor.com.br, é possível encontrar mais informações sobre a minha carreira e o meu trabalho, e, também, sobre os meus livros e os próprios links de compra. Também posto muitos materiais e novidade no meu Instagram (@taviobc), principalmente com relação a eventos e projetos.





Otávio Bastos Couto - Foto divulgação



Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Otávio Bastos Couto: É uma pergunta muito interessante e curiosa. O que eu percebi ao longo da minha experiência e interagindo com o público é que, ao mesmo tempo em que existem muitos leitores ativos, também existem muitas pessoas não leem, mas que gostariam de ter o hábito da leitura. Curiosamente, esse público, em sua maioria, na realidade não sabe como desenvolver esse hábito, essa prática. Não sabem exatamente do que gostam de ler, qual tipo de texto chama a atenção, e acabam perdidos num mundo onde somos bombardeados com milhões de

informações diárias. Provavelmente, esse bombardeio acaba contribuindo para que muitas pessoas fiquem ainda mais perdidas e dispersas nesse processo. De acordo com uma pesquisa de 2023 do Instituto Órizon, parceiro do Pró-Saber São Paulo, em 4 anos o Brasil perdeu 4,6 milhões de leitores. No ano de 2019, 100 milhões de brasileiros eram leitores ativos, número que consistia em 4,6 milhões de pessoas a menos do que o registrado em 2015. Ao mesmo tempo, talvez como um paradoxo, temos inúmeros eventos de literatura acontecendo ao longo de cada ano no país. Por exemplo, acabamos de ter a Bienal Internacional do Livro de São Paulo e logo menos teremos a FLIP (Feira Literária Internacional de Paraty). Esses eventos estão sempre lotados. Inclusive, algumas editoras registraram recordes de vendas ao longo da Bienal de São Paulo. Parece uma grande ironia! (risos) Contudo, acredito que existem várias questões que afetam direta e drasticamente as estatísticas. Desde o incentivo à leitura dentro do ambiente familiar até a estrutura do ensino básico nas escolas, são inúmeras variantes que afetam diretamente as pesquisas, o que torna muito nebuloso afirmar algo com precisão. Um fator que particularmente acredito ter um grande impacto, principalmente nas escolas, é que somos cobrados a ler, mas não somos educados a ler. Ou seja, cobram-se metas de leitura, mas



não existe uma sedimentação para que seja desenvolvido um trabalho ao ponto de se cumprir metas com qualidade. Inclusive, recentemente vi uma postagem no Instagram da Revista Conexão Literatura com uma fala que dizia o seguinte: “O leitor não lê apenas, mas recria a história, participa, interfere, discorda dela”. Isso se aplica não somente à literatura ficcional, mas também à literatura técnica, acadêmica, jornalística, entre outras. Ler não é somente ler por ler, mas sim se envolver com aquilo, com o texto, indagar se um autor realmente é convincente com o que está afirmando, ir a fundo, mergulhar neste universo. Com a prática da leitura, esse processo fica cada vez mais refinado, mas é fundamental termos a base para iniciar. Vejo, inclusive, leitores que se preocupam mais com a quantidade de leituras do que com a qualidade das leituras, e isso é algo que acredito ser uma consequência de se exigir tanto atingir as metas de leitura ao invés de sedimentar esse processo para que seja construída uma base sólida para seu desenvolvimento. Talvez eu só esteja delirando (risos), mas acho que é um ponto que vale uma grande reflexão.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Otávio Bastos Couto: Sem sombra de dúvidas! Na realidade, existem mais 3 livros que já foram publicados este ano, depois do Sonetos de Padaria e Rimas do Cotidiano. Dois deles são de contos e um é também de poemas. Além desses, existe um livro em andamento que são contos diversos que abordam ideias de sonhos numa perspectiva mais psicológica, por assim dizer. Fora este, no plano das ideias existem pelo menos mais uma meia dúzia de livros que já quero escrever... As ideias não param! (risos)

Perguntas rápidas:

Um livro: Memórias Póstumas de Brás Cubas

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Interestelar

Um hobby: Compor músicas

Um dia especial: Quando fiquei até de madrugada escrevendo poesia com meu avô no quintal da casa dele.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Otávio Bastos Couto: Primeiramente agradecer à Revista Conexão Literatura por este espaço tão especial e acolhedor e parabenizá-los pelo trabalho e contribuição com a literatura nacional. Gostaria também

de convidar os leitores a se aventurarem nas leituras dos autores independentes. Existem muitos autores incríveis e talentosíssimos que, por vezes, acabam ficando sem espaço ou sem voz. Existem muitas ideias boas, incríveis sendo publicadas diariamente. Àqueles que escrevem, continuem! Não parem e não desistam! Àqueles que querem escrever, comecem com a primeira palavra. É ela que nos leva à segunda, à terceira, e assim por diante, até que um texto se mostra concluído diante de nós. Àqueles que procuram desenvolver o hábito da leitura, não tenham medo de se aventurar até encontrar aquilo que desperta interesse e prazer em ler. Vai valer a pena. Muito obrigado a todos pela atenção e carinho! Um grande abraço!



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

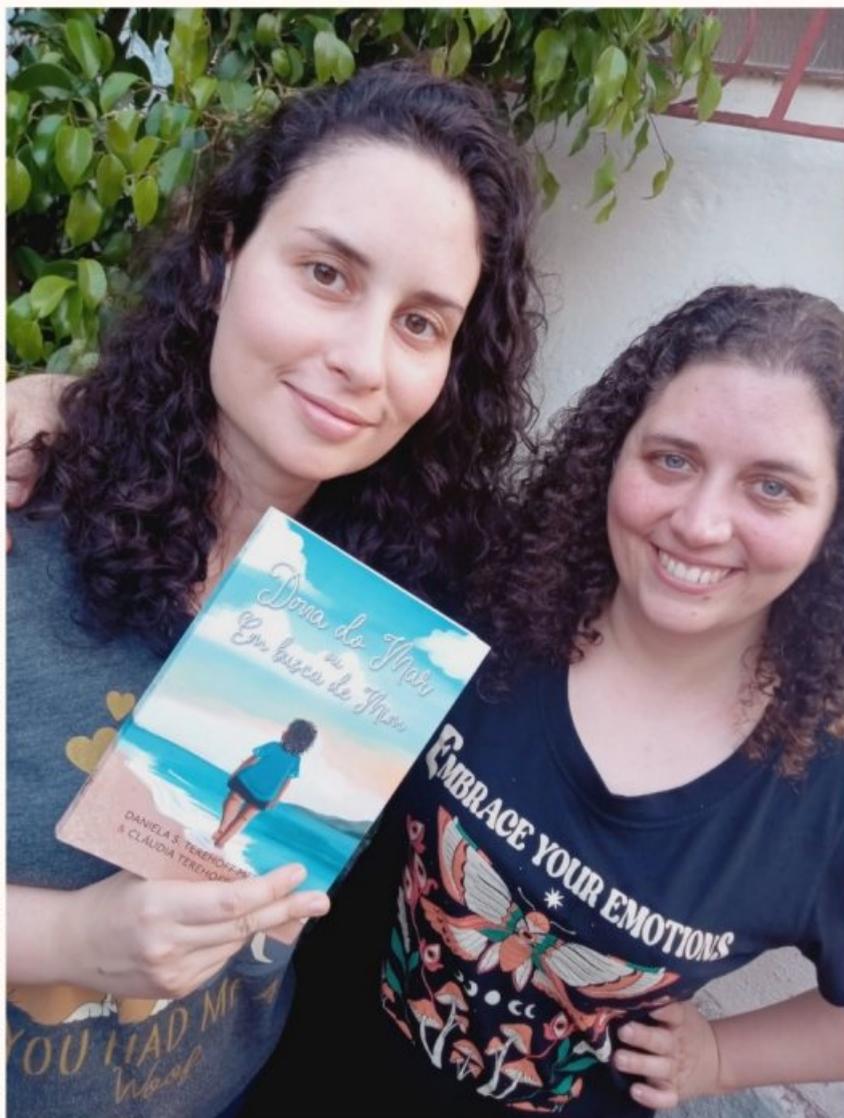
www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



Entrevista exclusiva com Daniela S. Terehoff Merino e Cláudia Terehoff Merino

POR ADEMIR PASCALE



Cláudia A. Terehoff Merino e Daniela S. Terehoff Merino - Foto divulgação

Daniela S. Terehoff Merino (@daniterehoff) e Cláudia A. Terehoff Merino (@caucauilustra) são as artistas responsáveis pela criação da obra “Dona do mar ou Em busca de mim”, que será lançada em outubro deste ano. Daniela é doutora em Letras pela USP, escritora, tradutora do russo e professora de Língua Portuguesa nos colégios Jean Piaget e Clarassoti, em Ribeirão Pires. Cláudia é ilustradora e professora de desenho mangá, desenho artístico e ilustração criativa na Escola Municipal de Artes de Ribeirão Pires (EMARP). Juntas, além de “Dona do mar ou Em busca de mim”,

já publicaram “O sabiá carnívoro” (2021), “Brilha brilha Adelina” (2022) e Contos mágicos de Natal (2023).

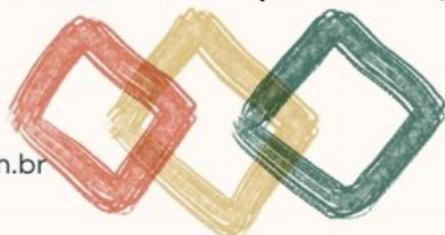
Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Daniela S. Terehoff Merino: Meu início neste meio se deu oficialmente em fins de 2020, quando descobri a possibilidade de mandar textos para coletâneas literárias, assim virando uma autora publicada. Comecei participando da antologia “Minuto de tudo”, da editora Scortecci e, depois disso, não parei mais. Ou seja, passei a mandar contos,



poemas e crônicas para todas as antologias possíveis! Acredite: era quase um vício. Eu amava aquela sensação de expectativa, aqueles pensamentos tais como “Será que o meu conto vai ser um dos selecionados?”, “Como vai ser o livro?”, “E a edição?”; adorava receber os exemplares em casa; ficava em êxtase ao ler meu conto impresso, ao ver meu nome e minha foto ali, no final

do livro, ao poder presentear amigos e parentes com os livros e esperar para ver o que achariam do meu texto... Entrava semanalmente no site divertimento, um passatempo, porém todos os meus amigos que liam alguns de meus versos diziam que eu deveria publicar um livro. Eu não levava muito a sério, achava que não tinha esse potencial (risos). Até que, no ano passado (2023), uma grande amiga



minha, após ler um poema meu, disse exatamente isso: “Otávio, você devia muito publicar um livro. Pensa com carinho!”. Exatamente no dia seguinte, essa mesma amiga me mandou uma publicação no Instagram de uma editora que estava recebendo originais de gêneros literários diversos, inclusive poesia. Parei por um momento e refleti. Então, falei comigo mesmo: “O que eu tenho e participava de tudo aquilo de que era capaz, tendo cada vez mais e mais vontade de escrever. Pouco depois, em fevereiro de 2022, saiu oficialmente a publicação de minha primeira obra literária, ou seja, a novela “O sabiá carnívoro”. Foi o primeiro livro escrito inteiramente por mim, e ilustrado do início ao fim por minha irmã, a ilustradora Cláudia. Fizemos este trabalho em parceria, sendo que as ilustrações e o texto eram criados ao mesmo tempo, influenciando-se mutuamente – falo mais sobre esta obra e seu processo de criação na edição 82 da Revista Conexão Literatura. Bem, embora eu esteja recordando a existência destas datas, gosto sempre de pontuar, mesmo que brevemente, o fato de que antes de ingressar no meio literário de modo oficial, isto é, publicando textos em livros impressos, eu já criava, contava e escrevia muitas histórias, várias delas encenadas em Mostras teatrais de Ribeirão Pires a partir de 2011. E, se eu puder ir um pouco mais longe, devo recordar também que o

meu gosto pela escrita começou a se manifestar desde a infância, quando as professoras pediam para escrevermos redações escolares. Além disso, desde pequena eu mantinha diários, escrevia fábulas, e já desenvolvia diversos projetos para futuros livros, alguns deles inspirados em histórias que eu e a minha irmã Cláudia criávamos em nossas brincadeiras diárias feitas com bichinhos de pelúcia e outros bonecos. Mais tarde, cursei Letras (português e russo) na USP, segui carreira acadêmica (fiz mestrado e doutorado), e acabei publicando um livro intitulado “Sulerjítiski: mestre de teatro, mestre de vida” (Perspectiva, 2019), resultado de minha dissertação feita com apoio da FAPESP e orientação da professora Elena Vássina. Foi uma grande honra ver esta obra pronta e tenho muito orgulho de tamanha conquista. Por outro lado, tratava-se, ainda, de um livro acadêmico, o que quer dizer que embora fosse fruto de imensa pesquisa e me desse alegria e orgulho, ainda não trazia consigo aquele gostinho maravilhoso que tenho quando escrevo ficção.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Dona do mar ou Em busca de mim”. Poderia comentar?

Daniela S. Terehoff Merino: Com prazer! Primeiramente, preciso mencionar que a obra só pôde ganhar

forma e vida devido ao apoio financeiro recebido no início deste ano. Afinal, nosso projeto de criação deste livro foi financiado pela lei Paulo Gustavo 195/2022 do Governo Federal e operacionalizado pela Prefeitura de Ribeirão Pires, por meio da Secretaria de Educação e Cultura. Foi a primeira vez que eu e a minha irmã tivemos a oportunidade de realizar uma obra com apoio financeiro e isso foi fundamental, sobretudo por podermos pagar os profissionais e artistas envolvidos. Agora, falando um pouco sobre a obra em si, esta vem sendo gestada em mim desde uma internação pela qual passei no início de 2022. Ali, dentro do hospital, à espera de um leito por cerca de quatro dias, e afastada de tantas preocupações diárias, do celular, da casa, e de todas as pessoas conhecidas, pude refletir muito sobre a vida e perceber o quanto eu era ansiosa sem me dar conta. Após voltar da internação, decidi que precisava algum dia escrever sobre a ansiedade e comecei a realizar pesquisas. Naquele momento, encontrei uma série de dados e estatísticas demonstrando que o Brasil era o país com mais casos de ansiedade no mundo e, além disso, que as mulheres negras eram as mais ansiosas dentro da escala de ansiedade em nosso país. Diante destas descobertas, resolvi que era preciso falar sobre esse problema dando protagonismo a uma mulher negra e, assim, nasceu a nossa

querida Luzia, protagonista do romance — pois é: era para ser mais uma novela, mas acabou virando um romance, com 256 páginas, todas elas lindamente editadas pela Valleti Books. Falando um pouco sobre a sinopse do livro, Luzia é uma mulher negra de 49 anos, moradora de Ribeirão Pires, uma pessoa ansiosa e solitária que vive na casa da mãe acamada. Apesar de ter mais seis irmãos vivendo por perto, é ela quem se encarrega de cuidar da mãe praticamente sozinha, além de sempre estar disponível para ajudar todos ao seu redor — de modo que nunca se coloca em primeiro lugar. Ao longo dos últimos anos, sua ansiedade foi aumentando (sobretudo após a pandemia), e em maio de 2024, cinco meses antes de fazer 50 anos, a mulher acabou tendo uma crise de ansiedade na rua. Esta crise é algo que chacoalha a sua visão de mundo e Luzia percebe que há muito tempo deixou de sonhar e realizar atos aparentemente tão simples, como por exemplo, pegar um ônibus e conhecer o mar (um sonho que tinha quando era criança). É a partir desta crise que a personagem começa a viver um caminho de transformação, entendendo que precisa mudar para viver uma vida melhor. Ela começa a se priorizar, entende que precisa de ajuda, e vai em busca de sua essência. Vale dizer que o livro não é uma história com foco em um grande enredo, muito pelo contrário! Metade



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Ilustração elaborada por Cláudia Terehoff Merino

da obra se passa na cabeça dessa personagem, para entendermos como pode ser traiçoeira a mente de um ansioso. Ou seja, a história é basicamente a trajetória mental desta personagem, que vai se descobrindo, ao mesmo tempo em que ganha coragem para sair da sua toca e encontrar a própria essência. Por fim, embora não seja um livro de autoajuda, tem a função de mostrar, através da ficção, algumas maneiras de lidar com a ansiedade.

Conexão Literatura: Para escrevê-lo, você e sua irmã Cláudia Terehoff Merino, que também é a ilustradora e coatora do livro, entrevistou muitas

mulheres negras e muitas pessoas diagnosticadas com ansiedade. Fale mais a respeito.

Daniela S. Terehoff Merino: Sim, de fato, para escrevê-lo foi absolutamente imprescindível realizar essas entrevistas, tanto com mulheres negras, quanto com psicólogos e estudantes de psicologia, além dos homens e mulheres ansiosos. Tratou-se de um caminho de busca, de entendimento de como é ter ansiedade e do porquê as mulheres negras são as que mais sofrem com isso na atualidade; foi uma forma de descobrir o que essas pessoas passam, um jeito de saber o que elas

gostariam de gritar ao mundo, uma maneira de ter minimamente alguma propriedade para poder falar sobre o assunto, pois não sou negra e nunca tive uma crise de ansiedade, o que faz com que eu não possa falar do mesmo jeito que estas pessoas fariam sobre tais assuntos. Era preciso, então, pesquisar, e foi o que fizemos. Afinal, como diz Rita Von Hunty em uma de suas entrevistas, contando sobre o sentido da episteme, não é porque não se tem vivência no assunto que não se pode falar dele, contanto que você o pesquise, entendendo de onde se fala (“Todo mundo fala de um lugar. De qual lugar você está falando?”). Ou seja, nós precisávamos abrir a nossa escuta antes de querer falar – um conceito que entendi também ao ouvir diversos vídeos da filósofa negra Djamila Ribeiro, de quem sou muito fã e que me inspirou a ter coragem e querer escrever sobre o assunto. Isso deu muito certo, e eu posso dizer com muita alegria que cada um dos entrevistados contribuiu imensamente com o nosso trabalho. Apesar de termos lido livros e visto filmes sobre o tema, nada é tão forte e rico quanto estar cara a cara com a pessoa, ouvindo-a falar de suas dores, vendo suas expressões, sentindo a sua respiração mudar ao falar sobre o racismo, a falta de perspectiva e a dificuldade de sonhar. Juro: chorei mais de uma vez ao ouvir os relatos dos meus entrevistados e

saber histórias de vida de cada um deles, sobretudo no que diz respeito ao racismo. Foi tão dolorido ouvir tudo aquilo, que cheguei até a pensar em desistir das entrevistas, pois senti que estava fazendo mal para essas pessoas. Cheguei a verbalizar: “Se para escrever um livro a gente precisa fazer as pessoas se lembrarem dessas tristezas e sofrerem tanto, não faz nenhum sentido continuar.” Contudo, os próprios entrevistados me pediram para seguir em frente, alegando estarem felizes, dizendo que era bom poder falar sobre as suas dores sem julgamentos, e que a própria sociedade doente já os fazia sofrer: a culpa não era minha, afinal. Para terminar, ressalto que mesmo com toda essa pesquisa, demorou um tempo para a personagem nascer efetivamente, criar raízes e se tornar mais profunda. Até isso acontecer, minha irmã e eu tivemos várias conversas, criamos a ficha da personagem, procuramos entender seus gostos, histórias de vida, frustrações, etc. Mas, estou certa disso, sem a realização destas entrevistas, as conversas não teriam tido a mesma força ou produtividade e a obra provavelmente teria saído rasa. Tanto que eu sinto como se o livro tivesse sido criado por todas estas vozes que ouvimos e que foram se entrelaçando tão naturalmente com a trajetória da nossa protagonista.



Conexão Literatura: O livro foi contemplado pela Lei Paulo Gustavo. Fale mais sobre essa lei que muitos brasileiros ainda não conhecem.

Daniela S. Terehoff Merino: A Lei Paulo Gustavo (LPG), criada em 2022 e regulamentada em maio de 2023, é uma lei de fomento que tem o intuito de auxiliar artistas em seus trabalhos, circulações de obras, criações, publicações, etc. Destinando recursos para o setor cultural do Brasil, em especial para ações emergenciais relacionadas à pandemia de COVID-19, a Lei Paulo Gustavo representa o maior investimento direto já realizado no setor cultural do Brasil e destina R\$ 3,862 bilhões para a execução de ações e projetos culturais em todo o território nacional. Foi uma grande benção para os artistas de Ribeirão Pires terem esse apoio financeiro. Claro que, infelizmente, não é nada fácil conquistar esse tipo de apoio: antes disso, é preciso escrever todo um projeto, com itens como: apresentação da ideia, objetivos gerais e específicos, cronograma, orçamento, curriculum, etc. E, depois disso, todos os projetos são julgados e só uma parte deles é contemplada com a verba. Ainda assim, é um alento para os artistas saberem que podem continuar a desenvolver seus projetos com um pouco mais de dignidade. Vale lembrar que além da Paulo Gustavo, há uma série de leis ou apoios similares disponíveis todos os anos, tais como a

Lei Aldir Blanc e o ProAc. Cabe aos artistas estarem atentos para não perderem os prazos e poderem inscrever seus projetos. Depois, não podemos fazer nada além de cruzar os dedos e rezar para que os pareceristas estejam alinhados com a nossa proposta.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Daniela S. Terehoff Merino: Perfeito. Citarei um trecho de uma conversa entre Luzia e sua sobrinha-neta, Gabriela: “Quer dizer, quem sou eu para querer isso? Então eu lembro da minha mãe toda triste comigo durante um jantar, quando eu falei que tinha vontade de ver o mar de perto, e entendo que ela tinha razão. Mãe sempre tem razão, você sabe... E hoje eu sei! Eu começo a lembrar de como olham para a gente em certos lugares, de como é esquisito você estar fora de casa, exposto, de como é difícil até ir num mercado sem ficarem te vigiando, de como é fácil ser humilhado, e começo a pensar que no fundo eu não passo de uma criancinha querendo um chocolate que não vai ganhar porque, enfim, os outros acham que não merece, não precisa ou, sei lá, não pode ter porque... bom, porque os outros decidiram que não pode ter esse chocolate e ponto final. [...] A vida não é fácil, Gabriela. Você não faz ideia do que a gente já passou nessa

família... Você que é nova com certeza não sabe o que é humilhação, nasceu num tempo diferente, tem amigos, com certeza é mais fácil conseguir emprego, fez uma boa escola, está até fazendo faculdade! Mora nesse lugar todo bonito, é tudo perfeito, sorte a sua, mas nem sempre foi assim, pergunta para os teus outros tios. Se eu tivesse a sua idade, ia ser tudo muito diferente! Mas não é... Por tudo isso é que se eu inventar de viajar assim, sem mais nem menos, vou ficar me sentindo culpada, vou sentir vergonha, como senti vergonha do maiô que eu comprei faz uns meses, e acabei jogando no lixo umas duas semanas depois da festa da mamãe, com medo de alguém um dia achar e falar “O que é isso, hein, Luzia? Tá achando que é quem?”. Mas eu sei qual é o meu lugar, ninguém precisa me dizer! Daí, eu olho para a mulher por trás do vidro e penso que tudo bem não ir até o mar, porque a minha mãe nunca foi, a maioria dos meus irmãos nunca foram também, milhares de pessoas no mundo inteiro não foram e nem vão, e não fez falta nenhuma para essa gente, então por que é que vai fazer falta para mim? Será que eu me acho tão especial, tão diferente dos outros? O mar não é comida, nem ar, nem roupa, nem água de beber, e então não vai mudar a vida de ninguém conhecer ou não conhecer. Eu nunca vou ser dona dele, eu sei disso. Daí eu vou embora sem falar nada e pego o meu ônibus para casa, porque eu vejo

como foi uma bobagem grande pensar que eu precisava conhecer o mar antes de morrer. Porque se eu quiser, com o celular na mão, posso ver o mar que eu tiver vontade numa foto ou num filme ou em uma novela. Eu posso até comprar um quadro de plástico da Top Lar com uma foto do mar para pôr na parede, ou ficar vendo a praia o dia inteiro em vídeos do Instagram ou do Tik Tok, se quiser, não posso? E pronto, é isso. No fim das contas, o mar de verdade não é para todos, nunca foi e nem vai ser.”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Daniela S. Terehoff Merino: Detesto generalizar, e não é a minha intenção fazer isso aqui. Porém, infelizmente, não há como deixar de notar que as pessoas, no geral, vem cada vez mais perdendo o gosto e o hábito da leitura. Conheço gente de 18 anos que diz, sem pudor, “Nunca li um livro na vida”, sendo que essa fala não tem nada a ver com falta de boa educação, recursos financeiros ou incentivo familiar. Além disso, lido bastante com jovens e vejo como cada vez mais muitos deles trocam, sem remorso, a leitura de um bom livro por tempo mexendo em redes sociais, sobretudo vendo e consumindo vídeos curtos ou conteúdos rápidos. Por outro lado, vejo também crianças, adultos e adolescentes que andam sempre lendo, sempre com um livro diferente,



e isso me deixa bem feliz. Mesmo assim, devemos prestar atenção nos tristes resultados de algumas recentes pesquisas neste campo da leitura, pois saber destes resultados pode nos impulsionar a agir em prol de mudanças. A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, que analisou os leitores brasileiros entre 2015 e 2019, por exemplo, mostrou o Brasil perdeu mais de 4,6 milhões de leitores nesses 4 anos. Além destes dados, o “Panorama do Consumo de Livros” divulgado em dezembro de 2023 mostrou que cerca de 84% da população brasileira acima de 18 anos não comprou nenhum livro ao longo de

todo o ano. Há muitos outros estudos e pesquisas além destes, mas só mencionando estes dois creio já ser possível refletirmos sobre o quando a questão da leitura no Brasil ainda é precária e precisa mudar drasticamente se quisermos construir um futuro melhor para o nosso país.

Conexão Literatura: Você é irmã da Daniela e também trabalha em seus livros com suas lindas ilustrações. Conte como isso funciona; você lê o texto da Daniela para criar as ilustrações ou vocês debatem sobre isso para entrarem num acordo? Fale sobre as ilustrações que você desenvolveu para esse novo livro da Daniela.

Cláudia Terehoff Merino: Bem, a maioria das ilustrações do livro tem como foco a personagem Luzia. Então, tivemos que construir essa personagem em conjunto primeiro: as características, o jeito dela, a personalidade... Além de que neste livro atuei como coautora, participando de modo mais ativo da criação de todo o enredo. E só a partir dessas várias conversas foi que eu consegui criar uma identidade visual para a Luzia. Primeiro fiz esboços a mão; a seguir, fiz no computador também, para só depois fazer as ilustrações finalizadas. Escolhemos paletas de cores que combinariam com a personagem porque as cores também passam sentimentos para os

desenhos. Ou seja, primeiro eu realizo os esboços, as ideias iniciais, para depois aperfeiçoar. Faço tudo a mão primeiro, depois faço a ilustração no computador, e a arte final.

Conexão Literatura: Como os leitores poderão saber mais sobre você e suas ilustrações? É possível contratá-la para o trabalho de ilustração?

Cláudia Terehoff Merino: Para saber mais sobre as minhas ilustrações e os trabalhos que estou fazendo, é possível me seguir no Instagram @caucauilustra. Eu geralmente posto tudo por lá. E sim: é possível me contratar para trabalhos. É só pedir um orçamento, pedir o meu contato por lá, meu número de celular, que eu faço um orçamento direitinho. Posso fazer ilustrações, desenhos a mão, quadros... Faço vários tipos de obras.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Daniela S. Terehoff Merino: Uma das possibilidades, é adquirir o livro pela editora. A edição do livro foi realizada por Luiz Primati, responsável por uma editora sensacional e que eu recomendo a todos, chamada Valleti books; e essa editora, que do começo ao fim do processo nos tratou com muito respeito e humanidade, além de cumprir os prazos e entregar um

serviço de imensa qualidade a preços dignos, tem site e redes sociais (a saber: como foi uma bobagem grande pensar que eu precisava conhecer o mar antes de morrer. Porque se eu quiser, com o celular na mão, posso ver o mar que eu tiver vontade numa foto ou num filme ou em uma novela. Eu posso até comprar um quadro de plástico da Top Lar com uma foto do mar para pôr na parede, ou ficar vendo a praia o dia inteiro em vídeos do Instagram ou do Tik Tok, se quiser, não posso? E pronto, é isso. No fim das contas, o mar de verdade não é para todos, nunca foi e nem vai ser.”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Daniela S. Terehoff Merino: Detesto generalizar, e não é a minha intenção fazer isso aqui. Porém, infelizmente, não há como deixar de notar que as pessoas, no geral, vem cada vez mais perdendo o gosto e o hábito da leitura. Conheço gente de 18 anos que diz, sem pudor, “Nunca li um livro na vida”, sendo que essa fala não tem nada a ver com falta de boa educação, recursos financeiros ou incentivo familiar. Além disso, lido bastante com jovens e vejo como cada vez mais muitos deles trocam, sem remorso, a leitura de um bom livro por tempo mexendo em redes sociais, sobretudo vendo e consumindo vídeos curtos ou conteúdos rápidos. Por outro lado, vejo também crianças, adultos e

adolescentes que andam sempre lendo, sempre com um livro diferente, bem como um perfil no Instagram: @valletibooks). Ou seja, a partir do lançamento, que será oficialmente realizado em meados de outubro deste ano, será possível adquirir exemplares do livro pela editora. Por outro lado, caso alguém prefira, será possível também adquirir exemplares comigo. Basta me acionar no Instagram (@daniterehoff), onde divulgo todos os meus trabalhos e projetos, que eu envio pelo correio para qualquer lugar do Brasil.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Daniela S. Terehoff Merino: Sim, muitos! E para citar apenas um dos que estamos desejando fazer em conjunto, temos em pauta “O Natal da capivara Jujuba”, no qual desejamos voltar a mexer em breve. Além disso, minha irmã e o marido dela, que também escreve e ilustra, estão criando juntos uma história juvenil mágica e muito encantadora que pretendem publicar em breve – quem sabe por meio de alguma lei de fomento a artistas, por que não? Além disso, eu e minha irmã fomos convidadas por um amigo a nos aventurar, pela primeira vez, na criação de um jogo de vídeo game (tanto no enredo, quanto nas ilustrações). Esperamos que logo o projeto saia um pouco do papel e



comece a caminhar.

Perguntas rápidas:
Daniela S. Terehoff Merino

Um livro: “Lendas do deserto”.

Um ator ou atriz: Roma Oliveira (excelente ator teatral e grande amigo).

Um filme: “Sociedade dos poetas mortos”.

Um hobby: Jogos como Magic, Coup, Catan, Carcassone, quebra-cabeça, etc..

Um dia especial: O dia em que assisti “A invenção de Hugo Cabret” com meu marido no cinema.

Perguntas rápidas:
Cláudia Terehoff Merino

Um livro: “A história sem fim”.

Um ator ou atriz: Benedict Cumberbatch.

Um filme: “Doutor Estranho”, “O labirinto do Fauno”, “Um conto do destino” (É difícil escolher um).

Um hobby: Atividades físicas (em geral).

Um dia especial: Qualquer dia tranquilo fazendo coisas legais com as pessoas

de quem eu gosto.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

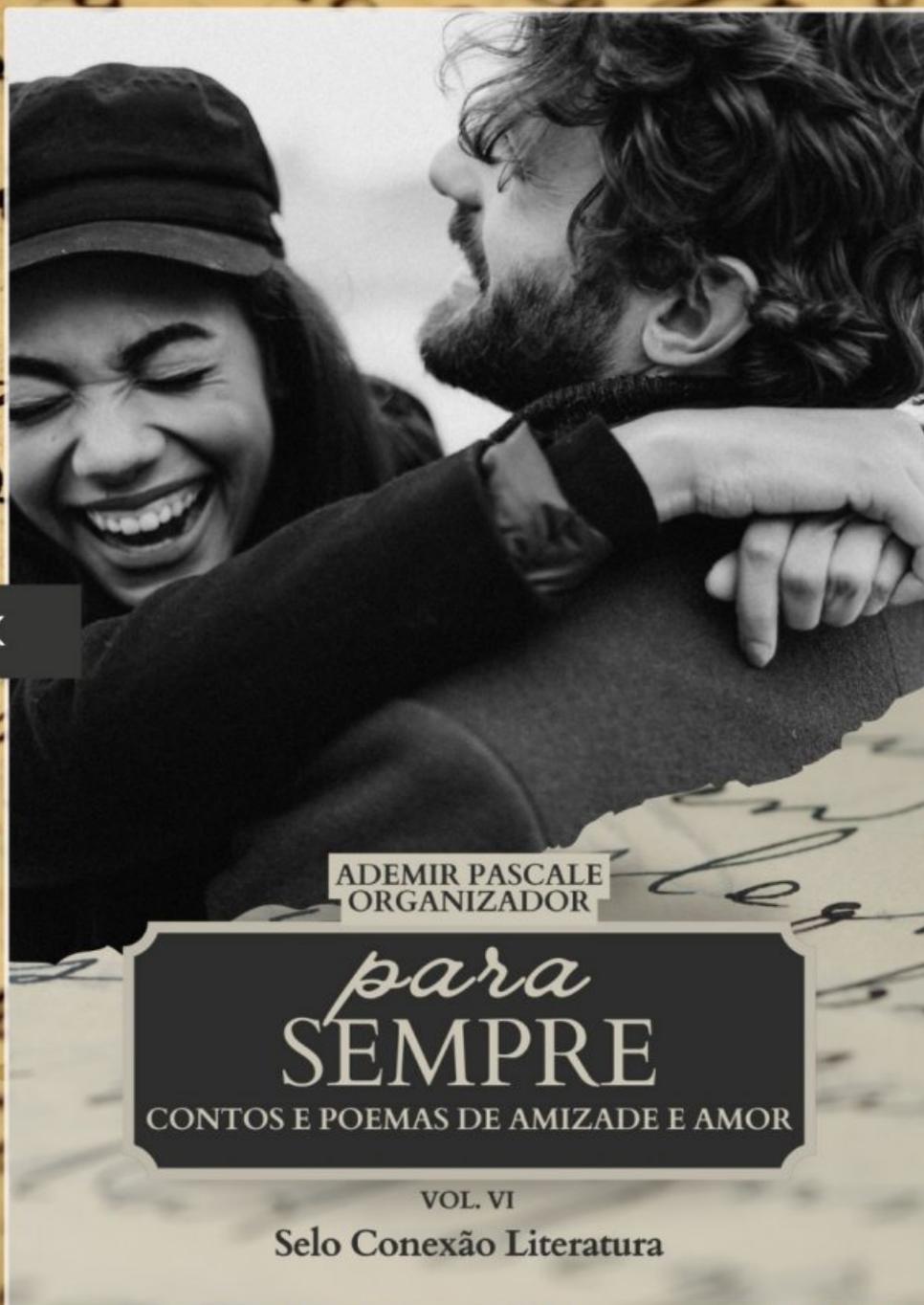
Daniela S. Terehoff Merino e Cláudia A. Terehoff Merino: Estamos muito satisfeitas com todo esse processo, além de muito contentes por termos escolhido tão bem a editora, e extremamente gratas por termos sido contempladas com esta Lei. Além disso, não podemos deixar de agradecer mais uma vez aos entrevistados, bem como à parceria estabelecida com Robson Scobar (@robsonscobar) e Bárbara Zampol (barbarazampol), dois profissionais muito qualificados e que foram de extrema importância para a realização do livro. Os dois atuaram como revisores e provocadores filosóficos e pedagógicos, sugerindo situações, diálogos, e pontos que poderiam ser melhor trabalhados no livro, de modo que graças às suas observações todo o texto teve um crescimento gigantesco, que nós nunca teríamos conquistado sem tal auxílio.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PARA SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR
VOL. VI



E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

para
SEMPRE

CONTOS E POEMAS DE AMIZADE E AMOR

VOL. VI

Selo Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



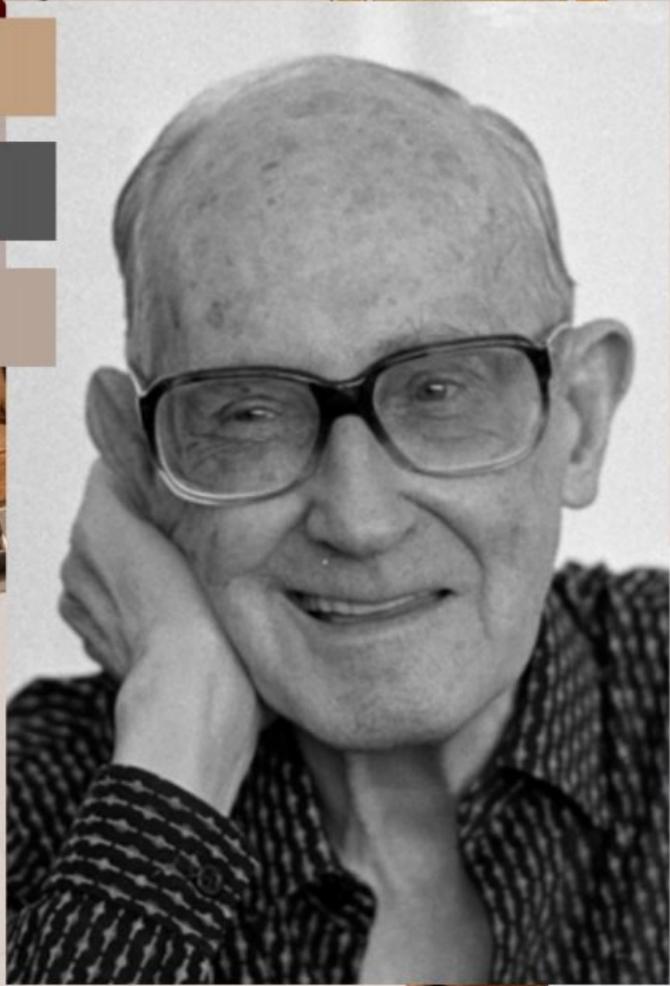
Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

look(6)

Elina Maracchini



inspired by
Russian costume sarafan



*citações
 de grandes
 autores*

*Revista
 Conexão Literatura*

A stylized illustration of a man with dark hair and a beard, wearing a light blue button-down shirt and brown pants, sitting on a large rock. He is looking towards the left, where a large, bright full moon and several stars are visible in a dark blue night sky. The background shows a landscape of rolling hills or mountains under the moonlight. The overall style is reminiscent of comic book art with bold lines and a rich color palette.

“Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo.”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

An illustration of a man walking away from the viewer on a path. He is wearing a brown jacket and dark pants. The scene is set in autumn, with trees and bushes in shades of orange and yellow. The sky is a pale blue with wispy white clouds. The overall style is soft and painterly.

Às vezes ouço passar o
vento; e só de ouvir o
vento passar, vale a pena
ter nascido.”

FERNANDO PESSOA

Tire o seu conto ou poema da
gaveta

ANTOLOGIAS

Selo Conexão Literatura

Participe das antologias da
Revista Conexão Literatura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Leia os editais
CLIQUE AQUI



POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

ANTES QUE SEJA TARDE

Felipe, após borrifar água próximo às hastes das orquídeas, parou para admirá-las. Já eram 20:30 horas e fazia questão de não se esquecer desse ritual semanalmente, em especial no mês de setembro quando várias espécies estavam repletas de flores de cores e formatos distintos.

Resolveu adquirir referido hábito por recomendação médica. Estava com colesterol alto, embora fosse magro. Talvez a agitação do trabalho, preocupações em demasia, a correria do dia a dia. O médico lhe disse que ou se ajustava e mudava alimentação, incluindo a prática de exercícios e adoção de rotinas que lhe trouxessem a sensação e bem-estar (hobbies, viagens, vida social, etc), ou seria um sério candidato ao enfarto, embora contasse com 51 anos completos de vida. O que, certamente, era uma péssima ideia...

Não contava para quase ninguém que estava cuidando das orquídeas. Os pais sabiam, os irmãos, a namorada de cinco anos de relacionamento e só. Não queria que os colegas e amigos praticassem bullying consigo ou lhe dirigissem piadinhas. Talvez porque beleza e sensibilidade fossem atribuídas ao feminino. Evidente que aquilo era um cabal preconceito, uma bobagem. Não tinha quaisquer dúvidas sobre sua sexualidade. Mas era melhor não arriscar.

Setembro. Estão lindas! – pensava. Uma vez por ano, elas surgem como ato de renascimento. Aquilo que era apenas o verde desbotado, quase sem vida, enche-se de viço, cores, superfícies curvilíneas. Perfeição era a palavra. E uma perfeição muda. Inodora, mas escandalosamente inegável. Impositiva.

Não obstante, algo ruim atravessava seus pensamentos, desviando a atenção da bela imagem de flores brancas, em tons de rosa pontuados com maravilha, vinho, amarelo, laranja -avermelhado. Poderia até parecer banal. Mas se assim fosse o episódio do qual se recordava, estaria ainda com uma sensação de estranhamento? Certamente, não.

Trabalhava no setor de recursos humanos de uma multinacional. Era responsável pelo recrutamento de funcionários, laborava em projetos de treinamento, desenvolvimento, avaliava produtividade, dentre outras atividades. Havia recebido de modo anônimo uma denúncia de que determinado funcionário, contratado há cinco meses, estava com um familiar próximo sob depressão profunda, verbalizando ideia suicida (filho de dezenove anos). Apenas pelo alerta, não achou desarrazoado enviar cópia do email para Maria Fernanda da Silva, psicóloga que opinava no processo de seleção, treinamento e avaliação de desempenho. Em verdade, tratava-se de chefe de setor específico na empresa, a qual contava com três psicólogos sob sua orientação e submissão hierárquica. E ainda por cima, Maria Fernanda era nora de um dos diretores da empresa.

Mandara o tal e-mail na semana anterior. E à tarde, por volta das 18:00 horas, havia recebido uma resposta um tanto quanto estranha e lacônica da destinatária. Parecia desgostosa por considerar que não era sua a incumbência de analisar a situação, já que não se tratava de fato diretamente relacionado aos respectivos deveres, pois, quando muito, tratava-se de contexto alheio ao trabalho e funções a serem desempenhadas pelo

empregado, aludindo a pessoa adulta. Mas a ilação desse raciocínio derivou, para Felipe, do modo monossilábico e pouco cordial da resposta. Ele apenas agradeceu e disse que iria meditar a respeito de como proceder.

Não conseguia concatenar como um ato de solicitação de análise, sem nenhum intuito de se isentar de responsabilidade ou de prejudicar outro setor, poderia ter sido interpretado daquela maneira. Monossilábica. Pouco cordial. E em desacordo com a realidade pois o escopo não foi de onerar indevidamente ninguém. Mas eram os tempos atuais, talvez. Com pouca conversa e muitos monólogos. Explosões emocionais repentinas e acima de tudo, frieza e ausência de respeito ao próximo. A sociedade estava a cada dia mais complexa, adoentada e superficial. Aquilo o cansava. Porém, ainda existiam as orquídeas...

Eram lindas. Formosas. Exuberantes. Talvez exóticas? Para um nórdico, quem sabe. Mas não para ele, acostumado a vê-las desde cedo na casa dos pais, dos avós, das tias e dos pais dos amigos de escola. Poder-se-ia até mesmo considerar que eram de fácil acesso. Eram encontradas a esmo na mata atlântica, próximo às árvores. Mercados e feiras as exibiam, de inúmeros tamanhos, cores, formas. Claro que não eram espécies de baixo custo de aquisição. Mas não era impossível encontrá-las à venda sob preços mais convidativos, especialmente as de menor tamanho. Era nelas que Felipe devia se concentrar. Na beleza que exalavam. E na tranquilidade que lhe inspiravam.

Setembro, ao que leu na internet, era o tal mês “amarelo” da campanha da prevenção do suicídio. Parece que o mês eleito para essa iniciativa foi setembro em virtude do “Dia Mundial de Prevenção do Suicídio”, instituído em 10 de setembro. Ao que leu, segundo uma associação, a cor amarela foi estabelecida em termos simbólicos justamente em virtude do suicídio de um jovem americano de 17 anos, que em 1994 tirou a própria vida com seu Mustang 1968 amarelo. Seus amigos distribuíram fitas amarelas no funeral e assim foi inaugurada campanha para prevenção do suicídio.

Talvez não fosse muito distinta a hipótese do filho do funcionário da empresa, de dezenove anos, quanto ao desejo de cometimento de suicídio. Uma provável depressão. Motivos diversos que poderiam ser aventados. Estado de predisposição orgânica maior, sensibilidade acentuada como característica de personalidade. Dor. Alguma perda significativa. Medo. Acreditava que o pressuposto para o desejo dessa conduta devia residir em grave perturbação psíquica, sem deixar de ser orgânica, contudo. Corpo e mente são engrenagens que se alimentam. São interdependentes.

Ainda estavam ali, as orquídeas floridas. Lembrando-o da vida. Do encantamento que é a existência. Da teimosia imprescindível que elas tiveram para aguentar dias de calor extremo. Outros, sem umidade. Poluição do ar. Frio inesperado e agudo. Sucedido por mais calor. O último ano transcorreu nessa rotina caótica e desgastante, como não mais um aviso, mas a companhia onipresente do aquecimento global. Visceralmente arredio à própria vida. Já não existiam estações climáticas. Mas com tudo isso, as orquídeas ainda floresciam uma vez ao ano, em setembro! Era incrível!

Felipe apenas sentia que o ponto alto de seu dia na verdade encontrava-se ali, na ausência da luz, no ato de umedecer os talos das orquídeas e de admirá-las, respeitosamente. O mundo andava caótico, num turbilhão de queimadas de florestas e campos. Atos intencionais, desastrosos ou advindos do clima acentuadamente seco se mesclavam. Só desejava que a destruição parasse e que os responsáveis fossem punidos.

Ambientes e existências aniquilados, tais como suas lindas orquídeas. Tão silenciosas e belas. Felipe surpreendeu-se dizendo em voz alta:

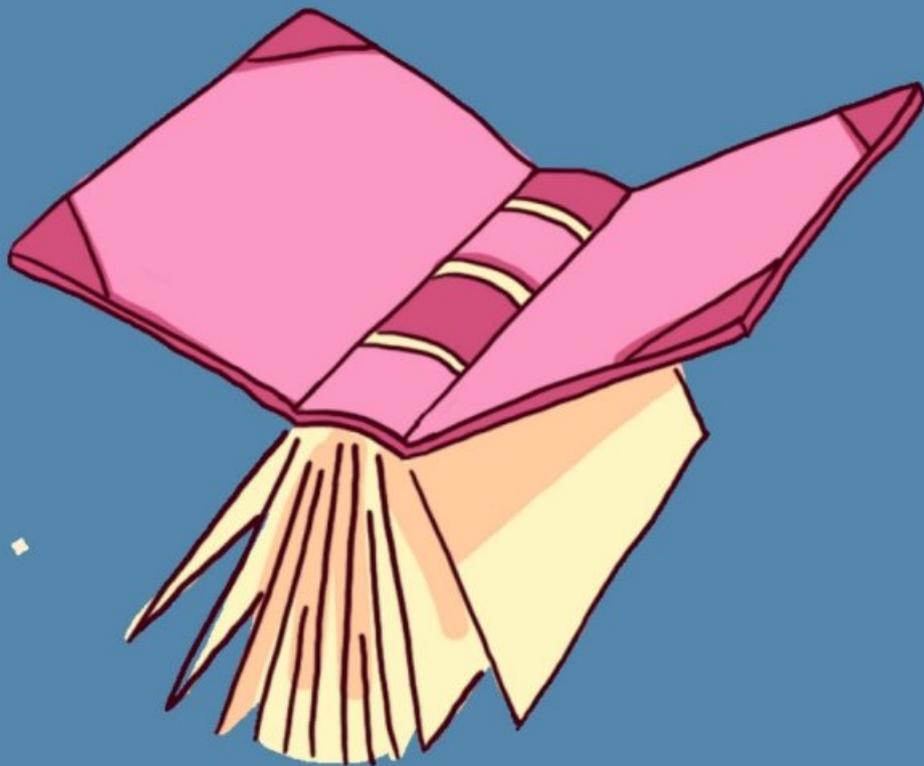
— Isso tem de acabar! Antes que seja tarde!

Sim. Antes que seja tarde.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Deixe que
os livros
te levem para
lugares nunca
antes vistos



Revista Conexão Literatura



UM FORTE AMOR

POR IDICAMPOS

O garçom atendia as mesas na filial da Confeitaria Colombo, nas dependências de Copacabana. Apoiado no movimento fraco da demanda, alongava a prosa com o casal, procedia à contação da lenda urbana, dissertava a história do subtenente de Nilópolis.

— Numa dessas bebedeiras — testemunhava o anfitrião — o subtenente Aloísio revelou a causa de tamanho sofrimento, as maledicências do percurso que geraram o vício do álcool.

Consternado, o contador sustentava a oralidade, remoía a memória, lacrimejava de tristeza, engasgava com as palavras, sofria com a morte do amigo. Juliana insistia: — Estou curiosa, vamos às nuances da resenha.

Estufou o peito, abarrotou o pulmão de ar, enxugou as lágrimas, satisfez a expectativa:

— O suicídio do subtenente.

Resultado de uma família de cinco irmãos, Aloísio, por força das circunstâncias, arregimentou carreira no exército; porque no quartel comia, vestia, bebia e a sobra do soldo levava pros irmãos.

Após ajudar todos os parentes, pensou em si, contraiu matrimônio com a bela Antonela. Moça prendada, trabalhadora, honesta, cumpridora dos seus deveres, uma dama de responsabilidade.

Serviu o exército trinta anos, no Forte de Copacabana, fiel à continência, obediente às regras da tropa. Aloísio lustrava a botina, vestia camisa engomada pela esposa, apresentava o cabelo cortadinho, o corpo sarado, pronto para a tarefa militar.

O casalzinho dividia o custeio do lar, resultado do soldo mais as costuras de Antonela. A parceira fazia bainha, pregava botão, chuleava, cortava tecido; sentava na máquina de costura feito atleta, modelava a mulherada de Nilópolis.

O sonho de família grande, vários filhos, ficou esperando primeiro a aquisição da casa própria, que jamais se realizou. Bloqueados na carestia, reféns da inflação, nunca sobrava dinheiro, terminaram frustrados.

No fim, veio a aposentadoria, encerrou na patente de subtenente; a mulher adquiriu um bico de papagaio na coluna, abandonou a costura. Decepcionados, imprensados no preço do aluguel, com a prole restrita apenas aos dois, cediam a vitalidade ao reumatismo.

Agarrado ao Forte de Copacabana pelo umbigo, por cá cumprira a obrigação de soldado. Empunhara duas divisas de cabo velho, alcançara a condição de sargento bastante tarde, por providência divina ia embora subtenente.

A fraca saúde de Antonela consumia, praticamente, a renda da família. Sobrara a Aloísio pintar as mansões dos bicheiros de Nilópolis. Vez por outra aparecia no Forte, desejoso de um bico civil no prédio do batalhão.

O chefe da manutenção do Forte de Copacabana, o major Talarico, sisudo, quando estava de bom humor, contratava os serviços do pintor Aloísio. O subtenente era tratado com desdém, entretanto, escondia as emoções, submetia-se à humilhação, fingia-se de rogado.

A bacia da lamúria transbordou aos sessenta anos de Aloísio: o joelho inchou, a tendinite tomou as articulações das mãos, passou a andar torto. Acrescentou ao vestuário uma bengala, a vida aos poucos foi perdendo o sentido...

Sentava nesta mesa — onde estamos — reclamava da sorte, da intransigência da imobiliária, do governo democrático que havia dado as costas aos militares de baixa patente. Os sargentos, cabos, mas também os pobres dos soldados, ficavam a mercê das vacas magras.

A reforma no exército, a velhice, as dores nas costas, a patroa reclamando da artrose; acabaram por enfiar a cabeça do infeliz no poço da angústia. As decepções transformaram a existência do sujeito num martírio, enfasiado do destino, bebia até cair.

Um dia apareceu sério, arrumadinho, penteado tipo garotão, sentou nesta mesa 9, na cadeira azul, apontava para o assento de Carlitos. O namorado de Juliana pulou da cadeira num susto só!

A gargalhada foi geral, afinal um homenzarrão daquele temendo alma de outro mundo, forçou o frouxo de riso. O garçom retomou a narração, franziu a testa, prosseguiu.

Naquela noite, a lua cheia iluminava a orla de Copacabana, o calendário marcava novembro de 2018. A Confeitaria Colombo fotografava uma fila longa. Aloísio, o subtenente de Nilópolis, molhava a goela numa mistura de rabo de galo com cerveja. Tirou a corda da mochila, enrolou na árvore que nos cede esta copa. Desocupado da plateia, enforcou-se no centro da cena.

O galho quebrou sozinho, no momento exato do relato, um calafrio escalou a espinha dorsal dos presentes. O garçom emponderou, desdobrou a tragédia com a habilidade de um roteirista.

Aloísio, coitado, atropelado pelo sistema, oferecia o pescoço estrangulado à pequena burguesia da zona sul carioca. Saía da vida pra registrar uma existência patética. Sobraram-lhe uns poucos momentos de glória expostos nas fotos sensacionalistas da mídia, as quais flagravam o suicídio do subtenente.

A viúva, desolada, parecia um urubu, vestia preto da cabeça aos pés; afirmou na hora da cova: ter com ele em breve. Antonela, a alma solitária, a mulher amada, apareceu, aqui, na semana passada. Reclamava dos descontos no contracheque deixado pelo falecido.

Os namorados pediram a conta, o garçom titubeou, deu corda na conversa, desembuchou o fim da narrativa: — Depois disso, o fantasma retorna no meio da madrugada. Vira e mexe conversa comigo (o narrador suspende as grossas sobranceiras).

Hoje, delira o garçom — estranhamente — o fantasma fez uma visita, acompanhado da esposa, no espelho lá do barraco. Estavam mais felizes mortos do que vivos. Aloísio trajava farda de gala, Antonela embalada num longo colorido, vinha calçada no salto agulha. Os eternos namorados traziam na face uma paz inexplicável.

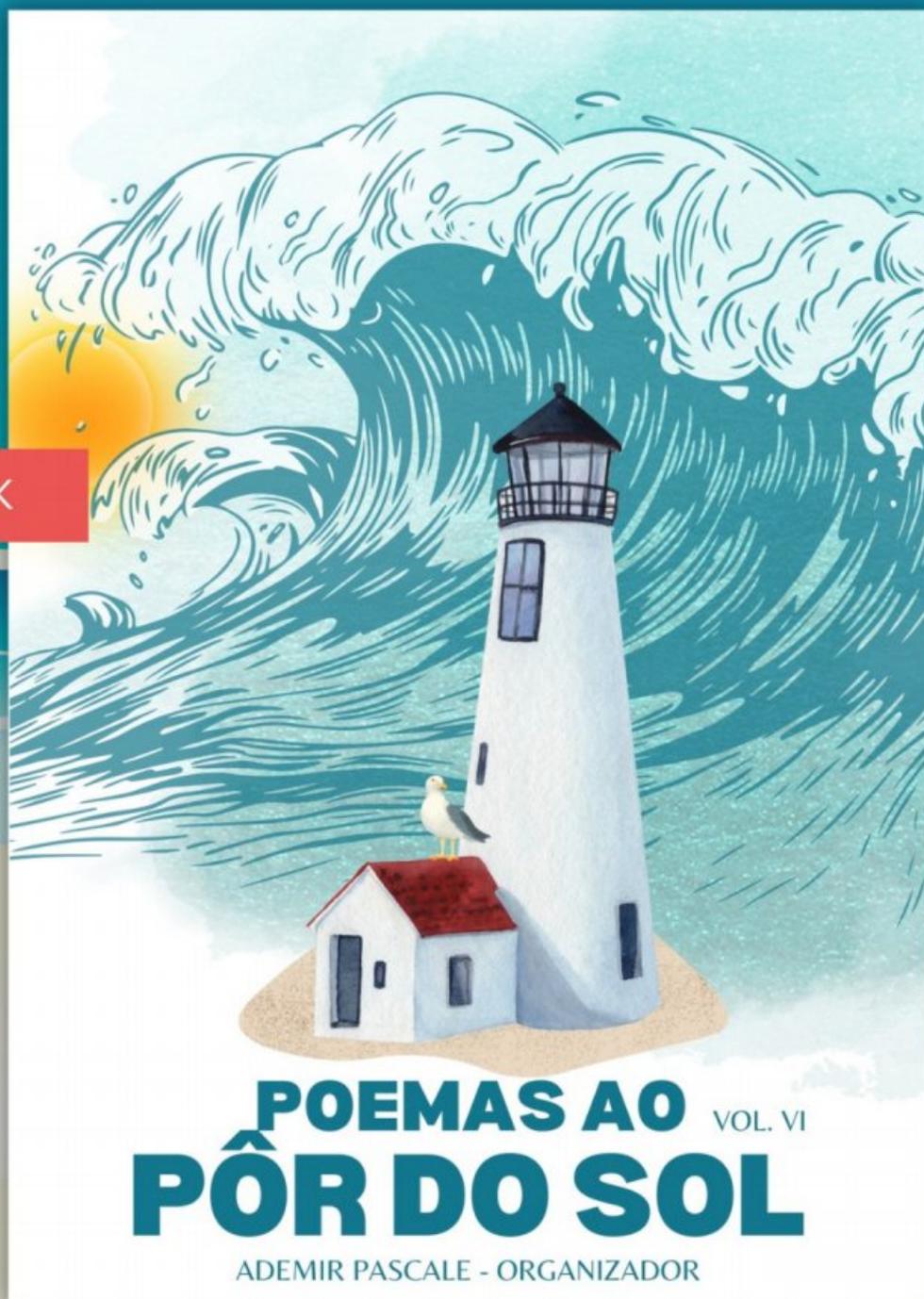
Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL.VI

E-BOOK



saiba mais: clique aqui



POR IRACI J. MARIN

TRANSFERENCIA

Ernesto segurava a folha com o despacho de sua transferência. Tinha o timbre oficial, dois ou três carimbos, e assinaturas. O texto era breve e claro, sem justificativas ou ponderações. Consta que ele fora transferido, e ainda uma determinação, e era tudo.

Sempre trabalhara com dedicação, no cumprimento do dever, na aplicação das regras, suportando desaforos - como nas vezes em que não aceitava a propina que lhe ofereciam. Não exaltava sua competência. Apenas trabalhava. Tudo para “a ordem e o progresso”, como sempre terminava seus discursos o seu superior.

Por uns instantes, pensou em questionar a razão de sua transferência, ou em opor suas próprias razões ao fato. Poderia afirmar, em defesa, que há anos trabalhara com zelo, e até perfeição, a ponto de ter recebido homenagem de reconhecimento, no ano anterior. Mas, obediente, senão submisso, e cumpridor das regras e das determinações superiores, calou-se e aceitou.

Com a folha da transferência nas mãos, sentiu que elas tremiam. Se falasse algo, sua voz também tremeria. Começou a sentir-se tristemente emocionado. Passou a lembrar-se das inúmeras situações de trabalho, algumas com desgaste pessoal, a causar-lhe sofrimento. Não ia lhe fazer bem lembrar-se de coisas tristes. Então levantou-se e foi até a janela. À sua frente estava o jardim interno da repartição, que ele cuidava pessoalmente, plantava flores, podava arbustos, limpava os canteiros. Fechou os olhos para captar mais uma vez a paisagem e levá-la consigo.

Precisava fazer um pequeno relatório da situação da pasta – era ordem sucinta contida no despacho de transferência. Escreveu algumas linhas, envelopou e deixou o documento sobre a mesa. Saiu arrastando os pés.

Uma interrogação, no entanto, não cessava de bater em sua cabeça: qual teria sido mesmo a razão da transferência? A resposta veio algum tempo depois. Descobriu mais por acaso do que por investigação.

Ao caminhar, num fim de tarde de sábado, encontrou uma construção sendo levantada numa área de preservação – cuja licença ele sempre negara. Sorriu tristemente.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR NEY ALENCAR

MANTEIGA DE BRUXA

Os gnomos são, como bem se sabe, uma fina iguaria, comparável, porém não superior, aos ovos da Fênix ou mesmo ao olho de um Observador, bem temperado na bÍlis de Hidra! São, porém extremamente elusivos e esquivos, de difícil captura!

O que torna sua caça mais um exercício de inteligência do que necessariamente um teste de habilidade manual!

Eles são, ou eram, mais numerosos nas matas mais profundas e desabitadas do que nos campos ou mesmo próximos das habitações dos homens e de outras criaturas, principalmente devido à caça predatória dos trolls e bruxas, que os usavam de mil maneiras criativas em suas culinárias monstruosas.

Havia, porém, até mesmo entre os gnomos mais furtivos, uma iguaria que consideravam superior à fruta mais suculenta ou mesmo aos pães e bolos mais deliciosos, era a Manteiga de Bruxa!

Ora, na realidade ela não era nenhuma manteiga, nem mesmo era feita com leite batido, porém era um fungo de geleia, comumente conhecido entre os homens como “cérebro amarelo” ou “geleia dourada” e entre os gnomos e seres fantásticos em geral como “manteiga de bruxa”!

Nas matas, segundo os boticários mais especializados, e os cozinheiros mais dedicados, era especial e raramente encontrado em fendas na casca das árvores em tempo chuvoso e possuía uma superfície convoluta ou lobada que era oleosa ou viscosa quando úmida, e quando seca transformava-se em uma massa enrugada, que podia ser guardada por anos até ser umedecida e retornar à sua forma e densidade originais.

Estas propriedades eram essencialmente consideradas maravilhosas pelos gnomos por causa de sua durabilidade, conservação e longevidade, bem como o gosto insuperável!

As bruxas, por outro lado, valorizavam-no por causa do perfume que exalava sua levedura, que utilizavam na preparação de suas poções de amor, fertilidade e atração em geral, particularmente aquelas utilizadas pelos homens ou criaturas do sexo masculino!

Muitas bruxas mantinham uma fazenda de fungos em seus porões úmidos e pestilentos, onde por vezes se dedicavam à fina e contrita arte da Esporulação!

A Velha Cinzenta, adepta voraz e exímia “connoisseur” fosse da arte da Esporulação ou da Gnomomaquia, a arte proibida e banida da caça aos gnomos, possuía em seu porão uma extensa e diversificada coleção de fungos, selecionados para este fim vil!

Com a disseminação dos homens pelas terras que já não conhecemos e com a diminuição aterrorizante das grandes matas virgens, também a “manteiga de bruxa” rareou cada vez mais, sendo tão difícil de encontrar quanto o furtivo e arisco unicórnio ou a arredia e misantropa ave Fênix!

Houve em certo tempo impreciso, dentro das grandes matas virgens que ainda rodeavam o norte da Charneca de Guay, onde os homens ainda não iam e os trolls eram raros e divagantes, um gnomo chamado Hans!

Era solteiro, o que por si só pode dizer mais sobre seu comportamento obsessivo-compulsivo pela já exemplificada arte da Esporulação, do que quaisquer tratados sobre a sociedade gnômica em geral.

Do latim vulgar “baccalaris”, o gnomo solteiro é aquele que por inaptidão inadvertida ou mesmo por inépcia persistente continua sem tomar uma companhia durante toda sua vida útil! Caso raríssimo na sociedade gnômica!

São vistos geralmente como párias inexperientes por demais ranzinzas, rabugentos, casmurros ou mesmo apenas antissociais.

Nosso gnomo em questão sofria de profunda antipatia misantropa!

O que por si só não compromete nossa história, diga-se de passagem.

Com a falta exacerbada da “manteiga de bruxa” nas matas onde ele vivia, e uma inaptidão regular para cultivar o fungo em seu próprio porão, Hans começou a olhar com olhos cobiçosos para a casinha de tijolos vermelhos e pedras coloridas em forma de estranhas e sinistras silhuetas no jardim.

O que não era bom, dado que a dona da referida casinha ser a Velha Cinzenta!

Lastimo ter que contar que o motivo por detrás de tão terrível empreitada fosse apenas a gulodice do referido gnomo que pretendia tão somente fazer um delicioso pudim de manteiga de bruxa, iguaria fantástica e manjar fabuloso!

Não era porém uma tarefa a ser tentada de forma descuidada ou precária!

Hans não foi insensato nem mesmo frívolo, muito pelo contrário, estudou por meses todas as suas opções, tendo lido diversos livros obscuros de contos de fadas que por vezes narravam de forma velada sobre o interior da casinha.

Consultou diversos folcloristas e vários contadores de histórias sobre ela!

Fato é que com o passar do tempo tornou-se um sagaz especialista em todos os assuntos que se relacionavam com a Velha Cinzenta.

Descobriu, por exemplo, em um velho alfarrábio cheio de receitas desnudas copiadas de pergaminhos agora perdidos pelo aterrador incêndio da Biblioteca de Alexandria, que houve certa vez em que ela já fora donzela e que morara em uma torre cúbica de tijolos vermelhos e teto verde cheio de malvas-rosas, nas praias da imorredoura Atlântida, antes que esta fosse engolida pelo oceano ciumento.

Descobriu em um daqueles sinistros grimórios daquela biblioteca esquecida na torre de um vampiro que o nome tenebroso da Velha Cinzenta foi esquecido há tanto tempo, que mesmo o imaginoso Homero já não o conhecia quando cantou sobre a época longínqua quando Aquiles foi lutar em frente às muralhas da maravilhosa Tróia.

Descobriu em um luxurioso e esquisito cabedal de contos fabulosos que a Velha Cinzenta possuía uma vassoura de cabo preto grosso e ponta cogumeluda e roxa com cerdas brancas impecáveis e para que ela utilizava a referida e absconsa vassoura, e seu rosto por detrás da barba branca ficou vermelho como um pimentão!

Descobriu por fim em um livro macabro, cuja capa era feito com um tecido odioso e que por vezes se parecia terrivelmente com pele, que a Velha Cinzenta tinha um pequeno caldeirão de ferro cru com runas secretas em volta da borda e uma biqueira de prata, com uma pequena moça do lado externo, que guardava em seu armário de caldeirões e que tinha estranhas e obscenas utilidades, como soia acontecer aos caldeirões de bruxas, bem como às suas vassouras!

A última de suas descobertas, feita sob a luz de uma lua cheia em uma das torres apodrecidas do velhíssimo e luxuriante Castelo da Laranjeira, foi o nome pelo qual a

Velha Cinzenta conhecia o Mestre de Todas as Bruxas, e este conhecimento diabólico quase foi o suficiente para transtornar completamente a sanidade do gnomo!

Cumprir dizer que foi tão somente por causa da gulodice que o movia que mal maior não lhe aconteceu! Afinal, tendo descoberto tudo isso, e ainda mais algumas descrições pormenorizadas do interior da casinha de tijolos vermelhos, achou-se devidamente preparado para realizar à tarefa à qual havia se proposto.

Não espalhou, no entanto, nenhuma notícia do fito que iria tentar, pois sabia o quão esperta e cruel era a Velha Cinzenta e não queria dar-lhe nenhuma vantagem.

Chegou a noite aprazada, escolhida por ser uma daquelas noites na qual a Velha Cinzenta, assim como todas as outras bruxas iriam ter com seu Mestre.

Quando o gnomo viu a silhueta da bruxa subindo em sua vassoura para o céu preto respingado de estrelas e sumir ao longe, saiu de seu esconderijo e entrou no jardim. O lugar era sinistro, havia lindas flores, heléboros carmim escuras, prímulas de um vermelho rosado, eranthis amarelas como o olho do sol e pulmonárias púrpuras em um tronco na borda da cerca frutuosa, campainhas brancas e gotas de neve que se misturavam com jacintos, campânulas e cilas azuis, tudo misturado com capim limão, pés de hortelã e menta e alguns arbustos de pitangueiras anãs.

A Velha Cinzenta havia aprendido muito de jardinagem com um vampiro que morava em um casarão em ruínas na borda da Charneca de Guay.

Trotou pelo meio das flores evitando as pedras coloridas que se assemelhavam à silhuetas de pessoas pequeninas, algumas delas voltavam os rostos marrons em sua direção, não gostou da sensação de ser vigiado. Entrou por um buraco de rato ao pé da porta. Atravessou a sala de estar até a porta da cozinha. Sobre a mesa estava posta uma lauta refeição para a Velha Cinzenta e o Mestre das Bruxas quando terminassem sua reunião, era a primeira vez que ele a visitava em sua casinha e ela queria deixar uma boa impressão! Chegou ao pé da porta do porão, estava entreaberta. Desceu com cuidado pelos degraus íngremes, pela escuridão amedrontadora. Quando chegou ao rés da escadaria parou e respirou um longo hausto.

Ao seu redor veio o cheiro pungente dos tantos fungos, cogumelos e líquens que a Velha Cinzenta cultivava, uma mistura de odores maravilhosamente terrosos e ácidos, de tal maneira que um arrepio de desejo passou pelo seu corpo. Olhou avidamente e localizou em um canto vários pares de tábuas apodrecidas sobre as quais nasciam em profusão os cachos amarelo-dourados da manteiga de bruxa. Aproximou-se pé ante pé e sorriu! Colheu grande quantidade amarela e dourada da manteiga de bruxa, fartando-se com o odor luxurioso que se erguia das tábuas apodrecidas onde crescia a iguaria.

Já se voltava para retornar pelo mesmo caminho que entrar quando, para seu horror, ouviu um som que jamais esperara ouvir, tendo em vista todo o conhecimento que havia amalhado sobre a Velha Cinzenta. O som, um longo e aterrorizante miado, contradizia todas as histórias que descobrira sobre o gato de nove caudas da bruxa, que havia sido atraído pelos habitantes daquela cidade próxima a Charneca de Guay e que este fora o motivo do terrível, vil e perverso fim que sucedera à todos os seus habitantes, mas sobre o qual não falaremos aqui, posto que esta não é a história adequada para isso!

Ao miado rouco sucedeu-se um rosnado baixo que fez um arrepio gelado descer pela espinha do gnomo! Deitado sobre a mesa do centro do porão estava o velho gato

Wampus! Uma coisa monstruosa e mortal, malhado de cinza e branco, olhos verdes luzidios e malvados, com apenas cinco patas, faltava-lhe a outra para completar os três pares, o que não o fazia menos mortal. Não acompanhara a dona naquele festim diabólico. Enfim, para matar a curiosidade dos leitores, esta história não é daquelas que tem final feliz!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



POR ROBERTO SCHIMA

O MAL INVISIVEL

Sou o mal insinuante, invisível, indiferente. Não escolho nacionalidade, religião, raça, situação econômica ou ideologia. Isso tudo não passa de bobagens. Sem orgulho ou vaidade, apenas existo, alimentado tanto por presas mais frágeis quanto por aquelas que se julgam inatingíveis. Bem, talvez um pouco de orgulho e vaidade... Afinal, vergar um espírito inquebrantável até parti-lo em pedaços é sempre um prazer para mim.

João Diogo Palmares achava-se um sujeito de inteligência superior à maioria. Até podia ter lá suas razões, formado que era em duas faculdades e tendo sido aprovado em um difícil concurso público anos atrás. Era dotado de um raciocínio lógico incomum, o que permitia-lhe resolver diferentes problemas em menos intervalo de tempo do que a maioria dos mortais.

— Sou muito bom!

Sim, João era um cara acima da média.

Seu pecado era não somente o conhecimento exacerbado que tinha disso, mas — e principalmente — a maneira como queria que os outros soubessem para jamais esquecerem: menosprezando-as, fazendo-as se sentirem à altura de suas próprias insignificâncias. Para isso, dada a sua estatura de quase dois metros e uma magreza de varapau, utilizava-se de todo o seu ar de pouco caso, quando não partia diretamente para comentários que tendiam a humilhar a sua vítima como a clássica pergunta:

— Você está me entendendo?

Que equivalia a chamar o outro de retardado.

Não era, pois, um sujeito muito popular e tampouco importava-se com isso, preferindo a solidão de sua própria companhia admirável a socializar-se com membros inferiores da raça humana. Não tardou a galgar uma alta posição em seu trabalho, fosse por sua capacidade ou por utilizar outras pessoas como degraus.

Mas, em toda couraça de perfeição, havia um ou outro arranhão, às vezes, até uma rachadura.

E João não se constituía uma exceção.

Por acreditar-se sempre acima dos outros, tinha medo de ser contaminado pela inferioridade deles. Evitava cumprimentar as pessoas dando-lhe as mãos ao ponto da grosseria em não corresponder a uma mão estendida, exceto, naturalmente, quando se tratava de alguém em posição acima da sua na hierarquia. Mesmo nesses casos, pouco depois, corria ao toailete a fim de desinfetar a mão com seu inseparável frasco de álcool em gel.

Bastava um espirro para que, imediatamente, marcasse uma consulta no clínico geral.

Seu apartamento tinha quase tantos medicamentos quanto em uma farmácia.

Fazia exames regularmente, ainda que nada sentisse de anormal.

Culpava a contaminação dos outros por um mal-estar.

Mas ele não admitia o rótulo de hipocondríaco. Isso não! Segundo suas próprias palavras e convicção, era uma pessoa previdente e, por isso — acreditava — viveria além

dos noventa anos, enquanto a maioria seria vitimada por infarto, enfisema pulmonar, cirrose, DST ou qualquer outro mal que assolava a sociedade.

Então, através de uma moderna rota da seda, quase sete séculos depois da Peste Negra, uma nova pandemia atingiu o Ocidente.

João Diogo Palmares ficou desorientado. Acompanhou atentamente todos os noticiários. Bradou mil e um palavrões contra, segundo ele, a ignorância, estupidez e irresponsabilidade de foliões, imprensa, artistas e autoridades por realizarem as festividades de carnaval em face da ameaça que cruzara o Atlântico.

— Idiotas insensatos e mentalmente cegos!

Segundo o conceito geral, o coronavírus merecia, quando muito, notas de rodapé nos jornais, enquanto os desfiles nas passarelas e a exibição das belezas ocupavam praticamente a página inteira. Milhões aglomeraram-se nas avenidas, salões, bares e restaurantes, incluindo turistas estrangeiros. Na disseminação, as pessoas cumpriram o papel que, durante a Idade Média, fora reservada aos ratos.

João, por seu turno, acompanhou horrorizado cada matéria sobre a nova moléstia, pesquisou na Internet, inclusive em *sites* estrangeiros, especialmente os da Alemanha — ah, sim, inteligentíssimo que era, estudara vários idiomas. Meses antes de ser decretada a quarentena e, não obstante a negligência do governo federal, ele, preventivamente, tirara todas as licenças-prêmio a que tinha direito, fizera estoque de mantimentos, adquirira toda sorte de remédios, vitaminas e máscaras cirúrgicas possíveis.

Fez de seu apartamento um verdadeiro *bunker* contra o novo vírus e só retirava a máscara do rosto quando estritamente necessário: durante as refeições ou os banhos. Até dormia com ela. Não era raro sonhar com a pandemia como algo corpóreo, uma criatura disforme, sombria, a persegui-lo por becos escuros.

Seus colegas fizeram piada, como costumavam fazê-lo sempre.

— A essa altura, o João deve estar mergulhado em uma banheira de álcool em gel. E riram.

Razões ou exageros a parte, não demorou para que alguns desses vissem seus risos transformados em lágrimas.

— Não vai me pegar! Não vai me pegar! Não vai me pegar! — repetia João como se fosse uma espécie de mantra. — Não vai me pegar! Não vai me pegar! Não vai me pegar!

Um espectro cobriu o planeta com seu manto.

Famílias esfacelaram-se. Empresas faliram. A economia ruiu.

De todos os seres vivos, somente a humanidade estava sendo afetada, como se fosse uma profecia apocalíptica.

A pandemia revelou o melhor de algumas pessoas e o pior da maioria. Chegou feito uma brisa distante, transformou-se num furacão, mas, eventualmente, dispersou-se, convertendo-se novamente em um sopro leve que mal faria um talo de trigo vergar-se.

O mal foi embora.

O mundo tornou a respirar.

Se lições foram aprendidas, somente o tempo diria.

Num certo edifício, moradores foram reclamar ao síndico do mau cheiro.

Vinha do apartamento do esquisito: o João. O que ele teria aprontado?

A contragosto, o síndico, que nunca simpatizara com aquele sujeito arrogante que costumava examiná-lo de alto a baixo, foi bater a sua porta e, ante o silêncio, tirou sua cópia da chave e entrou.

O incrível fedor e horror da cena que o aguardava, fez com que corresse dali e, ajoelhado no corredor, vomitasse o que tinha e não tinha no estômago.

João Diogo Palmares havia morrido fazia dias. Completamente limpo e besuntado de álcool em gel, automedicara-se com o medicamento do qual o governo falara mil maravilhas e, aliado a outros remédios que tomava para prevenir-se, tivera uma reação adversa, caindo duro em meio a sua farmácia particular.

O homem que viveria mais de noventa anos sempre se sentira melhor do que os outros, mais esperto, mais capaz. Acreditara-se estar imune à doença em seu refúgio. Entretanto, de tão inteligente e apegado às doenças do corpo, esquecera-se da doença da alma. Sua visão, tão mais além, tornara-o cego ao que deveria enxergar diante de seus olhos. E sua verdadeira doença, invisível ao microscópio como verdadeiro demônio que era, apossara-se de sua lógica e sua alma, corroera seu bom senso e conduziu-o ao abismo.

Sim, sou o mal insinuante, invisível, indiferente. Em meu canto, rio e rio da vaidade humana. Sempre a espreita, de tocaia ou abertamente, envolvendo, dominando. Na maioria das vezes, sou uma calamidade externa que chega tão suavemente quanto o luar rompe as nuvens. Posso também vir na esteira de relâmpagos e trovões. Todavia, outras vezes, o mal que eu represento já se encontra entranhado no cerne do indivíduo. Ele me vê todas as vezes que fita o espelho... E não me enxerga, pois enxergar a mim é ver o mal que existe dentro de seu próprio espírito. E, quanto a isso, a maioria demonstra uma maravilhosa incapacidade de admissão ou compreensão. Em sua cegueira, eu prospero.

Sobre Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e trinta e cinco antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



POR MÍ SANTIAGO

O RELÓGIO

Domingo chuvoso, mais um daqueles dias que você olha na janela e vê uma paisagem cinza, não que esteja reclamando desta belíssima cor, muito pelo contrário já que é uma de minhas favoritas, mas me parece que as pessoas acabam vestindo-se em acordo com esta tonalidade da palheta de cores, misturando-se ao cenário urbano.

E faltando apenas oito dias para o início da primavera, sinto como se estivéssemos em pleno inverno, com friozinho e chuva. Sem grandes atividades para o domingo – ou Sunday (Dia do Sol) nas línguas germânicas, e ainda Dominicus (Dia do Senhor) do latim — resolvi, logo após o almoço, folhear um álbum de família, que há tempos nada mais fazia além de tirar o pó.

Folha a folha tantas recordações! Ah, quanta saudade de quase todos aqueles que um dia estiveram ao meu lado, mas se foram para uma outra vida. A atividade também serviu para aguçar minha curiosidade em saber “como estariam” os parentes que perdera o contato, estão ainda vivos? De uma família grande como a de meu precioso pai, muitas primas acabei me distanciando pela trajetória da vida, que nos dirige à outras possibilidades.

Mas foi quando virei seguidas páginas até a segunda parte do álbum, no que diz respeito aos parentes de minha saudosa mãe, é que me deparei com algumas fotos em que o relógio aparece em muitas delas, emoldurando paredes de diversas moradias, até chegar à minha!

O relógio, que já passou por diversas cores, vejam só, de mogno, sua madeira natural o objeto foi pintado até na cor branca, desconfigurando totalmente a sua beleza.

Jogado de lá para cá, o bendito acabou aqui em casa, pendurado na sala de estar, juntamente com quadros e mesinha com utensílios históricos, uma combinação que deu certo!

Continuando com o álbum fui me lembrando da história desse relógio, quando meu bisavô materno Gabriel Correia dos Santos, vindo de duas aldeias próximas em Peso da Régua (região do Douro): Poiares e Canelas, lá da região de Coimbra, em Portugal, trazendo consigo além de malas muitas histórias, mas a do relógio é do Brasil, da cidade litorânea de Santos.

Gabriel, ainda em plena memória ativa passando dos 70 e tantos anos (na década de 70) falava e batia no peito ao informar que salvou de ser queimado o relógio que cuidava com tanto carinho quando trabalhou no jornal A Tribuna...

— Foram anos de devoção ao jornal, via entrar e sair tantos jornalistas e pessoas ilustres de Santos, além de fotógrafos, estagiários... era tanta gente! Meu serviço no setor administrativo com a papelada, mas ao me deparar com o relógio me veio à mente a lembrança de um antigo modelo que ainda criança cuidava lá em Poiares, na vila portuguesa, na casa de meus pais. Além de registrar com precisão, o pêndulo sonorizava as horas cheias e meias-horas, para mim não era um barulho como muita gente reclama, mas sim, uma orquestra, um som sem igual!

— Minha rotina com o objeto ficava para após o expediente e com muito prazer limpava, dava corda todos os dias, retirava o pó com cuidado por conta da precisão de suas badaladas e depois partia com a certeza de que estava tudo certo.

— Mas os dias de incerteza trouxeram movimentos tumultuosos até culminarem em grandes incêndios em jornais da Cidade. Me lembro muito bem da data: 24 de outubro de 1930, e de como aconteceu, quando a população agiu ateando fogo na sede do jornal A Tribuna, na Rua General Câmara, além de outros jornais: Gazeta do Povo e Folha de Santos, todos incendiados. Com rumores de que viria algo violento fomos dispensados mais cedo, assim consegui levar o relógio e outros objetos importantes que marcavam o jornal na sociedade. E a população enfurecida veio na tarde desse mesmo dia 24, em nome da revolução da Aliança Liberal.

— Esse movimento, se não me falha a velha memória, foi iniciado sob a liderança civil do ex-presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de derrubar o governo de Washington Luís e impedir a posse de Júlio Prestes, eleito presidente da República; o movimento venceu e Vargas assumiu. E após “baixar a poeira” e a reconstrução do jornal A Tribuna na volta ao trabalho eu contei sobre o relógio e os outros pertences, todos devolvidos.

Meu bisavô se gabava e enchia o peito em contar como conseguiu sair ileso do jornal e com os objetos antes do incêndio. E com o passar dos anos, e já aposentado, ainda uma última vez ele contou a história, mas já seu semblante não era o mesmo de outrora, notei uma certa mágoa, pois nunca fora reconhecido, nem um “muito obrigado” como já no final da vida falara. Gabriel alegara que se arriscou à toa.

Minha bisavó Giuseppa Giannocari – ou Giuseppina como sempre fora conhecida, só ficamos sabendo de seu nome correto recentemente na ocasião da árvore genealógica da família — quando casada com ele desde os 15 anos de idade, acostumada a viver em submoradias e cortiços aqui no Brasil, vinda junto de sua família tentar a sorte no Novo Mundo, fugindo da fome e da miséria em Cotrone, atualmente Crotona – comuna italiana da região da Calábria – assim criada sem grandes cerimônias e mordomias, apenas viveu!

Gabriel nunca ficou doente, com o biotipo magro e pálido, mesmo assim tinha uma “saúde de ferro”, mas perto dos 80 anos ficou de cama, Giuseppa desesperada avisou as filhas, netos e vizinhos e não se sabe quem levou a informação até o pessoal do antigo emprego dele.

Ainda acamado, certa tarde ao tocar a campainha a bisa se surpreendeu ao receber em sua humilde casa, um grupo de funcionários, os mais antigos que atuaram com ele no jornal A Tribuna, e o responsável pelo setor administrativo. A turma animada levou quitutes e mais que isso, conforto a ele. A satisfação em receber os antigos companheiros de serviço o deixara animado e corado. Conversas e risos alegraram o coração de meu bisavô e antes que partissem, uma grande surpresa que o fez derramar muitas lágrimas: o relógio, o histórico e sempre bem cuidado objeto fora entregue pelo responsável com aplausos e louvor, uma forma de reconhecimento a alguém que sempre vestiu a camisa e cuidou como a um filho das coisas que ele entendia ser valor histórico.

O relógio ficou por anos ainda, mesmo após o falecimento de Gabriel pendurado na parede da sala, seguindo para outros lares e vindo parar aqui em casa.

Ao olhar para o belíssimo exemplar que funciona normalmente em seus mais de 130 anos, me lembro deste acontecimento tão bem contado por meus antepassados, e

uma certeza de que herdei o gosto e amor pela profissão de Jornalista por conta dessa história; por causa de um relógio!!!



Sobre a autora:

Mí (Míriam) Santiago: jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

Contato: mirianssantos@gmail.com

<https://miriammorganuns.blogspot.com>

POR SELMA LUANNY

A HISTÓRIA DE AMINA

CAP 2 - A VIAGEM



Ao completar 17 anos, Amina expôs à mãe os seus ideais de vida. Para a mãe, e para surpresa da filha, aquela situação já era esperada. No íntimo, a mãe sentia em Amina a projeção da sua própria libertação. Era o que talvez sempre quisesse, mas nunca tivera coragem nem iniciativa para qualquer mudança de vida, além de ter sido dada em matrimônio ao marido, aos 14 anos de idade.

A mãe sentia como se lhe tivessem roubado a mocidade, numa adolescência nunca reconhecida pelos costumes da época. E a partir do casamento, com a procriação quase anual de mais um filho, ela fora jogada velozmente a uma maturidade inesperada. E sempre que via uma das filhas saindo de casa para ser dada em casamento e fazer parte da família dos maridos, uma amargura lhe tomava o coração.

Portanto, dirigindo-se a Amina, como amiga e confidente e disse:

— Amina querida, você tem a minha bênção e o meu silêncio para qualquer iniciativa rumo a uma vida que você imagina possa ser mais justa e livre. Mas tenha sempre em mente, que correrá grandes riscos a partir do momento em que deixar esta casa.

Apesar da gratidão, Amina não daria pormenores à mãe, para que ela não tivesse que assumir quaisquer responsabilidades pelo ocorrido, perante o seu pai e também, para não comprometer a segurança dela e dos demais irmãos.

Amina já sabia o que queria e como o conseguir. Por algum tempo já vinha planejando o seu futuro além daquela realidade que a rodeava.

E a saída de casa para longe, teria que ser através de uma tentativa única, sem possibilidades de fracasso, pois caso acontecesse qualquer revés, com o conhecimento do pai, estaria condenada a obedecê-lo e aceitar tudo que decidisse por ela, além de ser submetida a possíveis castigos, mesmo físicos, e certamente perda da pouca liberdade adquirida, como a ajuda no trabalho dito masculino, da família. Este era um sentimento de pavor — ter o seu mínimo grau de liberdade para sempre arrancado de si.

Tomara a decisão de partir secretamente rumo a Atenas, na Grécia e, se possível chegar até Alexandria, no Egito, onde as mulheres naquela época, aparentemente tinham maiores chances de sobreviver às custas das suas capacidades. Mas, tinha a certeza e convicção de teria que viver como homem até conseguir ser autossuficiente.

Partiria, como um homem, na caravana do Latino, que já era seu conhecido, sem o conhecimento dos de casa, muito menos do pai.

Quando este desse pela sua ausência, já se teriam passado vários dias preciosos e ele não saberia que rumo tomou.

2 Cap – A VIAGEM

E assim começou a grande jornada e verdadeira aventura da vida de Amina.

Consigo levava um mínimo de bagagem, além de um pequeno baú com moedas que circulavam naquela época (Dracmas), muitas das quais fornecidas pela mãe e o

suficiente para se instalar quando chegasse ao destino. Durante a viagem não precisaria pagar praticamente nada, pois oferecera o seu trabalho para qualquer tarefa necessária, em troca de comida e hospedagem nas paragens mais favorecidas, como oásis e cidades pelo caminho. E geralmente as caravanas só levavam trabalhadores braçais e de segurança (para proteção contra saqueadores pelo caminho), praticamente nunca passageiros

Sentia a cada dia, como o seu treinamento físico diário por mais de seis anos fora crucial para enfrentar o horizonte que se abria à sua frente.

Tinha um físico razoável até para os homens "normais". Além de uma altura que chegava aos limites inferiores masculinos. É claro que comparada aos homens da caravana estava no limite inferior, pois eles foram forjados naquele tipo de trabalho e vida de volumes e pesos, na prática, desde muito cedo. Além de serem homens.

Mas o melhor para Amina era que, com o treinamento e trabalho diário e extenuantes por horas e o suplemento de ervas, para aumentar a massa muscular, desde os 14 anos raramente era "visitada" pelo sangramento mensal das mulheres. E quando acontecia, era mínimo e rápido.

Amina, com os seus companheiros de caravana, teria que atravessar regiões desérticas e montanhosas por semanas, nas costas de um camelo ou a pé – dependendo do volume e peso da carga que o animal carregava — empreendimento intercalado por algum trecho sobre o mar. De um porto zarparia num navio até um próximo entreposto. E assim seria até o destino final que a chamava.

Todos os trechos da viagem, passando por vários entrepostos pelo caminho, eram taxados — viagens e paradas — porque uma caravana envolvida no transporte e comércio de todos os tipos de bens de consumo, pessoal e de construção, de necessidades básicas e prazer, carregava todas as comidas e preciosidades do mundo, usados e apreciados naquela época: sedas e lápis-lazúli dos reinos da China, incenso e especiarias da Índia e arredores, metais e pedrarias das mais diversas paragens, inclusive do Egito e Grécia.

E Amina sabia que poder partir como um dos trabalhadores e/ou protegidos pelo chefe da caravana, era um enorme alívio além de privilégio.

Até em viagens curtas a camelo, ela havia se treinado anteriormente, quando acompanhava o irmão Zal na busca e entrega de mercadoria — às escondidas do pai e demais familiares.

Só as viagens de navio seriam novidades para ela.

E a sua viagem para longe de casa, prometia muitas novidades e conhecimentos.

Tomando o nome do irmão, Zal, emprestado, partira como um homem e trabalhador em meio a um grupo na caravana sob a chefia do Latino Cedrus.

A viagem a camelo apesar de extenuante, só demonstrava o preparo e resolução dos homens daquela época. E se eles podiam e sobreviviam, Amina não tinha dúvidas de

que também tinha que o conseguir para poder sobreviver e atingir os seus objetivos de vida.

Depois de um duro percurso, chegaram à cidade de Tadmor/Tudmur*.

Naquela época, era uma cidade convidativa, desenvolvida e ativa, por ser um entreposto no meio do oriente próximo e da rota da seda. E o idioma falado era o Aramaico, por fazer parte da imensa região que constituía o então Império Parta.

Mas o almejado destino para Amina, estava muito além.

Amina tinha a profunda certeza de que teria que viver como homem até conseguir se firmar num ofício e/ou estudos e que a possibilidade de se revelar como mulher num futuro a curto ou médio prazo, em qualquer lugar, muito provavelmente estaria fora de cogitação.

Mas, dado à aceitação de mulheres na vida social e pública de Tadmor, poderia ser um retorno, caso os seus projetos não pudessem ser solidificados nos destinos ao redor do mar Mediterrâneo.

*Mais conhecida como cidade de Palmira (Síria)

Nota de rodapé: segunda parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA — partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

Sobre a autora:

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Feedback

escritores e leitores

REVISTA
**CONEXÃO
LITERATURA**



Mirian Menezes de Oliveira
ESCRITORA E MESTRE EM SEMIÓTICA

A REVISTA CONEXÃO LITERATURA, sob coordenação de Ademir Pascale, realmente, conecta leitores de todas as idades, articulando o clássico e o contemporâneo. Atrativa, propõe-se a disponibilizar diversos portadores de textos, valorizando o "livro", os autores nacionais e independentes. É um veículo de grande alcance: revista democrática e acessível. Gosto muito!

@menezesdeoliveiramirian



Luciana Simon de Paula Leite
ESCRITORA E JUÍZA DE DIREITO

Escrever faz parte de mim. Descobrir a revista Conexão Literatura foi uma grande alegria. Além da qualidade dos textos e das matérias, encontrei um veículo de grande circulação, além de idôneo, para enviar meus contos e, assim, compartilhá-los com meus amigos. Super recomendo!

@l.sleite



Henrique Medeiros Sérgio
ESCRITOR

A revista Conexão Literatura se destaca como uma grande incentivadora dos escritores, promovendo um jornalismo sério e responsável. Seu compromisso com a qualidade e a integridade é fundamental para a cena literária.

@HenriqueMedeirosSergio



Jr. Misaki
ESCRITOR E MESTRE EM ARTES

Eu sou muito feliz por ter participado de duas edições dessa revista, uma delas sendo capa como escritor destaque na área infantojuvenil, isso me marcou bastante, pela qualidade da escrita e do conteúdo que as edições oferecem para amantes da literatura brasileira, sem dúvida, a revista é uma porta aberta para escritores independentes como eu, que querem mostrar o seu trabalho para o mundo.

@jr.misaki



Dê o seu depoimento sobre a Revista Conexão Literatura, envie o seu comentário, rede social e foto para: ademir@divulgalivros.org

Os depoimentos poderão ser publicados no site da revista, redes sociais da revista e edições da revista.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES**

POR APENAS

R\$ 180

**DÊ MAIS VISIBILIDADE AO
SEU LIVRO E MOSTRE A
SUA OBRA PARA
MILHARES DE LEITORES.**

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademir@divulgalivros.org**

PACOTE

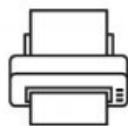
DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**

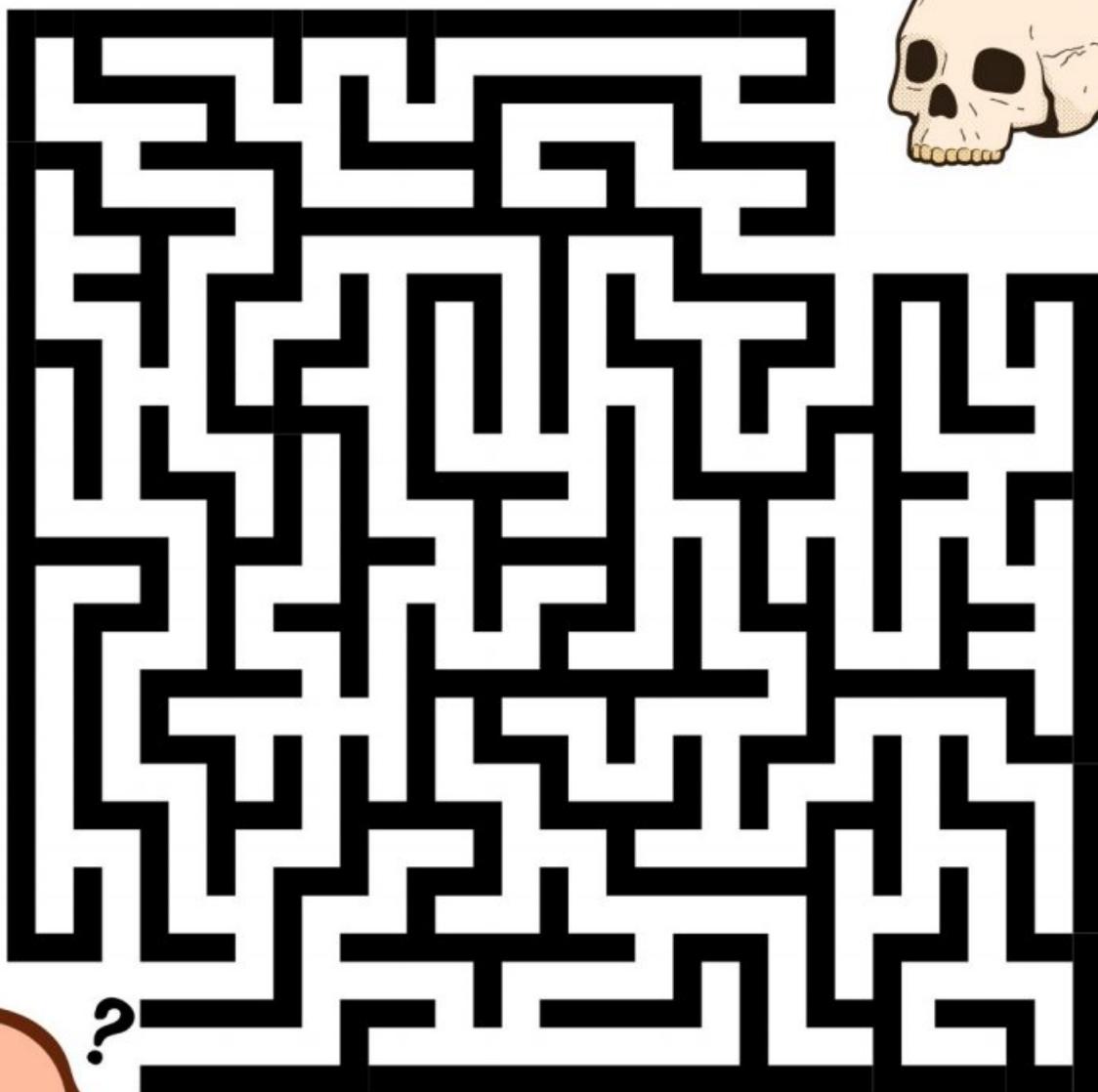
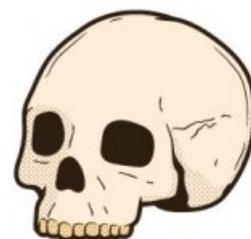


WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

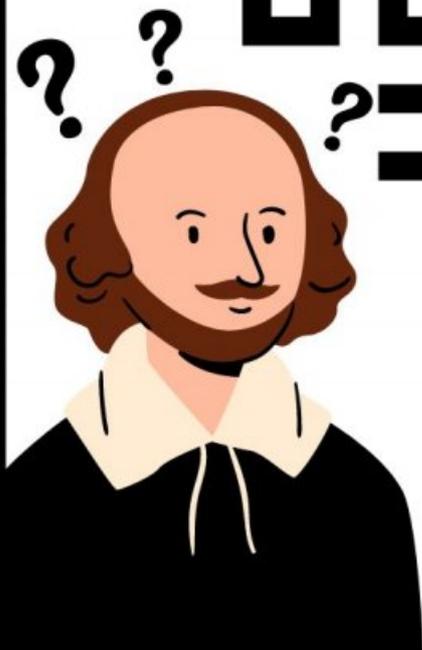
AJUDE WILLIAM SHAKESPEARE A ENCONTRAR O CRÂNIO



Para imprimir



By Ademir Pascale





**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+783 MIL +164 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONNECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.11.2024



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: **CLIQUE AQUI**
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd